

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

EDUARDA TOSCANO DE ABREU

Julgando o livro pela capa: iconografia, (pre)conceitos e ensino de História a partir de *A Escrava Isaura*

Uberlândia
2026

EDUARDA TOSCANO DE ABREU

**Julgando o livro pela capa: iconografia, (pre)conceitos e ensino de História a partir de
*A Escrava Isaura***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Gilberto César de Noronha

Uberlândia

2026

EDUARDA TOSCANO DE ABREU

Julgando o livro pela capa: iconografia, (pre)conceitos e ensino de História a partir de *A Escrava Isaura*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em História.

Uberlândia, 7 de agosto de 2026.

Banca Examinadora:

Gilberto César de Noronha – Doutor (UFU)

Katiusce Aparecida Silva Santos – Mestre (ILEEL-UFU)

Thiago Lemos Silva – Mestre (PPGHI- UFU)

AGRADECIMENTOS

Quando fico desesperançosa de como as coisas estão indo ultimamente na área da educação e ensino, lembro-me das vezes que minha mãe me levava até a livraria *Siciliano*. Aquelas mesinhas amarelas e vermelhas, com as cadeiras para crianças que minha mãe só conseguia se sentar por ser muito pequena e magra... foram aqueles momentos que me fizeram ser quem sou hoje. Não grande coisa, mas uma assídua leitora de livros. Alguém que consegue ser realmente tocada pelas palavras que ali se encontram. Alguém que consegue sair de um estado de melancolia, porque uma senhora judia que enfrentou o holocausto, teve a misericórdia de compartilhar sua História. Minha mãe, naqueles momentos lúdicos que marcaram minha primeira infância, conseguiu alterar o curso da minha vida até o que creio que será o seu fim. E por isso, lhe sou eternamente grata. Sou grata, também, aos livros e histórias que aprendi através das palavras. Assim, meu mundo é melhor e ainda há esperança no mundo de outros.

Realizar esta atividade de escrita foi extremamente pertinente ao configurar-se como um exercício de autoconhecimento. Uma procura através de meu passado, uma descoberta esclarecida em meu presente e uma certeza para meu futuro como pessoa e historiadora. A pessoa que sou constitui-se em uma fusão das pessoas que me criaram: meus pais. Pai, mãe, vocês me mostraram e ensinaram que a vida não vale a pena quando não se tem ânsias pelo conhecimento e coragem para se arriscar. Sem o apoio de vocês, eu não teria me aventurado no caminho da História, mesmo com tantos julgamentos por parte de terceiros. Obrigada por me abraçarem e nunca terem soltado minha mão.

Seguindo com minha trajetória de vida, em 2013, havia acabado de perder minha avó (ela faleceu em novembro de 2013): devido ao câncer que ela enfrentava e minha pouca idade tendo que lidar com a perda, ausentei-me da escola. Em 2014, comecei a estudar em uma escola particular de minha cidade, Uberlândia e começava a me readaptar ao ambiente escolar, aos olhares de julgamento de muitos colegas de sala, afinal, não era fácil repetir o quinto ano e ser a mais velha da sala. Entretanto, os livros sempre me acompanhavam. A escola promovia fichas de leitor, em que registrávamos as impressões de leituras semanais da biblioteca escolar. A cada leitura, escrevíamos em uma ficha o nome do livro e a data. Ao final do mês, a professora anunciava o ganhador, ou seja, quem havia lido mais livros e exibia nossas fichas para todos. Me encantava escutar meu nome nessas horas, eu me sentia vista através de outra coisa além da minha idade. Eu não era só a mais velha, como a que conseguia ler mais.

Ademais, a escola realizava um concurso denominado *Soletrando*, condizente com o próprio nome: deveríamos soletrar as palavras enunciadas pela professora adequadamente. Configurava-se como mais uma forma de nos classificarmos através de competições entre os colegas de sala. Até hoje, mesmo 11 anos depois, eu me lembro do acento que me fez errar e perder aquela bicicleta que representava o prêmio. A palavra “característica” me fez perder. Contudo, ela me ensinou que cada letra faz a diferença em uma palavra. Cada letra ou ausência dela, nos faz enfrentar consequências. No meu caso, perdi a chance de ganhar uma bicicleta nova. Anos mais tarde, poderia ter minha redação penalizada pela ausência deste “í”, ou poderia ser desclassificada de alguma vaga de emprego. Poderiam achar que não sei escrever adequadamente uma palavra tão básica quanto “característica”. O concurso de soletrar me fez enfrentar a importância das palavras e seu peso no mundo, assim como o peso de perder.

O ano seguinte, 2015, me deixou inquieta em relação às palavras e ao que elas tinham o poder de formar: História. A professora de História havia escrito a frase *Você é meu orgulho* na minha prova e eu me senti a garota mais inteligente da sala quando li. Eu era especial por ter juntado palavras que faziam sentido naquela prova. Não apenas acertei as letras, mas consegui elaborar sentido através de frases. Sentido no que tange à História e à matéria ministrada naquele momento: Babilônia, Mesopotâmia e mercantilismo. Assim, a leitura do livro didático, os resumos realizados a partir dela e a construção de respostas coerentes às perguntas demandadas na avaliação, me fizeram o orgulho da professora.

Após um ano deste ocorrido, foi quando fiz minha primeira amizade com um menino. Havia ganhado um melhor amigo através de leituras em comum. O universo criado e escrito pela autora Cassandra Clare, *Instrumentos Mortais*, me ajudou a ter assunto e me fazer interessante e divertida. Em questão de dias, éramos grandes amigos. Amigos que falavam de livros e os associavam à vida. Existir era mais feliz porque eu conseguia fazer amizades pelo simples fato de gostar da Literatura. O mais engraçado é que eu havia escolhido os livros anteriormente citados, apenas olhando a capa. A curiosidade adolescente me levou a comprar um livro apenas para descobrir de quem se tratava, quem era aquele menino da capa.

Em 2017, fiz mais uma amizade, desta vez com uma menina que me chamou para uma viagem que perdura como sendo uma de minhas preferidas da vida. Anhanguera era a cidade que visitamos, na grande casa de seus tios. Nessa época, eu lia a sequência dos livros que foram citados acima. Me achava culta por isso, por conseguir ter lido doze livros de *Instrumentos Mortais* e superado essa etapa. Estava mais adulta, já que agora eu lia o que vinha depois: *As peças infernais*. E tinha uma amiga para compartilhar o que era descoberto. Além disso, compartilhávamos o quarto, porém, em beliches diferentes. Anhanguera tem cheiro de livro

novo. A cidade gera lembranças de um universo de humanos e anjos, estruturado no século XIX: um romance proibido.

Agora, dando um pequeno salto no tempo, em 2022, tive minha primeira cólica de rins e o Connell e a Marianne me acompanhavam enquanto tomava soro na clínica médica em que minha mãe trabalha. Eu lia *Pessoas Normais* e buscava entender o porquê de os personagens principais não terminarem juntos na história. Em 2025, passei a ler uma saga sobre dragões e mesmo sendo um romance bobo e fantasioso, chorei enquanto lia. A autora descreveu um laço entre um ser mítico e uma humana de forma tão mágica, que me senti representada. Senti o luto pela minha avó, o qual perdura há mais de uma década e sei que provavelmente assim será pelo resto da vida.

O apreço pelas palavras e seus significados na História e Literatura, enfim, foi o fator que me permitiu adentrar no universo da pesquisa acadêmica. Minha primeira Iniciação Científica foi voltada para as palavras e suas representações e correspondências. Foi impressionante estudar como o vocabulário oitocentista mineiro utilizado por tabeliães de um cartório de Notas possui o poder de evocar outro continente, o africano. Compreender a História por trás das palavras foi uma forma de conhecer a alteridade e a pluralidade das narrativas. Este projeto foi mais uma forma de crescer ao longo da minha vida, seja através dos diálogos profundos com o Professor Gilberto em sua sala no Bloco 1H, sempre às tardes, seja pelo comentário extremamente pertinente para revisão histórica, realizado pela Professora Ivete durante minha apresentação oral em um evento *online*, seja pelas orientações e conselhos acadêmicos oferecidos pelo meu grande amigo Salomão.

Através de muita orientação por parte do Professor Gilberto, eu entendi que as palavras importam e que meu interesse por elas, pode permear um caminho na historiografia, até então, desconhecido. Além disso, minha participação no Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo (GEMAM), coordenado pela Professora Semíramis, foi igualmente fundamental. A História Antiga me ensina sobre as diferentes formas de escravização em tempos remotos, e como as palavras são chaves pertinentes para sua evidenciação. A cientificidade é alcançada muitas vezes, através de registros históricos realizados pelos agentes escritores. Assim, percebi que a História de Heródoto, Plínio e Tucídides, é feita do mesmo material que atualmente tenho o prazer de conhecer: o papel [os papiros, no caso deles, no sentido do suporte] e as sequências de letras que registram a vida, revivida no ato da leitura.

“Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a última das liberdades humanas - escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida, escolher o próprio caminho. Cada momento é uma escolha. Não importa quão frustrante, chata, limitadora, dolorosa ou opressiva for nossa experiência, podemos sempre escolher como reagir. Finalmente comecei a entender que eu também tenho uma escolha. Essa compreensão mudará minha vida.” (Edith Eva Eger)¹

¹ EGER, Edith Eva. *A bailarina de Auschwitz*. Tradução de Rachel Agavino. Rio de Janeiro: Sextante, 2017. p. 178.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa e ação pedagógica realizadas no âmbito do curso de Licenciatura em História. A iniciativa envolveu a análise das imagens que compõem as capas, cenas literárias e folhetins referente às diversas edições do romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, problematizando historicamente os (pre)conceitos que orientam a composição destas produções editoriais e da imprensa. Para tanto, abordamos a relação entre História e Imagem, explorando conceitos referentes à iconografia como formadora/disseminadora de estereótipos e conhecimentos que remontam à época oitocentista e se mantêm enraizados na sociedade contemporânea. Trata-se de uma pesquisa-ação que se estruturou numa proposta pedagógica referente a elaboração de uma oficina de análise de capas da obra, assim como uma discussão histórica comparada da obra em relação à sua versão em folhetins, visando atender aos estudantes da educação do terceiro ano do ensino médio, através de uma maior acessibilidade em relação ao conhecimento histórico. Entendendo que as capas são criações artísticas singulares, que ultrapassam sua relação imediata com a proposta de dar a ver a obra, o trabalho visa à contribuição para a formação de estudantes da educação básica para a leitura de imagens e de folhetins buscando a ampliação das possibilidades do ensino e aprendizagem da história.

Palavras-chave: Ensino de História. Literatura. Imagem.

ABSTRACT

This work aims to present the results of a research and pedagogical action carried out within the scope of the History degree course. The initiative involved the analysis of the images that make up the covers, literary scenes, and serials related to the various editions of the novel **A Escrava Isaura**, by Bernardo Guimarães, historically problematizing the (pre)conceptions that guide the composition of these editorial and press productions. To this end, we address the relationship between History and Image, exploring concepts related to iconography as a shaper/disseminator of stereotypes and knowledge that date back to the 19th century and remain rooted in contemporary society. This is an action-research project structured around a pedagogical proposal for the development of a workshop on the analysis of the book's covers, as well as a comparative historical discussion of the work in relation to its serialized version, aiming to serve third-year high school students through greater accessibility to historical knowledge. Understanding that book covers are unique artistic creations that transcend their immediate purpose of showcasing the work, this project aims to contribute to the training of basic education students in the interpretation of images and pamphlets, seeking to broaden the possibilities of teaching and learning history.

Keywords: History teaching. Literature. Image.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Folha de rosto da primeira edição do livro <i>A escrava Isaura</i>	25
Figura 2 – Anúncio da obra <i>A Escrava Isaura</i> entre as publicações brasileiras disponíveis na Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Porto (1875).	26
Figura 3 - Paineis de representações visuais de <i>Isaura</i> a partir das capas das edições literárias	51
Figura 4 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> – 1944 [6ª capa do quadro].....	59
Figura 5 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [7ª capa do quadro].....	62
Figura 6 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [8ª capa do quadro].....	63
Figura 7 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [10ª capa do quadro].....	64
Figura 8 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [11ª capa do quadro].....	65
Figura 9 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [12ª capa do quadro].....	67
Figura 10 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [13ª capa do quadro].....	68
Figura 11 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i>	71
Figura 12 – Pintura <i>Os Retirantes</i> (1944), de Candido Portinari.....	71
Figura 13 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [14ª capa do quadro].....	72
Figura 14 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [15ª capa do quadro].....	73
Figura 15 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [16ª capa do quadro].....	73
Figura 16 – Cartaz de divulgação do filme ‘E o vento levou’ [Gone with the wind]	75
Figura 17 – Versões de banda [história narrada em imagens] inspiradas em <i>A Escrava Isaura</i>	75
Figura 18 – Capa da versão alemã <i>Die Sklavin Isaura</i>	77
Figura 19 – Princesa Bela, de <i>A Bela e a Fera</i>	77
Figura 20 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [26ª capa do quadro].....	78
Figura 21 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [29ª capa do quadro].....	78
Figura 22 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [33ª capa do quadro].....	80
Figura 23 – Pintura <i>Woman With a Fan</i> (1876).....	80
Figura 24 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [44ª capa do quadro].....	80
Figura 25 – Pintura <i>Madame Henriot</i> (1876).....	80
Figura 26 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [34ª capa do quadro].....	81
Figura 27 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [37ª capa do quadro].....	81
Figura 28 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [41ª capa do quadro].....	81
Figura 29 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [43ª capa do quadro].....	81
Figura 30 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [47ª capa do quadro].....	82
Figura 31 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [61ª capa do quadro].....	82
Figura 32 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [62ª capa do quadro].....	83
Figura 33 – Pintura <i>Malincolia</i> (1841).....	83
Figura 34 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [55ª capa do quadro].....	84
Figura 35 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [57ª capa do quadro].....	84
Figura 36 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [61ª capa do quadro].....	85
Figura 37 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [66ª capa do quadro].....	85
Figura 38 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [70ª capa do quadro].....	88
Figura 39 – Bandeira Ruanda	88
Figura 40 – Bandeira Gabão	88
Figura 41 – Bandeira Botswana.....	88
Figura 42 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [71ª capa do quadro].....	89
Figura 43 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [72ª capa do quadro].....	89

Figura 44 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [73ª capa do quadro]	89
Figura 45 – Capa do cordel <i>A Escrava Isaura</i> [4ª capa do quadro].....	90
Figura 46 – Capa do cordel <i>A Escrava ISAURA</i> [19º do quadro].....	94
Figura 47 - Capa do cordel <i>A ESCRAVA ISAURA</i> [54º do quadro]	96
Figura 48 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> (1920) [2ª capa do quadro].....	99
Figura 49 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [9ª capa do quadro].....	99
Figura 50 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [42º capa do quadro].....	99
Figura 51 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [57ª capa do quadro].....	99
Figura 52 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [65ª capa do quadro].....	99
Figura 53 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [31ª capa do quadro].....	103
Figura 54 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [55ª capa do quadro].....	103
Figura 55 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [58ª capa do quadro].....	103
Figura 56 – Capa de <i>A Escrava Isaura</i> [72ª capa do quadro].....	103
Figura 57 – Representação de Isaura elaborada a partir da descrição presente no romance <i>A Escrava Isaura</i> , de Bernardo Guimarães, gerada por inteligência artificial.....	118
Figura 58 - Capa de <i>A Escrava Isaura</i> (33ª capa do quadro)	121
Figura 59 - Capa de <i>A Escrava Isaura</i> disponibilizada no acervo da E. E. Messias Pedreiro.....	121
Figura 60 - Mural dos desenhos de Isaura, disponibilizado na E. E. Messias Pedreiro.....	123
Figura 61 - Registro de Oficina ocorrida na E. E. Messias Pedreiro, através do PIBID.....	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: “AS IMAGENS DE ISAURA”: HISTÓRIA E LITERATURA.....	23
CAPÍTULO 2: REPRESENTAÇÃO DE ISAURA NO IMAGINÁRIO VISUAL	45
2.1 Raça, gênero e estereótipos nas produções editoriais	49
2.2 Quadro comparativo: romance em perspectiva crítica.....	106
CAPÍTULO 3 PROPOSTA PEDAGÓGICA: OFICINA DE LEITURA DE IMAGENS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	113
3.1 Pesquisa-ação e ensino de História na Licenciatura.....	113
3.2 Descrição da oficina: relato de uma experiência como pibidiana.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	128
Apêndice A: A Escrava Isaura como material didático [material da oficina].....	134

INTRODUÇÃO

A personagem criada por Bernardo Guimarães não é apenas um exemplo de pureza. Ela é talvez o nosso mais claro exemplo de uma “alpinista racial” e, neste sentido, personifica a questão da mestiçagem no Brasil, um tema ainda não resolvido no nosso imaginário. O processo intermediático permite que seja observada também, por diversos ângulos, o tratamento que o elemento mestiço recebe na nossa cultura.

(José Guimarães Caminha Neto)²

A obra literária brasileira *A Escrava Isaura* foi escrita por Bernardo Guimarães, romancista nascido em Ouro Preto, Minas Gerais e teve sua primeira versão publicada inicialmente em folhetim, no ano de 1874, pelo jornal *O Globo*. Já em 1875, houve a primeira publicação em forma de livro, lançado em um momento político marcado pela campanha abolicionista do século XIX, que viria a ter vitória em 1888. O autor, inclusive, recebeu uma expressiva homenagem do imperador Dom Pedro II, contando com sua visita em terras mineiras, em 1881.³

A obra *A Escrava Isaura* aborda literariamente o cotidiano do Brasil oitocentista, sendo um romance em torno do amor, pureza e perfeição do ideal feminino brasileiro, tema historicamente enviesado até mesmo através das capas da obra. Ademais, trata-se de uma visão do mundo romântico da literatura, perpassando por ideais da classe privilegiada branca, além de suaves conexões com o movimento abolicionista ascendente na época.

É legítimo enfatizar a relevância histórica e cultural da obra, que apesar de se tratar de um romance, e talvez por isso mesmo, fornece elementos significativos para a compreensão da história do Brasil na segunda metade do século XIX. Em seu livro, Guimarães apresenta uma personagem feminina como protagonista, que enfrenta episódios de assédio sexual, fugas e perseguições ao ocupar uma condição de inferioridade, como uma escravizada em uma fazenda em Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro.

Segundo a interpretação da historiadora Graziela Escocard Ribeiro,

As páginas deste romance estão impregnadas de memória, que remete o leitor ao [...] pensamento da elite intelectual abolicionista de seu tempo. Pela leitura da obra, reconhecemos o quanto este contexto histórico da escravidão determinou o texto de Bernardo Guimarães. Dessa forma, ao compor “A

²CAMINHA NETO, José Guimarães. *A escrava Isaura: uma visão multidimensional*. 2003. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

³ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Bernardo Guimarães: biografia*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/bernardo-guimaraes/biografia>. Acesso em: 25 mar. 2026.

Escrava Isaura”, o autor acabou por nos dar um testemunho relevante de seu tempo.⁴

Por outro lado, ainda que possamos discutir a relação direta entre contexto de produção e obra, é reconhecido o impacto cultural da obra no imaginário social brasileiro. Desde sua publicação em folhetim, a história tem circulado em diferentes versões e diferentes meios de comunicação. A sua versão em folhetim, como pelo jornal Constitucional de Ouro Preto – cidade natal do literato – e em jornais como O Globo, em 1874 – ano anterior ao lançamento do livro. A história também foi adaptada para diversas linguagens, desde a literatura de cordel⁵ aos audiovisuais, como destaca Ribeiro:

Bom, ninguém propriamente pode afirmar qual foi a intenção de Bernardo Guimarães ao escrever “A Escrava Isaura”. A única coisa que podemos considerar é a sua polêmica gerada no século XIX, que ainda é debatida hoje por várias pessoas envolvidas com a literatura e história. Todavia, hoje em dia, o segundo palpite, o mais cogitado, é aquele que associa o êxito dessa obra à sua adaptação televisiva no formato de novela na Rede Globo de Televisão, por Gilberto Braga, na década de 1970, sob a direção de Herval Rossano e Milton Gonçalves. Nesta adaptação, Isaura foi interpretada pela atriz Lucélia Santos, papel que marcou sua carreira, já em seu primeiro trabalho na televisão, tornando-a eternizada, pelo público brasileiro e mundialmente por onde a novela circulou, como a escrava Isaura.⁶

Intrigada com essas variadas formas de representar a personagem, a intenção deste trabalho é a de investigar como Isaura tem sido representada nestes mais de 150 anos de sua circulação: escolhemos especificamente analisar as representações visuais elaboradas para as capas da obra, que colocam em diálogo as cenas literárias escritas por Guimarães com as questões de sua época de produção. A questão problema que nos guiou foi: que (pre)conceitos orientam a composição visual das capas que apresentaram as diversas edições de *A Escrava Isaura*, e o que essas imagens ensinam sobre, ou como distorcem, a escravidão no Brasil?

O objeto de pesquisa são as múltiplas imagens de Isaura. O objetivo geral é analisar tais representações visuais nas edições de *A Escrava Isaura* problematizando os (pre)conceitos⁷ que as orientam. Para tanto, foi necessário, especificamente, relacionar História e Imagem

⁴ RIBEIRO, Graziela Escocard. Muito além da ficção: “A escrava Isaura” de livro se transformou em novela, virou lenda e até assombração. *Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes*, 2009. p. 2.

⁵ BATISTA, Francisco das Chagas. *A escrava Isaura*. n. ed. Gráfica e Editora GED, 1930. 24 p.

⁶ RIBEIRO, Graziela Escocard. Muito além da ficção: “A escrava Isaura” de livro se transformou em novela, virou lenda e até assombração. *Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes*, 2009. p. 5.

⁷ Conceito é uma unidade cognitiva abstrata que permite representar e organizar classes de objetos ou processos, sendo aberto à revisão crítica; preconceito, por sua vez, é um juízo prévio e rígido, baseado em estereótipos, que resiste à evidência e tende a justificar exclusão e discriminação. Enquanto o conceito opera como ferramenta de compreensão e construção teórica, o preconceito funciona como mecanismo de simplificação e hierarquização social, fixando interpretações de modo não crítico. C.f ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

como campo teórico-metodológico, comparar capas e folhetins em perspectiva histórica tendo em vista a elaborar uma proposta pedagógica de oficina para a educação básica.

A iniciativa envolveu a análise das representações da personagem através das capas do romance, dialogando com a obra de Guimarães em sua versão em folhetim e em livro, problematizando historicamente os (pre)conceitos que orientam a composição destas produções editoriais e de imprensa. Para tanto, buscou-se investigar as referências histórico-culturais e quais interpretações essas construções imagéticas (seja através de cenas literárias, imagens mentais⁸ ou visuais) repercutem sobre a figura da mulher afrodescendente, remetendo ao Brasil oitocentista e à época de produção das imagens analisadas.

A pesquisa visou o estudo de evocações do passado, tendo em vista que estas remetem a diferentes temporalidades⁹. Nesse sentido, buscou interpelar historicamente as diferentes figurações de Isaura presentes nas capas das diversas edições do livro. Entendemos que as capas são criações artísticas singulares que, para além de sua relação imediata com a proposta de dar a ver a obra, podem ou não ter relação de correspondências com as imagens literárias da obra originária de Bernardo Guimarães: há diferentes vestígios da História nelas e maneiras distintas de compreender a escravidão e os escravizados.

Além disso, gostaria de enfatizar meu fascínio e admiração pela literatura, já que esta possibilita tornar qualquer leitor, um eterno viajante. A leitura de obras literárias permite que conheçamos diferentes mundos e personagens, que podem, ou não, estar relacionados com nossa bruta realidade. Nesse sentido, para além de sua temporalidade, livros como *A escrava Isaura*, publicado ainda no século XIX, são ainda capazes de mobilizar sentimentos, promover ensinamentos e discussões na atualidade. Sobre isso, o teórico Hans Jauss disserta que a:

⁸ Conceito fortemente explorado pelo filósofo Aristóteles, no contexto da Grécia Antiga. Sendo assim, conferimos em: Em seu discípulo, Aristóteles, percebemos que o conceito se amplia e a imagem se relaciona à memória. O filósofo explica que a percepção sensorial produz uma afecção decorrente de um objeto externo e que seu [...] estado duradouro chamamos de memória, é uma espécie de imagem; de fato, o estímulo que é produzido imprime um tipo de similitude da percepção do objeto (ARISTÓTELES, *Da Memória e da Revocação*, I, 449b). A memória pode, então, ser entendida como sinônimo de imagem mental, a qual é indispensável à ação de imaginar. C.f NUNES, Meire Aparecida Lóde; OLIVEIRA, Terezinha. *Imagem e educação: um estudo sobre a potencialidade educativa das imagens por meio da compreensão de *imago* e sua influência no exercício do pensar. Perspectiva*, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 1–14, 2020, p. 3. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2020.e65854>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁹ Tais preocupações dialogam com o projeto de pesquisa desenvolvido pelo prof. Gilberto César de Noronha junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política intitulado “Os usos políticos do passado: desafios para o ensino e a pesquisa em história” que se propõe a investigar fontes, temáticas, temporalidades e abordagens teórico-metodológicas diversas que discutam o ensino da história e a historiografia interessada na problemática da memória, nas relações de poder/submissão/subversão dos usos políticos do passado; a gestão dos sentimentos e das paixões sociais; a construção de racionalidades, os afetos e sensibilidades, a alteridade e as subjetividades envolvidas no ato de lembrar e esquecer; questões epistemológicas relacionadas às tênues fronteiras entre memória e história, suas linguagens e dispositivos diversos que não se reduzem às narrativas historiográficas mobilizadas no ensino e na escrita da história, em suas múltiplas orientações teóricas. (Registro DIRPE/PSF Nº024/2026).

(...) tradição literária não é capaz de transmitir-se por si mesma e de que, portanto, um passado literário só logra retornar quando uma nova recepção o traz de volta ao presente, seja porque, num retorno intencional, uma postura estética modificada se reapropria de coisas passadas, seja porque o novo momento da evolução literária lança uma luz inesperada sobre uma literatura esquecida, luz esta que lhe permite encontrar nela o que anteriormente não era possível buscar ali.¹⁰

Esta busca pelo aprendizado através da literatura, possibilitou o desenvolvimento de uma iniciação científica que visou investigar a conduta dos historiadores em relação ao campo literário, ou seja, sobre como a historiografia interroga e dialoga com a literatura para ampliar os conhecimentos históricos¹¹. Nesse sentido, este trabalho dialoga com o desenvolvimento da mencionada iniciação científica, que contribuiu para o aprofundamento teórico ao realizar um levantamento de trabalhos historiográficos relacionados à literatura¹². Procura compreender os mecanismos do ofício de historiador no que tange à literatura, ou seja, como este profissional trabalha e articula as obras literárias à historiografia. A iniciação científica foi complementar a esta jornada de conhecimento sobre a articulação entre historiografia e literatura, aqui considerada também sobre a perspectiva das possibilidades do estudo da relação entre história e imagem, através da análise das capas do romance em questão.

Verificou-se que há uma carência de obras historiográficas que tratam acerca da violência da escravidão junto à literatura. Ademais, a historiografia carece de estudos que levem em conta a historicidade das diversas capas da obra literária em questão¹³, sendo que estas transmitem mensagens e interferem nas representações sobre Isaura que são posteriormente disseminadas (seja através de capas, livros e conteúdos audiovisuais), uma legítima lacuna do conhecimento histórico.

Este trabalho me fez compreender a importância, não apenas do diálogo entre história e literatura, mas também sobre a relação entre história e imagem, cujos estudos não são recentes.

¹⁰ JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. p. 18-19.

¹¹ ABREU, Eduarda Toscano de; NORONHA, Gilberto Cezar de. [título do projeto] *Projeto de iniciação científica (Formulário PIVIC I – Servidor)*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2025. Processo n. 23117.039018/2025-56. Documento SEI n. 6406817.

¹² ABREU, Eduarda Toscano de; NORONHA, Gilberto Cezar de. [título] *Projeto de iniciação científica (Formulário PIVIC I – Servidor)*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2025. Processo n. 23117.039018/2025-56. Documento SEI n. 6406817.

¹³ KRAEMER, Lena. *Judging a book by its cover: reader responses to paratexts in English and German translations of Chinese banned books*. 2020. Tese de Doutorado. Newcastle University. MATTOS, Margareth Silva de; RIBEIRO, Patricia Ferreira Neves; VIANNA, Sabrina. Capas e contracapas de livros ilustrados: espaços privilegiados de estratégias discursivas. *Cadernos de Letras da UFF Dossiê: A crise da leitura e a formação do leitor*, v. 52, p. 349-372, 2016. VANDERSCHANTZ, Nicholas; TIMPANY, Claire. *Who says you can't judge a book by it's cover?*. 2013.

Conforme discutido por Fontanini (2021) a partir das ideias de Burke, assim como a escrita, o universo das imagens está repleto de possibilidades para os historiadores. Isso ocorre porque os objetos visuais passaram a ocupar um lugar de destaque justamente por ajudarem a responder a novas questões históricas. Nas palavras do próprio Burke, áreas como “a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo etc.” foram viabilizadas, entre outras fontes, pelo uso das imagens. Ainda segundo o autor, o uso mais intenso desses objetos imagéticos se consolidou a partir dos anos 1980, com a chamada “virada pictórica”, termo empregado por William Mitchell para designar novas abordagens históricas voltadas à análise visual, surgidas com força nos países anglófonos. No entanto, Burke também recorda que historiadores do século XIX, como Jacob Burckhardt e Johan Huizinga, já produziam estudos baseados em objetos imagéticos.¹⁴

A presente pesquisa possui o intuito de compreender a produção imagética em torno de *Isaura*, publicada nas diversas edições da obra. Para tanto, procurou observar as imagens em sua relação com os padrões femininos das diversas temporalidades das capas/imagens de *Isaura*. Verificou-se as artes das capas das diversas edições da obra através de uma análise das produções editoriais e de imprensa. Em seguida foi organizado um ciclo de oficinas didáticas para alunos do terceiro ano do Ensino Médio, sobre a historicidade da representação feminina a partir da obra e capas de *A Escrava Isaura*.

Assim, este trabalho se constituiu em três frentes indissociáveis relacionadas à pesquisa, ao ensino e à extensão. Desenvolveu-se um trabalho de extensão baseado na proposta aqui detalhada, configurado pelo ciclo de oficinas didáticas que ocorreram na Escola Estadual Messias Pedreiro, em Uberlândia, Minas Gerais, sob supervisão da professora historiadora Katiusce Silva. O vínculo com a escola e supervisora havia sido construído ao longo de minha graduação, durante minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

A proposta das oficinas orientou-se pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao propor como objetivo “a leitura de obras significativas da literatura brasileira, contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção, tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico”¹⁵ procurando-se desenvolver as seguintes habilidades:

¹⁴ FONTANINI, Khyara. Historiografia e imagem: Uma perspectiva historiográfica sobre a adesão das fontes visuais na História internacional e nacionalmente. *Oficina do Historiador*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. e37432, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/oficinadohistoriador/article/view/37432>. Acesso em: 28 abr. 2026.

¹⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 524-525. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.¹⁶

A presente pesquisa visou investigar evocações do passado, cunhadas em diferentes temporalidades, pertinentes a imagem da personagem Isaura. A proposta se assenta e se justifica pela importância de se considerar a imagem como veículo/materialidade e visualidade de estereótipos raciais e de gênero enraizados desde o século XIX. Além disso, destaca a necessidade de formar estudantes da educação básica – possíveis jovens leitores - para a leitura crítica de imagens e a contribuição do ensino de História para além dos conteúdos curriculares tradicionais, que são pontuados como pela leitura de obras literárias obrigatórias para a realização de processos seletivos que possibilitam o ingresso no ensino superior.

Nesse sentido, a dissertação de Werianny Santiago, *Damas Negras: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza a construção da personagem feminina*, é extremamente relevante para o tema. Discute acerca da imagem da mulher negra construída através das obras literárias brasileiras, perpassando pelos respectivos contextos históricos em que as representações foram construídas e considerando, também, as narrativas em forma de discurso que foram ascendentes em cada período.¹⁷

Por sua vez, Santiago (2015) analisa o imagético como representatividade, fator indispensável de se pensar quando o objeto de estudo se configura nas diversas imagens de uma personagem, como Isaura. Para além do imagético, a dissertação igualmente aborda o imaginário (produção de imagens, ideias, concepções) formulado a partir das imagens e associações formuladas da figura afrodescendente. Assim, a autora considera a configuração

¹⁶ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 525. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

¹⁷ SANTIAGO, Werianny. *Damas “negras”: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza, a construção da personagem feminina*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3223>. Acesso em: 31 mar. 2026.

histórica pertinente a cada período histórico, como o Brasil oitocentista, a fim de enfatizar o quanto este aspecto influencia na (re)produção dos estereótipos desenvolvidos tendo o negro como eixo. Ademais, Santiago discute sobre a marginalização da mulher negra no Brasil, aspecto estampado na literatura do país, através de uma representação extremamente estereotipada¹⁸. Dessa forma, esta análise do imaginário, perpassando pelo campo imagético e pelos estereótipos disseminados sobre a personagem feminina e negra, no Brasil, foi pertinente para esta proposta de pesquisa centrada nas imagens de Isaura.

Além disso, foi necessário se voltar para as questões enfrentadas durante o período oitocentista brasileiro, como a posição das personagens femininas em um sistema patriarcal. Assim, compreender os contextos históricos permitiu conhecer ideais e estereótipos sobre a mulher afrodescendente construídos e repercutidos. *Personagens femininas na ordem patriarcal nos romances de Bernardo Guimarães: Rosaura, A enjeitada, A escrava Isaura e O seminarista*¹⁹, título da dissertação de Pricila Furlan (2018) aborda o período em questão. Evidencia o quanto os romances de Guimarães são reveladores das questões sociais referentes ao período em que foram lançados. Este trabalho disponibiliza um levantamento bibliográfico e teórico que mapeia as personagens importantes para a constituição das histórias esmiuçadas.

Para desenvolver a pesquisa sobre as imagens de Isaura, foi essencial compreender sua condição de mulher e afrodescendente. Para isso, percorremos temas como a instituição do matrimônio, tópico recorrente nas narrativas românticas, e a posição dominante do homem sobre o corpo feminino, sobretudo em um contexto marcado pela violência contra corpos de escravizadas, conforme evidenciado nas cenas literárias dos romances analisados. O diferencial da dissertação de Furlan reside no amplo embasamento teórico, que transita pelos campos sociológico, literário e histórico.

Por fim, recorremos à tese *A imagem como agente de representação social e ideológica no discurso multimodal*, de Izabela Trajano (2014)²⁰. O trabalho elucida a função semiótica das imagens como agentes na construção de representações sociais e ideológicas, entendidas como formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa que influenciam diretamente a produção de sentidos no discurso. Seu objetivo, portanto, é desdobrar esse papel

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ FURLAN, Pricila Kátia. *Personagens femininas na ordem patriarcal nos romances de Bernardo Guimarães: Rosaura, A enjeitada, A escrava Isaura e O seminarista*. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

²⁰ TRAJANO, I. *A imagem como agente de representação social e ideológica no discurso multimodal*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 28 jun. 2026.

das imagens. A abordagem sobre o discurso multimodal mostrou-se extremamente pertinente para este projeto de pesquisa, uma vez que reúne diferentes modos semióticos de comunicação, como linguagem e imagens, alinhando-se à proposta de investigação sobre as imagens de Isaura.

Quanto à metodologia desta pesquisa, voltada à análise das diversas representações de Isaura, realizou-se um levantamento de capas da obra literária, aprofundado por meio de referenciais teóricos sobre as relações entre história e imagem, articulados às diferentes temporalidades consideradas.

O levantamento partiu de três tipos de fontes principais que, em conjunto, permitem mapear a construção do imaginário em torno da personagem: em primeiro lugar, foram catalogadas capas de diferentes edições da obra, coletadas em plataformas especializadas em conteúdo literário, como Skoob e Estante Virtual, além do Acervo Biblioteca Peck Pinheiro, entre outras fontes; em segundo lugar, acompanhou-se a recepção da imprensa por ocasião do lançamento do romance; por fim, procedeu-se à leitura integral da obra, fundamental para a compreensão das cenas literárias que servem de base à produção e à interpretação das representações visuais de Isaura, o que exigiu também o levantamento da recepção crítico-literária da obra, principalmente nos jornais da época de seu lançamento.

Posteriormente, o material coletado foi sistematizado e analisados à luz dos dados da investigação sobre o autor, Bernardo Guimarães, do cotejamento das imagens de Isaura presentes nos folhetins com aquelas constantes nas edições da obra em formato de livro, bem como do levantamento da recepção crítica e literária de *A Escrava Isaura*. Ademais, elaborou-se um inventário que consigna as interpretações decorrentes da análise das capas localizadas e organizadas em documento, conforme já explicitado.

Foi imprescindível o estudo da imagética, das representações, dos discursos literários, das análises iconográficas e das personagens literárias. Igualmente relevante mostrou-se a investigação do contexto histórico de produção da obra literária em 1875, com ênfase nas características do regime escravocrata e na condição da mulher escravizada afrodescendente. Consideradas as relações entre passado e presente, tal investigação mostrou-se fundamental para delinear as (des)continuidades em relação ao Brasil oitocentista. Além disso, o exame do contexto histórico de 1875 permitiu o reconhecimento das estruturas da escravização e da posição específica ocupada pela mulher escravizada afrodescendente na sociedade brasileira, visando ao estabelecimento de correspondências históricas não em termos de verdade, mas de verossimilhança.

Além das imagens de Isaura, buscou-se elucidar as representações enviesadas pelos estigmas em relação à mulher brasileira. A análise iconográfica e de cenas literárias através da execução de um levantamento de capas e fichamento da obra, permeada pelo conhecimento teórico sobre o contexto histórico, a condição feminina dentro deste aspecto, campo imagético e de representações, configurou-se em um resumo das duas etapas da pesquisa: a prática e teórica. Por fim, o terceiro eixo concentrou-se na síntese e aplicação pedagógica. A confluência entre o levantamento prático (de capas e cenas) e o conhecimento teórico (histórico, literário e sobre representações) configurou na etapa final do projeto: a concepção de uma oficina. Esta oficina, realizada na Escola Estadual Messias Pedreiro, junto aos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, numa abordagem interdisciplinar entre História, Literatura e Imagem evidenciou o potencial da proposta para o ensino de História, ao fomentar uma crítica reflexiva sobre a construção de estereótipos e identidades.

Conforme observou Iara Dias dos Santos (2022)²¹ ao discutir o uso de imagens em sala de aula, as imagens são artefatos históricos de conhecimento de determinada realidade, ou seja, representações atreladas a finalidades que procuram reproduzir alguma realidade histórica. Assim, ao analisar as capas de *A Escrava Isaura*, pudemos entrar em contato com diferentes interpretações desenvolvidas entre os séculos XIX, XX e XXI de uma mesma realidade: a de uma escravizada brasileira com a cor da pele sendo uma questão largamente discutida.

Os resultados foram organizados em três capítulos: o primeiro explora as relações entre História, Literatura e Imagem. Aborda o contexto geral da produção do livro *A Escrava Isaura*, sua recepção crítica nos folhetins distribuídos no século XIX e o posicionamento da historiografia frente ao romance de Bernardo Guimarães. O segundo capítulo apresenta e analisa as capas do romance produzidas ao longo dos 151 anos em que a obra tem circulado, articulando o lançamento das edições com seus respectivos contextos históricos. O terceiro e último capítulo, apresenta e discute o ciclo de oficinas ministradas na Escola Estadual Messias Pedreiro, da qual fiz parte na posição de pibidiana. Por fim, compartilho uma proposta de plano de aula que visa ultrapassar os conteúdos programados pelos currículos educacionais, ambicionando ampliar as possibilidades de se ensinar e aprender História com literatura. Quem disse que não se pode ensinar e aprender história com literatura? Quem disse que não se pode julgar um livro pela capa²²?

²¹ SANTOS, Iara Dias dos. A leitura de imagem como recurso pedagógico no ensino de história. 2022.

²² VANDERSCHANTZ, Nicholas; TIMPANY, Claire. Who says you can't judge a book by it's cover?. 2013.

CAPÍTULO 1: “AS IMAGENS DE ISAURA”: HISTÓRIA E LITERATURA

A literatura é movida pela imaginação quando dotada da capacidade de comover, de conduzir o receptor a questionar emocionalmente as instituições sociais que o acompanham. Por que então o nome “literatura” se acrescenta ao de “poesia”, e mesmo o inclui, senão porque este, tendo suas modalidades pré-codificadas, não seria suficiente para aquela função? Para Mme. de Stael a função do nome explica seu emprego, não a procura em conceituá-lo. (Luiz Costa Lima)²³

(...) é imprescindível que o historiador rompa as limitações nas quais se deixa com frequência aprisionar pela redução da imagem apenas a “documento visual” e a tarefas taxonômicas e de leitura iconográfica. É igualmente crucial que o pesquisador se familiarize com as inúmeras variáveis que definem a natureza da imagem e a multiplicidade de significados e papéis que ela pode assumir historicamente... (Ciro F. Cardoso; Ronaldo Vainfas)²⁴

Não há quem desconheça, não há quem conteste, que o jornal é o livro do povo... (O Espírito Santense)²⁵

Isaura é um nome frequentemente associado à obra de Bernardo Guimarães, *A Escrava Isaura*. Entretanto, quando comento com colegas sobre o tema deste trabalho, muitos me perguntam se Isaura realmente existiu. Nesse sentido, podemos enxergar explicitamente alguns dos grandes embates que promovem discussões sobre se há veracidade quando tratamos de literatura. Isaura existiu ou Guimarães a inventou? Uma questão que dicotomiza a existência da criação literária. Entretanto, poderíamos responder com outra questão: se o autor a inventou, não significa, portanto, que a personagem existe?

Dessa forma, inicio este capítulo refletindo sobre as imagens de Isaura, uma mulher escravizada que existe no imaginário brasileiro e que é multiplicada, sucessivamente reinventada em diferentes formas, como podemos identificar com maior facilidade na atualidade.

As imagens de Isaura estão presentes nas cenas literárias da obra de Guimarães, nas capas dos livros, em novelas e em filmes. Sua reverberação no imaginário do público, especialmente o brasileiro, ocorre por meio de cenas psicológicas desencadeadas pelo contato do leitor ou espectador com os conteúdos relativos à obra. Ao entrar em contato com as diversas imagens, a imaginação percorre múltiplos caminhos que convergem para um destino comum: a repercussão de interpretações.

²³ LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 328.

²⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 243.

²⁵ O ESPÍRITO-SANTENSE. Vitória, ano 1, n. 1, 8 set. 1870. Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: [Hemeroteca Digital Brasileira](http://hemeroteca.dig.br). Acesso em: 28 abr. 2026.

Conforme discutido por Melo e Alberti (2022), apoiados em Chartier, os estudos históricos evidenciam que os processos de recepção e apropriação do conhecimento em contextos distintos daqueles em que foram originados podem assumir interpretações peculiares, sendo transformados pela própria dinâmica do sistema de circulação das ideias²⁶. Chartier (1990) define a apropriação cultural como a dinâmica pela qual os grupos não apenas assimilam ideias, mas se apropriam de um motivo intelectual ou de uma forma cultural, transformando-os segundo suas diversas finalidades, conforme também observam Almeida, Veneroso e Campos (2020) ao abordarem a circulação e recepção de métodos educacionais em diferentes contextos históricos²⁷.

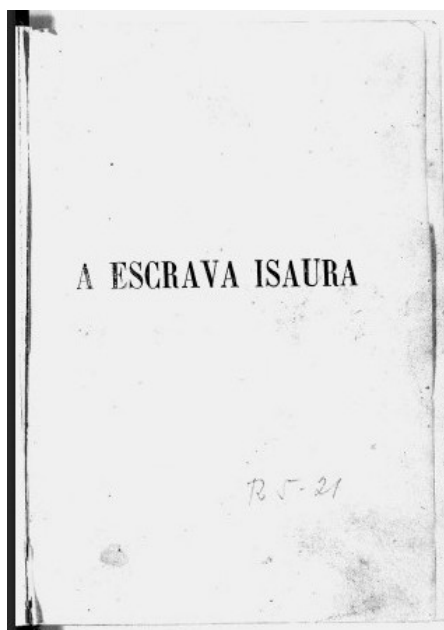
Em relação ao material coletado para a presente pesquisa, vale destacar o estudo da própria obra *A Escrava Isaura*, o espaço primeiro da produção de suas imagens (literárias), a análise de como essas imagens foram recebidas, apropriadas e ressignificadas nas capas das diversas edições do livro, as versões em folhetins e uma leitura destes materiais a partir da influência em relação à Isaura dos conteúdos televisivos (novelas e filmes).

Um dado relevante identificado durante a pesquisa é que a primeira edição publicada pela Garnier, de 1875, não apresenta ilustração na capa, conforme se observa a seguir:

²⁶ MELO, Cássio Santos; ALBERTI, Luiz Antônio. A nova história e as histórias culturais: o conceito de apropriação em Roger Chartier, Carlo Ginzburg e E. P. Thompson. *OPSIS*, Catalão, v. 22, n. 2, p. 3, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/Opsis/article/view/74876>. Acesso em: 31 mar. 2026.

²⁷ ALMEIDA, Marilene Oliveira; VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Circulação, recepção e apropriação do método de ensino do desenho de Louise Artus-Perrelet: educação estética e modernismo na formação de professores primários no início do século XX. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, v. 10, n. 20, p. 185, 2020.

Figura 1 – Folha de rosto da primeira edição do livro *A escrava Isaura*



Fonte: Guimarães, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

Reprodução digital.

A hipótese inicial desta pesquisa, de que a ausência de ilustração decorreria de limitações técnicas de impressão da época, mostrou-se equivocada. No período, ter uma capa ilustrada era visto como traço infantil, e o tema da obra era definitivamente adulto. Embora, a partir da década de 1870, década da popularização dos livros cujas encadernações passaram a ser revestidas de percalina e sua estética passou a seguir a das revistas ilustradas da época²⁸, persistia um preconceito contra capas ilustradas em publicações voltadas a um público adulto, fato que ajuda a explicar a raridade desse tipo de capa, mesmo numa época em que as grandes editoras já dispunham de recursos gráficos para produzi-las, inclusive em cores, conforme apontado por Ildembergue Souza:

A mudança, entretanto, não se deu facilmente devido ao preconceito contra capas ilustradas em publicações voltadas para adultos, fato que pode justificar a raridade de capas desse tipo numa época em que as grandes editoras já dispunham de recursos gráficos para produzi-las, até mesmo em cores. Apesar do lançamento do primeiro livro brasileiro em brochura com capa ilustrada, *Vida e feitos do Dr. Semana [...]*, ao longo da década, os livros em brochura com capa ilustrada seguem como exceções empreendidas por alguns poucos

²⁸ SOUZA, Ildembergue Leite de. *A capa do livro como interface entre o design, o mercado e a cultura: um estudo multicaso de dois selos do grupo Companhia das Letras*. 2022. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. p. 28. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/46428>. Acesso em: 31 mar. 2026

editores pequenos, enquanto a Laemmert passa a investir em edições com capa dura em percalina decoradas em alto-relevo e com ilustrações coloridas de notável apuro artístico, oferecendo requinte e qualidade que se aproximam da excelência gráfica praticada na Europa [...]. Em outra frente, a década de 1870 é marcada pela expansão do livro barato no Brasil, quando proliferaram as edições populares de títulos e autores celebrados, produzidos em formatos menores e com capa em brochura, que tinham por objetivo alcançar todos os bolsos e gostos.²⁹

No mesmo ano de 1875, o romance *A Escrava Isaura* já estava disponível no catálogo da Livraria Internacional de Ernesto Chardron³⁰, como anunciado no jornal *Artes e Letras* (Lisboa, POR) - 1872-1875:

Figura 2 – Anúncio da obra *A Escrava Isaura* entre as publicações brasileiras disponíveis na Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Porto (1875).



Fonte: ARTES E LETRAS (Lisboa), 1875, ed. 00001, p. 752. Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional.

Mas, afinal, qual a história de Isaura? Isaura é uma personagem filha de uma escravizada, chamada Juliana, descrita por Bernardo Guimarães como “uma linda mulata”³¹ e de um feitor português, Miguel. Seus pais trabalhavam em uma fazenda na região de Campos dos Goitacazes, durante o reinado de Dom Pedro II, no Brasil. Entretanto, a menina perde sua mãe logo cedo devido aos maus tratos gerados por ciúmes do Comendador e senhor de escravos, em relação ao feitor Miguel. Tendo herdado a beleza da mãe, Isaura é tratada com demasiado mimo pela mulher do Comendador, que é descrita pelo autor como *um anjo de*

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ Em 1869, um senhor francês chamado Ernesto Chardron ganhou a loteria e, com todo aquele dinheiro, decidiu realizar um sonho: abrir uma livraria. Nasceu assim a Livraria Internacional de Ernesto Chardron, na Rua dos Clérigos, no Porto. Além de livreiro, ele se tornou também editor e, em pouco tempo, produziu muitos livros dos melhores escritores portugueses e franceses. C.f NA LIVRARIA mais bonita do mundo. *Ciência Hoje das Crianças*, Rio de Janeiro, 1 dez. 2025. Disponível em: [Ciência Hoje das Crianças – Na livraria mais bonita do mundo](https://cienciahoje.org.br/na-livraria-mais-bonita-do-mundo). Acesso em: 13 jun. 2026.

³¹ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 8. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>.

*bondade*³². A escravizada ocupa, então, a posição de mucama, a responsável pelos serviços domésticos e acompanhante da dona da casa³³.

Ao ser poupada do trabalho bruto e estando principalmente na casa de seus senhores, Isaura chama a atenção de diversos homens, como é o caso do Comendador e de seu filho e herdeiro, Leôncio. Entretanto, resistindo às tentativas violentas de Leôncio em seduzi-la, Isaura enfrenta um destino que poderia ser semelhante ao de sua mãe. Assim, a protagonista da obra, ao contar com o apoio do, foge da fazenda em busca da sonhada liberdade e de sua sobrevivência. A trama se desenvolve enfatizando o caráter mestiço e *não tão* africano de Isaura, sem, entretanto, evocar este termo para se referir à escravizada branca. É possível associar que a beleza de Isaura está intimamente vinculada ao seu tom de pele, e que qualquer denotação à cor negra já era razão para escrutínios, como demonstrado no seguinte fragmento:

— Se não fosse aquela pinta negra, que tem na face, seria mais suportável. — Pelo contrário, D. Laura; aquele sinal é que ainda lhe dá certa graça particular... — Ah! perdão, minha amiga; não me lembrava que você também tem na face um sinalzinho semelhante; esse deveras fica-te muito bem, e dá-te, muita graça; mas o dela, se bem reparei, é grande demais; não parece uma mosca, mas sim um besouro, que lhe pousou na face. — A dizer-te a verdade, não reparei bem. Vamos, vamos para o salão; é preciso vê-la mais de perto, estudá-la com mais vagar para podermos dar com segurança a nossa opinião.³⁴

Esse diálogo entre Dona Laura e possivelmente Dona Emília, damas que conversavam durante um baile em Recife, nos remete à questão do mulatismo no Brasil, tema ascendente nas ciências sociais desde o século XIX. Fenômeno associado a ideais deterministas, em que o perfil racial de uma sociedade é capaz de definir uma nação inteira.³⁵ O conceito de mestiçagem designa “o processo ou resultado da mistura de raças, etnias e/ou culturas que resulta em algo

³² GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 19. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>.

³³ O termo mucama designa, historicamente, a mulher escravizada jovem no Brasil colonial, responsável por tarefas domésticas e companhia às senhoras da casa-grande, atuando como criada pessoal, auxiliar nos afazeres domésticos ou até como ama de leite dos filhos dos senhores. Sua origem etimológica remete ao quimbundo (língua bantu de Angola), com formas como “makamba” ou “mukama”, inicialmente associada a escravas que mantinham relações afetivas ou sexuais com os senhores, mas adaptada no contexto brasileiro para enfatizar o papel de estimação no trabalho reprodutivo, como cozinha, limpeza e cuidados pessoais. No período escravista, as mucamas reforçavam um imaginário social de submissão racial e de gênero, simbolizando a servidão doméstica que persiste até hoje na associação do trabalho de cuidadoras a mulheres negras. Cf. SILVA, A. V. P. da; ARAÚJO, B. F. S. de. Uma análise histórica das raízes do trabalho doméstico análogo à escravidão no Brasil. *Revista Foco*, [S. l.], v. 17, n. 7, e5597, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n7-028. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5597>. Acesso em: 18 abr. 2026. p.3; COSTA, Renata Gomes da. *Apropriação das mulheres no Brasil: uma análise feminista e antirracista das consequências materiais do capitalismo dependente*. 2019. 290 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 188.

³⁴ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026. p. 114.

³⁵ MERLO, Hugo R. A mestiçagem como conceito histórico: uma descrição teórica. *Revista de teoria da história*, v. 26, n. 1, p. 103, 2023.

diferente da simples soma das partes que estão sendo misturadas (...)”. E nesse sentido, “sempre produz diferença [...] opera como a transgressão da pureza étnico-racial, o outro – impuro, misto – que possibilita afirmar o um – puro e único”.³⁶

Na produção literária de Guimarães, está ressaltada a “pinta negra” de Isaura, uma referência invertida ao princípio da “gota de sangue” vigente no sul dos Estados Unidos quando estavam em pleno vigor leis antimiscigenação baseadas na regra da gota de sangue única, que definia como negro qualquer indivíduo com um antepassado negro. “[...] As leis segregacionistas americanas excluía absolutamente a figura do mestiço e, nesse sentido, derivavam em linha direta do pensamento racial do século XIX.”³⁷

Como estes ideais de miscigenação evocados por Guimarães foram recebidos na época do lançamento de sua obra?

O tom de crítica é evidente no jornal *O Apóstolo: Periodico religioso, moral e doutrinario, consagrado aos interesses da religião e da sociedade (RJ) - 1886 a 1901*, que publica em 1875, em resposta ao lançamento da versão literária, em folhetim, de *A Escrava Isaura*:

Ora, uma sociedade assim constituída e marchando animada pelo governo, que é corruptor dos mais distintos caracteres, não póde corar com...a celebre *Escrava Isaura*, que já fez subir o rubor às faces de um dos corifêos do nosso gasetismo, que foi obrigado a retiral-o de suas columnas para não continuar a escandalizar os seus leitores...Fazemos estas considerações que nos foram suggeridas pelo eloquente discurso do digno catholico Senador pela provincia do Ceará [Sr. senador Figueira de Mello], cuja leitura muito recomendamos, para prevenir aos pais de familia de boa fé contra...esse immoralissimo romance a *Escrava Isaura*, que a casa Garnier desta corte acaba de editar...³⁸

O trecho se refere à publicação dos três primeiros capítulos da obra *A Escrava Isaura*, em 1874, pelo Jornal *O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - 1874*. O periódico defendia os interesses da Igreja Católica e entendia *A Escrava Isaura* como uma produção escandalosa, por abordar sem escrúpulos cenas explícitas no/do contexto da escravidão, escancarando aspectos sexuais do sistema.:

A sociedade que tolera uma imprensa que é antes a estatua de *Pasquino*, onde tudo se affixa, menos a religião, a moral, em uma palavra – a verdade e a justiça, deve ter sentados os dias de sua existencia. Infelizmente vamos escorregando insensivelmente para um abysmo, arrastados pelas más teorias

³⁶ MERLO, Hugo R. A mestiçagem como conceito histórico: uma descrição teórica. *Revista de teoria da história*, v. 26, n. 1, p. 109, 2023.

³⁷ MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue: história do pensamento racial*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 48.

³⁸ *O Apóstolo*. Rio de Janeiro, ano X, n. 99, 2 jun. 1875, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=343951>. Acesso em: 31 mar. 2026.

e inovações, que pedimos de empréstimos aos estrangeiros, com desprezo porém das que são uteis e realmente boas.³⁹

Dentre as teorias e inovações estrangeiras referidas pelo jornal poderia figurar a própria abolição da escravatura – especificamente vinda da Inglaterra, que pressionou o Brasil a tomar providências quanto à Lei Áurea –, conceito criticado pelo periódico. As teorias e inovações são vistas de forma negativa por este veículo, demarcando uma crítica à imprensa liberal e à laicização, já que apenas os princípios católicos são bem aceitos, segundo o periódico, detentores da moral, verdade e justiça.

A crítica elaborada pelo jornal *O Apóstolo*, não é apenas de um singelo comentário, (uma resenha por demais crítica?) mas de um indício da pressão por parte da igreja católica em relação à publicação do folhetim. Não é de se estranhar que o jornal *O Globo* (1874) tenha interrompido a publicação do folhetim já nos primeiros capítulos – três de um total de vinte e dois capítulos. Embora tenha sido essa a maior repercussão o jornal não foi o único a publicar o romance em folhetim: Anderson Teixeira Rolin (2007) dá notícias de que *A Escrava Isaura* foi publicada pela primeira vez em versão folhetim, no jornal Constitucional de Ouro Preto, (não consegui localizar a data exata) e sua primeira edição em livro só veio a público em 1875, pela Editora Garnier do Rio de Janeiro.⁴⁰

O romance “A escrava Isaura” do celebre escritor mineiro Bernardo Guimarães _ patrono da cadeira número 5 da Academia Brasileira de letras _ estreou no formato de folhetim, na Bahia, especificamente na Gazeta da Tarde, propriedade do Major Páfilo de Santa Cruz, um dos fundadores da Sociedade Libertadora Bahiana, principal agremiação abolicionista da província.⁴¹

De todo modo, a obra teve grande repercussão em seu lançamento como folhetim, apesar das tentativas de censura. Hoje, no bojo do sesquicentenário da obra, a imprensa articula um movimento contrário ao da segunda metade do século XIX – conforme demonstrado pela publicação que explicita uma censura por parte da igreja, no jornal *O Apóstolo* – ao reprisar a novela em rede nacional. Nesse sentido, há uma tentativa de escancarar a verdade por trás dos acontecimentos relacionados à repercussão do romance, como a censura sofrida pelo *O Globo* (1874) entre os anos 1874 e 1875:

A Escrava Isaura, por exemplo, chegou a ser publicada em folhetim antes de virar livro, mas essa versão foi interrompida” [...]. O caso de *A escrava Isaura*

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ Apud. RIBEIRO, Graziela Escocard. Muito além da ficção: “A escrava Isaura” de livro se transformou em novela, virou lenda e até assombração. *Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes*, 2009, p.2.

⁴¹ CADENA, Nelson. *A escrava Isaura*. Correio 24 Horas, Salvador, 7 maio, 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/so-se-ve-no-correio/a-escrava-isaura-0520>. Acesso em: 31 mar. 2026.

chama atenção por não constar nos registros tradicionais da história da literatura brasileira. Como era comum no século XIX, romances estreavam em formato seriado nos jornais, ocupando a parte inferior da primeira página e, às vezes, também a terceira. Em setembro de 1874, *O Globo* publicou três capítulos do romance, mas interrompeu a série a partir de 6 de setembro daquele ano, sem dar explicações. O espaço passou a ser ocupado, em 26 de setembro, por *A Mão e a Luva*, de Machado de Assis, sem interrupções. A razão veio de fora: o jornal *O Apóstolo*, dirigido pelo Monsenhor José Gonçalves Ferreira, iniciou uma campanha contra *A Escrava Isaura*.⁴²

A “censura” ao jornal *O Globo* como tentativa de manipulação da opinião pública pela Igreja Católica reconhecia a capacidade dos veículos de comunicação de influenciar o imaginário social, permeado pelos ideais escravagistas e racistas. Produtos como o romance de folhetim cujos episódios alcançavam amplo público, era visto como “uma arte fácil que servia de esquemas simplificados para traçar um quadro da vida na época. Mesma acusação hoje feita às novelas de TV”⁴³.

O jornal *O Globo* (1874) demonstra um posicionamento político mais liberal, elogiando, inclusive, os esforços contrários à escravização na exata mesma folha em que encontramos o terceiro capítulo de *A Escrava Isaura*:

O Brazil, como os Estados-Unidos, tem empregado esforços para livrar-se do anathema da escravidão, e, conquanto o esforço se faça de modo ruidoso, não deixa todavia de ser bem sucedido e promete ser coroado de excellentes resultados.⁴⁴

Outrossim, também podemos ver posicionamentos semelhantes em outros periódicos, como ocorre na publicação de *Mephestopheles (RJ) - 1874*, que pontua de maneira ambígua ao resenhar o livro de Guimarães:

Foram-nos offerecidos exemplares das seguintes obras: *Homens do passado* pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo. Não tivemos ainda tempo de ler esta obra. *Aguentem-se no balanço*, scena comica. Já é bem conhecida esta produção do Sr. Vasques. E quem é que não conhece o Vasques? *Isaura* a escrava por Bernardo Guimarães. E um romance *brasileiro* que tem a grande *vantagem* de dispensar um *diccionario* de *guarany*. É editor e Sr. Garnier a quem agradecemos a remessa.⁴⁵

⁴² NAGAYAMA, Laís. *Livro mostra inéditos e outro lado de Bernardo Guimarães nos 200 anos do autor de A escrava Isaura*. Estadão, São Paulo, 18 ago. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/livro-mostra-ineditos-e-outro-lado-de-bernardo-guimaraes-nos-200-anos-do-autor-de-a-escrava-isaura/>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁴³ RIBEIRO, Graziela Escocard. Muito além da ficção: “A escrava Isaura” de livro se transformou em novela, virou lenda e até assombração. *Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes*, 2009, p.6.

⁴⁴ *O GLOBO*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 32, 9 set. 1874. Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: [Hemeroteca Digital Brasileira](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=714186x). Acesso em: 26 maio 2026.

⁴⁵ *MEPHESTOPHELES*. Rio de Janeiro, ano I, n. X, 1874. p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=714186x>. Acesso em: 31 mar. 2026.

Ao indicar que a leitura de *A Escrava Isaura* dispensa o conhecimento de guarani, o jornal sugere que Guimarães não foi influenciado pela onda de romance indianista ainda em voga no período. Entretanto, *Mephestopheles* se limita a este comentário, fator que pode ser interpretado como uma desvalorização, ou uma estratégia de silenciamento, frente a profundidade do tema que a obra literária aborda: a escravização. Ademais, é importante salientar o posicionamento contrário à escravidão, presente na mesma publicação deste trecho acima, conforme:

Já um dos convivas tinha empunhado o copo, quando apresentou-se-lhes uma mãe que esmolava para a liberdade do filho. A ocasião era das mais azaradas e o moço aproveitou-a para fazer o brinde de honra saudando a liberdade do novo hospede. Todos acompanharam calorosamente e poucos momentos depois contava o Brasil um cidadão de mais e a escravidão uma vítima de menos.⁴⁶

A recepção do livro não foi apenas negativa, já que outros jornais chegaram a enaltecer Guimarães por sua produção literária. O periódico *Imprensa Industrial: Revista de Literatura, Ciências, Artes e Industrias (RJ) - 1876 a 1877*, por exemplo, realiza uma espécie de homenagem, situando Bernardo Guimarães como autor de reconhecida produção literária: “[...] cujos bons serviços prestados a nossa jovem litteratura são dignos da gratidão do paiz. [...] intelligencia mascula do autor... Escrava Isaura... não é empenho para os limites estreitos de uma simples noticia bibliographica”.⁴⁷

O jornal demonstrava um posicionamento progressista e liberal, principalmente por estar associado aos ideais promovidos pela industrialização – como seu próprio nome sugere:

A Inglaterra, por exemplo, não póde ver sem uma tal ou qual inquietação, essa attitude viril tão rapidamente assumida pela grande República [Estados Unidos], que com seu progressivo desenvolvimento industrial ameaça atravessar-lhe grande parte de uma clientela... Quando se volta um olhar, ainda rapido, pela historia desse povo de gigantes [estadunidense], pasma-se, mas comprehende-se como apenas um seculo fez tão grande jornada. Da intolerancia e oppressão nasceu a liberdade que é a mãe carinhosa do progresso.⁴⁸

Por sua vez, o jornal *O Espírito - Santense (ES) - 1870 a 1889* publicou um apartado que se dedicava a engrandecer a literatura promovida por Guimarães, atuando em sintonia ao

⁴⁶MEPHESTOPHELES. Rio de Janeiro, ano I, n. X, 1874. p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=714186x>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁴⁷IMPRENSA INDUSTRIAL: Revista de Literatura, Ciências, Artes e Indústrias. Rio de Janeiro, ano I, n. X, 1877. p. 247. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700568>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁴⁸IMPRENSA INDUSTRIAL: revista de litteratura, sciencias, artes e industrias. Rio de Janeiro, ano 1876, ed. 00001, 10 ago. 1876, p. 1-2. Disponível em: [Hemeroteca Digital Brasileira](https://hemeroteca.brazilia.org.br/). Acesso em: 20 maio 2026.

Imprensa Industrial: Revista de Literatura, Ciências, Artes e Industrias (RJ) - 1876 a 1877 ao afirmar:

Acaba o Sr. Garnier de enviar-nos as seguintes obras dos ilustres litteratos os Srs Drs. Moreira de Azevedo, e Bernardo Guimarães: *A Escrava Isaura*. - O derradeiro romance do talentoso poeta mineiro, é um livro de sensações. Scenas verossímeis e tocantes, se encontram na historia d'aquella escrava, que, por ter sido educada por uma alma virtuosa, sôbe no meio de todos os tormentos e perseguições de que foi alvo, conservar sem macula sua honra e despertar paixão vehemente e sincera no coração de um jovem rico e cheio de nobres qualidades. Se encontra neste livro desenhos corrêctos de alguns typos, que infelizmente ainda hoje existem em nossa sociedade. *A Escrava Isaura* pôde bem rivalizar com a celebre Cabana do Pai Thomaz, da talentosa escriptôra norte-americana.⁴⁹

Ao mencionar que em *A Escrava Isaura*, encontramos “desenhos corrêctos de alguns typos”, este veículo destaca que, mesmo o livro não apresentando iconografia, não deixava de instigar a formulação de desenhos mentais de alguns tipos sociais, que proporcionam ao leitor construir imagens mentais consideradas corretas, numa interessante articulação entre ficção e realidade (como é demonstrado pelas capas e conteúdos audiovisuais). A frase sugere que a literatura trabalha com os conhecidos “tipos sociais”⁵⁰ – os diversos sujeitos possíveis –, não especificamente com sujeitos históricos (que já existiram), mas que poderiam ter existido. Os tipos sociais reproduzem as tipificações, que são simbólicas e resumem formas de representações. Assim, a literatura desenha e inventa, levando o leitor a produzir imagens mentais que transcendem a iconografia. Então, vemos que Isaura é um “tipo” tão forte, que parece verdade: corresponde a uma média da população brasileira. Isaura é a estereotipação, o desenho da mulher morena e brasileira.

Além disso, o caráter político deste jornal, liberal e republicano provavelmente esteja associado aos elogios realizados em relação ao autor Bernardo Guimarães, conforme verificamos em:

Não há quem desconheça, não há quem conteste, que o jornal é o livro do povo, por meio do qual, na eloquente phrase do Sr. Castilho (José), republicanisou-se o saber; conquistou-se immenso terreno infecundo; constrangerão-se milheiros de homens a beber o leite da instrucção, que desconhecião; repetirão-se as verdades e os descobrimentos por innumeraveis vehiculos...Eis as bases do jornal que ambicionamos fundar, si o publico, para quem apellamos, vier em nosso apoio.⁵¹

⁴⁹ *O ESPÍRITO-SANTENSE*. Vitória, 1875, ed. 72, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217611>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁵⁰ Conceito explorado pelo sociólogo e antropólogo francês, Émile Durkheim. Tipos sociais constituem categorias de classificação das sociedades. DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 77.

⁵¹ *O ESPÍRITO-SANTENSE*. Vitória, ano 1, n. 1, 8 set. 1870. Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: [Hemeroteca Digital Brasileira](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217611). Acesso em: 28 abr. 2026.

Em sua coluna exclusiva para tratar de assuntos literários, denominada *Litteratura*, o jornal *Maranguapense: Jornal Litterario, Commercial e Noticioso (CE) - 1874 a 1875* enfatiza o valor da obra e o potencial da literatura para lidar com temas sensíveis, como a escravidão.

Na esphera da litteratura brasileira B. Guimarães vem de pregar um luminoso astro. Da bem aparada penna do novel e talentoso escriptor, acaba de sahir um mimoso romance, que em paiz mais civilizado operaria uma grande revolução no cosmos social. A grande influencia que a litteraturé exerce sobre os destinos dos povos, hoje um facto incontestavel. Com a litteratura a sociedade tem melhorado muito. A educação, que hoje constitue o segundo ramo de importancia da humanidade, muito tem progredido com o desenvolvimento da litteratura... A *Escrava Isaura* de B. Guimarães, poderia fazer o Brazil soffrer o cataclysmo glorioso que a *Cabnnã do Pai Thomaz* de Mme. Beecher Stowe fez soffrer o primeiro estado americano, se, no coração da maior parte dos filhos do cruseiro não estivesse plantado o amor infame pela escravidão. A escravidão que é hoje o maior duende apavorante da humanidade, é descripto na *Escrava Izaura*, com toda proficiencia. O autor do Seminarista, em sua ultima publicação descerrou um novo horisonte a nossa litteratura. Plantou no seio do romance a seiva possante da liberdade, esta mesma que, em a nossa poesia ensaiou o grande Castro Alves. Se todas as palhetas de nossos artistas dedicassem-se ao esboço de télas, como a que delineou B. Guimarães, por certo que a litteratura brasileira torna-se-hia muito mais proficua.⁵²

Em relação à aclamada capacidade da literatura de gerar movimento e, quiçá, mudança, a literatura, por mais que adira a aspectos proporcionados pelo mundo da ficção, é capaz de (co)mover o público que dela acessa. É comum acompanharmos o trabalho de literatos (as) que se inspiram em elementos factuais da realidade em que vivem, para criarem uma narrativa complementar ao imaginário de uma sociedade. Assim, alguns utilizaram de sua pena (hoje, canetas, teclas) para anunciar e, em alguns casos, denunciar processos cotidianos com os quais não concordam⁵³. Esta movimentação caracteriza alguns trabalhos realizados pelos indivíduos inspirados na causa abolicionista, no Brasil, durante o século XIX. Assim, Bernardo Guimarães se torna um exemplo no que tange à literatura marcada pelos aspectos políticos, sociais e culturais que estavam enraizados na realidade que vivia, demonstrando:

(...) a potencialidade política das manifestações artísticas e culturais, como a literatura, por exemplo, e a elaboração de uma subjetividade política por parte

⁵²MARANGUAPENSE: *Jornal Literário, Comercial e Noticioso*. Maranguape, ano 1875, ed. 42, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=215473>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁵³ Como não evocar um defeito de cor ambientado também no século XIX, mas escrito no século XXI e dialogando com questões contemporâneas? Cf. GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. São Paulo: Record, 2006. 952 p.

de seus criadores, que estaria presente nessas mesmas manifestações artísticas e culturais.⁵⁴

É possível extrair algumas conclusões acerca do posicionamento político e social desses veículos. O jornal *Maranguapense*, por exemplo, explicita sua opinião contrária a regimes escravistas em: Dahi esra philosophia [Estoica] d'orgulho, egoismo, e idolatra de si mesmo, que longe de haver feito a menor tentativa para destruir o erro e abolir a escravidão, occultava cuidadosamente á sombra do mysterio a verdade, de que ela se cria em posse, não empregando a eloquencia e o raciocinio, senão para tornar mais estreitos os laços da mais vergonhosa escravidão...⁵⁵

O Globo, o mesmo veículo que possibilitou a publicação dos três primeiros capítulos de *A Escrava Isaura* nos folhetins, em 1874 (lembrando que a versão em livro veio um ano depois, em 1875), em sua avaliação do romance, dá pistas das razões por que havia publicado apenas três capítulos e destaca seu interesse e respeito pela produção de Guimarães:

Bem traçado é o quadro da paixão que Isaura (que não passava de uma *escrava fugida*) soube inspirar a Alvaro, mancebo rico e elegante, paixão cujos primeiros efeitos fora ella a primeira a experimentar. Neste ponto revela o autor grande talento de observação e conhecimento pratico desse imperioso sentimento, que não reconhece a desigualdade das condições humanas. Não é possível em uma resenha bibliographica esboçar todos os lances dramaticos deste interessantissimo romance, verdadeira physiologia da escravidão; mas não podemos deixar de mui especialmente applaudir o desfecho em que a virtude perseguida pela volupia encontra recompensa, personificada na vinda de Alvaro, munido do mandado de penhora e sequestro de todos os bens de Leoncio, ainda á tempo de impedir o monstruoso consorcio da bella Isaura com o homunculo Miguel. Infelizmente nodôa a formosura da tela o sangue espargido pelo suicídio de Leoncio.⁵⁶

Ao abordar as resenhas favoráveis, convém ponderar que as intenções dos jornais estão inseridas em um jogo constante de interesses, uma vez que pode haver motivações subjacentes a esses veículos de comunicação. Dessa forma, ressalta-se o caráter comercial dos folhetins aqui utilizados para compreender a recepção do público diante do lançamento da obra. Assim, os comentários relacionados ao livro não necessariamente expressam opiniões políticas bem definidas dos periódicos, especialmente no que tange à escravidão. Não cabe, contudo, ao presente trabalho dissecar o caráter político e econômico de cada um dos veículos citados. A pesquisa está focada especificamente nas referências a Bernardo Guimarães e sua obra, as

⁵⁴ ZIN, Rafael Balseiro. *Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão*. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. p. 91.

⁵⁵ *MARANGUAPENSE: jornal litterario, commercial e noticioso*. Maranguape, CE, ano I, n. 25, 31 jan. 1875, p. 2. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 20 maio 2026.

⁵⁶ *O Globo*. Rio de Janeiro, 1875, ed. 265, p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=369381>. Acesso em: 31 mar. 2026.

quais, embora não representem uma verdade absoluta, podem auxiliar na caracterização da receptividade que *A Escrava Isaura* obteve no final do século XIX. Ademais, caráter comercial não necessariamente define a produção jornalística, este deve ser relativizado neste período em que objetivos panfletários eram acentuados.⁵⁷

De todo modo, o comentário negativo sobre a obra literária emitido pelo jornal *O Apóstolo: Periodico religioso, moral e doutrinario, consagrado aos interesses da religião e da sociedade (RJ) - 1886 a 1901*⁵⁸, não faz dele necessariamente um periódico a favor da escravidão. Nesse sentido, em uma publicação do *Jornal da USP*, a jornalista Tabita Brito Silva Nascimento, também conhecida como Tabita Said, menciona:

A crise da escravidão brasileira e o movimento abolicionista começavam a fazer uma pressão irresistível sobre a opinião pública no início da década de 1880. E após anos tergiversando do tema do cativo negro transatlântico, as páginas d'*O Apóstolo* finalmente se rendem, esboçando a imagem de uma Igreja Católica combativa ao cativo e contrária à escravidão.⁵⁹

De todo modo, se o jornal passa a ser influenciado pelo movimento abolicionista apenas a partir da década de 80 do século XIX, dá a entender que à época de *A Escrava Isaura*, este veículo ainda era escravista.

Além de pensar na recepção crítica da época do lançamento do livro, anunciada pela imprensa, também é importante conhecer o posicionamento de historiadores frente ao romance de Guimarães. Nesse sentido, Daniela Magalhães da Silveira, aborda o posicionamento político e social do literato, que é destacado através de seu universo criado em *A Escrava Isaura*. Em seu trabalho *As lições de Bernardo Guimarães em A Escrava Isaura: escravidão e literatura na segunda metade do século XIX* (2017), Silveira pontua Isaura como uma escravizada “quase branca”⁶⁰, dando a entender que por causa disso, seria digna de atenção e salvação em meio a uma sociedade escravista. Então, a historiadora aponta que Guimarães trazia por meio da literatura, algumas “lições” que poderiam ser consideradas como opções para viabilizar os ideais emancipacionistas, no contexto da vigência da Lei do Ventre Livre:

⁵⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 7-8.

⁵⁸ *O APÓSTOLO*. Rio de Janeiro, ano X, n. 99, 2 jun. 1875, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=343951>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁵⁹ SAID, Tabita. *Mentes e corações: como a imprensa católica militante atuou na política brasileira*. Jornal da USP – Ciências, São Paulo, 15 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/mentes-e-coracoes-como-a-imprensa-catolica-militante-atuou-na-politica-brasileira/>. Acesso em: 4 fev. 2026.

⁶⁰ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *As lições de Bernardo Guimarães em A Escrava Isaura: escravidão e literatura na segunda metade do século XIX. Temporalidades – Revista de História*, v. 9, n. 3, ed. 25, p. 40, set./dez. 2017. ISSN 1984-6150.

O que distancia Rosa [escravizada que trabalhava na fazenda do Comendador, destinada aos trabalhos mais braçais] de Isaura não é apenas a cor da pele ou a sexualidade negada a uma e atribuída à outra com exaustão. É principalmente o fato de Rosa ser a “invejosa e malévola”, enquanto Isaura era “bonita e civilizada como qualquer moça branca”. O que as diferenciava, portanto, era a educação oferecida à Isaura pela mãe de Leôncio. Talvez essa seja a principal lição deixada por Bernardo Guimarães, em *A Escrava Isaura*: ofereça uma educação adequada às escravas “quase” brancas e teremos uma Isaura. Aquela que será capaz de assumir um papel especial no país por ele desejado, com trabalhadores livres oriundos das senzalas, e mulheres prontas para a maternidade. Mas a educação não seria o bastante, se não arrandassem para essas mesmas mulheres um casamento considerado adequado. Basta enfatizar que a mulata seria um dos caminhos, talvez o mais curto, para a geração de indivíduos de pele cada vez mais clara. Bernardo Guimarães vivia um momento em que, com a lei libertava-se o ventre daquelas mulheres, mas o casamento seria necessário para controlar os corpos delas.⁶¹

A importância da obra literária abordada neste trabalho, está no fato de que, em tese, ela reflete o ponto de vista de um indivíduo que estava atento aos acontecimentos de sua época, e utilizou da escrita para disseminar seus ideais de branqueamento e seu projeto educativo republicano. À luz dessa análise, confirmamos as configurações defendidas por este mecanismo, como a seguir:

O projeto republicano de modernização do Brasil encontrou na população negra um entrave para a sua concretização. No final no século XIX, período em que se intensificaram as discussões sobre um Brasil desenvolvido nos padrões europeus e no pensamento dos ideólogos do projeto republicano, o grande número de negros e de negras ainda em situação de escravidão no território brasileiro impediria o desenvolvimento do país, não permitindo o avanço econômico. Somado à luta dos movimentos abolicionista desde a primeira metade do século XIX, esse discurso contribui para que se intensificassem as discussões em prol da abolição da escravidão no território brasileiro.⁶²

Nesse sentido, Silveira também pontua que o escritor atuava também em questões jurídicas e propostas legislativas já que se formou na Faculdade de Direito de São Paulo e atuou como juiz no estado de Goiás.⁶³ Nesse contexto, é possível compreender melhor a história do romance: Guimarães apresentava propostas de “libertação” em seu livro, já que estava por

⁶¹ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *As lições de Bernardo Guimarães em A Escrava Isaura: escravidão e literatura na segunda metade do século XIX. Temporalidades – Revista de História*, v. 9, n. 3, ed. 25, p. 43, set./dez. 2017. ISSN 1984-6150.

⁶² FELIPE, Delton Aparecido. A educação da população negra na formação do Estado moderno brasileiro. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 7, n. 17, p. 324, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/84>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁶³ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *As lições de Bernardo Guimarães em A Escrava Isaura: escravidão e literatura na segunda metade do século XIX. Temporalidades – Revista de História*, v. 9, n. 3, ed. 25, p. 40, set./dez. 2017. ISSN 1984-6150.

dentro do campo das leis brasileiras. Educar seria branquear, que equivalia a “civilizar” o Brasileiro, modernizar o Brasil - projeto deveras problemático aos nossos olhos de hoje, mas que se apresentava como posição contestatória da proposta de branqueamento pela política de imigração europeia que se fomentava, deixando os ex-escravizados por si mesmo, como foi de fato, o projeto que venceu e a prática que prevaleceu.

Guimarães dialoga com as questões sociais do país – a própria escravização e o futuro pós-emancipação – para configurar o universo de sua obra literária. Entretanto, por mais que a ambientação de sua criação tenha se inspirado na realidade, deve-se destacar a mais provável verossimilhança no romance. Dessa forma, é essencial comparar a abordagem do literato com as imagens históricas do Brasil oitocentista, no que tange à escravização e, principalmente, ao papel das escravizadas.

Nesse sentido, a pergunta que procuro responder busca explorar as tênues fronteiras entre fato e ficção no romance. Guimarães foi fiel, historicamente falando? Ou está mais comprometido com a verossimilhança do que com a verdade dos acontecimentos? Quais são os limites entre a verdade dos fatos e a simbologia da ficção, as semelhanças e distanciamentos frente aos fatos históricos? Após elaborar as ideias de mestiçagem e o projeto republicano brasileiro, modelado pelo anseio da branquitude, seria possível traçar a Isaura como uma metáfora deste branqueamento? Isaura, a escravizada capaz de se camuflar ao mudar de nome – Elvira – em bailes da elite de Recife e não ser suspeita de possuir sangue africano.

Assim, aqui retomo algumas cenas literárias de *A Escrava Isaura*, a fim de compará-las com as paisagens históricas.

Nos primeiros capítulos de seu livro, Guimarães pondera sobre as habilidades musicais de Isaura:

A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza ouvia-se distintamente o arpejo de um piano casando-se a uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada, e do timbre o mais puro e fresco que se pode imaginar. Posto que um tanto abafado, o canto tinha uma vibração sonora, ampla e volumosa, que revelava excelente e vigorosa organização vocal. O tom velado e melancólico da cantiga parecia gemido sufocado de uma alma solitária e sofredora. Era essa a única voz que quebrava o silêncio da vasta e tranquila vivenda. Por fora tudo parecia escutá-la em místico e profundo recolhimento.⁶⁴

O trecho acima pontua o conhecimento de Isaura sobre o piano, além de uma capacidade de canto extremamente admirável, o que se subentende que teria uma voz muito

⁶⁴ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 5. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

bem ensaiada – indicando prática como um costume, algo rotineiro – novamente com a possibilidade de configurar uma metáfora de Guimarães. Seria a tão aclamada “voz melodiosa”⁶⁵ da protagonista, uma voz disciplinada? Assim, na posição de escravizada e de mulher, com aspectos tão angelicais que o literato a descreve, destacaria uma posição de indivíduo submisso e frágil, supostamente e propositalmente representada como incapaz de rebelar-se em uma sociedade não apenas escravagista, mas patriarcal. Este fator esclarece a presença da cultura musical clássica – a exemplo do piano – e a ausência dos batuques, agogôs e danças “sensuais” africanas. Com isso, qualquer influência africana passa a ser renegada em relação à protagonista.

Entretanto, estas qualidades provavelmente provocam um considerável estranhamento na maioria dos leitores: seria possível uma escravizada possuir contato com instrumentos musicais, e ainda por cima, saber tocá-los? Para responder a esta pergunta, trago um anúncio de venda, transmitido pelo *Jornal do Commercio* (RJ) - 1850-1859, que menciona uma menina de pele escura capaz de tocar piano, no ano de 1858:

VENDE-SE uma preta de idade, que lava e cozinha, por 450\$000: assim como uma pardinha de 15 annos, que sabe ler, escrever, tocar piano, bordar e tudo quanto se deseja em uma completa mucama, com a condição de ir para fóra: na rua da Alfandega n. 120.⁶⁶

O historiador brasileiro Luiz Felipe de Alencastro menciona a disseminação do piano como instrumento musical nas casas de brasileiros a partir da segunda metade do século XIX, conforme averiguamos em:

Uma virada na música e nas danças imperiais sucede nos anos 1850 com o aumento das importações de pianos. Como se viu, o Rio de Janeiro recebe nessa época carradas de bens de consumo. O surto de febre amarela havia deixado os importadores preocupados com uma possível queda no comércio da corte. Não foi o que aconteceu, explicava um diplomata francês, num despacho para o governo parisiense: “Não houve nada disso, e as reuniões entre estrangeiros e nacionais, os bailes e as festas de todo o tipo sucederam-se com entusiasmo”. A mercadoria-fetichismo dessa fase econômica e cultural será o piano. Àquela altura, o progresso da tecnologia industrial levava à substituição, no corpo interno do instrumento, dos quadros de madeira por quadros de liga metálica, os quais, permitindo uma tração maior nas cordas de aço, aperfeiçoavam o som e tornavam as afinações menos necessárias. Mais sólidos e menos sujeitos a reparos, os pianos podiam viajar para os trópicos, servindo de frete para os navios estrangeiros que respondiam à explosão da demanda de mercadorias inertes no Império, depois de cessada a importação de mercadorias vivas. As duas pequenas fábricas de pianos

⁶⁵ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 5. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

⁶⁶ *JORNAL DO COMMERCIO*. Rio de Janeiro, 1858, ed. 22, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04. Acesso em: 31 mar. 2026.

existentes no Recife e na corte não eram páreo para as grandes marcas que desembarcam a partir de 1850. Ao contrário dos outros instrumentos musicais até então correntes no país, suscetíveis de serem aqui copiados por hábeis artesãos, o piano dos meados do século XIX já ganhara as características de produto industrial sofisticado. Desenvolve-se um importante mercado para esse instrumento.⁶⁷

Por sua vez, Hudson Cláudio Neres Lima comenta sobre a participação de personagens pretos nesse contexto musical, destacando sobre o mencionado instrumento musical e um renomado coro composto pelas vozes de escravizados:

O contexto musical em Valença é destacado também pelo jornalista valenciano Francisco Tiago, conhecido como João da Terra (Iório, 1953, p. 328). Em suas palavras, Tiago descreve Valença como a terra dos pianos, permeada pelas melodias de valsas e polcas que ecoavam nos lares mais abastados...A citação de A. C. de Araujo Guimarães, publicada no Jornal do Comércio em 19 de novembro de 1933, relata um evento significativo na história musical de Valença (Iório, 1953, p. 182). A Baronesa do Rio Preto, nora do Visconde, organizou uma missa em ação de graças na igreja matriz de Valença. A orquestra particular da fazenda, formada por 80 escravos, e um coro de pequenos escravos, com 70 vozes, tiveram um papel destacado. Essa descrição revela um momento peculiar, indicando a presença de uma orquestra numerosa para a época, composta exclusivamente por músicos escravizados. A hipótese levantada é que esta orquestra sinfônica possa representar um marco significativo na história musical do Estado do Rio de Janeiro. A presença de uma orquestra extensa e diversificada, formada por escravizados, representa um fenômeno excepcional no cenário musical brasileiro do século XIX. Considerando a escassez de registros sobre orquestras sinfônicas na região naquela época, essa ocorrência em Valença pode suscitar a hipótese de ser uma das primeiras manifestações sinfônicas registradas no Estado do Rio de Janeiro.⁶⁸

Em suma, é verossímil que Isaura, segundo a narrativa literária, moradora de uma fazenda localizada em Campos dos Goytacazes (RJ), tocasse piano, mesmo sendo uma mucama (escravizada comumente destinada a trabalhos domésticos). Inverossímil seria ela tocar violão, já que não era um instrumento considerado adequado para uso num ambiente familiar e da elite brasileira, ao contrário do piano – artefato disputado e popularmente utilizado nas casas que tinham condição de sustentar artefatos sofisticados⁶⁹, como os proprietários de escravizados, à exemplo do Comendador descrito por Guimarães.

⁶⁷ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida privada e ordem privada no Império*. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional* (vol. 2) [recurso eletrônico]. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019, p. 38.

⁶⁸ LIMA, Hudson. *Colhendo a liberdade: mobilidade social de músicos entre os séculos XIX e XX a partir da investigação de músicos escravizados em fazendas de café*. *Orfeu*, Florianópolis, v. 9, n. 1, e0206, 2024. DOI: 10.5965/2525530409012024e0206. Disponível em: [Revista Orfeu](https://doi.org/10.5965/2525530409012024e0206). Acesso em: 9 jun. 2026.

⁶⁹ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida privada e ordem privada no Império*. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional* (vol. 2) [recurso eletrônico]. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019, p. 38.

Ao reconhecer a brasilidade da modinha acompanhada ao violão e iniciar-se nos estudos do instrumento, Policarpo [refere-se a Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto] tornou-se alvo de críticas da alta sociedade urbana: “Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão respeitável! Que seria? (...). Mas não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu que o major aprendia a tocar violão. Mas que coisa? Um homem tão sério metido nessas malandragens!”⁷⁰

Além disso, nesse exercício comparativo sobre a obra ficcional e a história factual, vale evocar o personagem Miguel. O pai de Isaura é descrito como um “feitor, porém, que era um bom português ainda no vigor dos anos”.⁷¹ Nesse sentido, indagações podem ser feitas sobre a presença de portugueses trabalhando para fazendeiros brasileiros, ainda mais ocupando a posição de feitor, que consiste em um cargo de relativa confiança. Os feitores eram uma espécie de supervisores, encarregados de se certificar que o trabalho nas propriedades estava se dando de forma disciplinada e efetiva⁷². Contudo, a figura dos feitores vem acompanhada pela ideia de violência, já que estes eram responsáveis por fazerem cumprir os castigos àqueles escravizados que desobedeciam a suas ordens.⁷³ Porém, em *A Escrava Isaura* esta representação do feitor sofre uma espécie de resignificação, como dito em:

Antes de entender os meandros e complexidades desse ofício, é importante buscar uma outra imagem do feitor, agora na literatura brasileira do século XIX. Ali eles aparecem também como personagens perversos. Porém, em pelo menos um caso, o feitor é descaracterizado desses adjetivos. No romance de Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, um dos personagens que move a trama é o feitor Miguel, pai de Isaura, que foge do tradicional conceito do feitor mal e cruel. De nacionalidade portuguesa, Miguel é o feitor da fazenda herdada por Leôncio (esse sim o vilão da história). Em contraste ao patrão,

⁷⁰ MOURA, Robert. *Uma educadora republicana: a face desconhecida de Maria Lacerda de Moura*. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2021. p. 18. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/cxdgg/pdf/moura-9786586832617.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁷¹ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 18. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

⁷² O termo feitor designa, historicamente, o capataz ou supervisor responsável por gerenciar o trabalho escravo nas fazendas, engenhos e feitorias do Brasil colonial e imperial, fiscalizando a produção agrícola ou pecuária, impondo disciplina rigorosa por meio de castigos físicos e vigiando os escravizados para prevenir fugas, rebeliões ou diminuição da produtividade, com autoridade delegada diretamente pelos senhores de terras ou engenho. Cf. ALBUQUERQUE, Felipe. Um ofício da escravidão: o trabalho dos feitores no Brasil oitocentista. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 121-140, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/86798>>. Acesso em: 18 abr. 2026; GORENDER, Jacob. O escravismo colonial. 6. ed. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016. 632 p.

⁷³ Rápidas associações da violência da escravidão aos feitores (e por vezes também aos capitães do mato) evidenciam e personalizam apenas um aspecto do próprio sistema, e encobrem outros. Essa imagem cristalizada da escravidão acaba por colocar o feitor como um sujeito sem história, como se a forma da violência e do trato com os escravizados fosse quase atemporal, sem mudanças e sem sofrer as contingências do tempo. Por sua vez, as representações literárias dos feitores também sofreram poucas alterações ao longo do tempo. Cf. ALBUQUERQUE, Felipe. Um ofício da escravidão: o trabalho dos feitores no Brasil oitocentista. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 121-140, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/86798>>. Acesso em: 18 abr. 2026; GORENDER, Jacob. O escravismo colonial. 6. ed. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016. 632 p.

ele aparece sempre tratando com humanidade os escravizados, demonstrando certo zelo paternalista pela escravaria (afinal, a sua filha Isaura, apesar de ter sido criada sob os mimos da falecida patroa, fazia parte do conjunto da propriedade). Miguel é a projeção, um reflexo de um senhor paternal. Publicado pela primeira vez em 1875, em plena campanha abolicionista, o romance trazia as cores do momento, da ótica paternalista estabelecida.⁷⁴

A função de feitor não era algo banal, exigia confiança e responsabilidade. Assim, compreensível (ou melhor factível) o motivo do Comendador escolher uma pessoa branca para ser digna da supervisão de suas terras. Os escravizados no contexto do livro, estavam submetidos a trabalhos braçais, como é demonstrado no fragmento em que o Comendador destina a escravizada Juliana, até então uma mucama, “para a senzala e os fragueiros trabalhos da roça, recomendando bem ao feitor que não lhe poupasse serviço nem castigo”.⁷⁵ Segundo Jacob Gorender:

O escravismo colonial determinou-se pelo trabalho escravo, mas, em algum grau, também precisou recorrer ao trabalho assalariado de tipo pré-capitalista, inserido no modo de produção escravista colonial como relação de produção subsidiária [...] Segundo Couty – podemos lembrar –, a tarefa de vigilância de escravos exigia no mínimo um pessoal quatro vezes mais numeroso do que a vigilância de operários livres. Uma ideia aproximada nos deixou Correa Júnior, que, na Fazenda Santa Fé, encontrou pouco mais de 30 empregados portugueses para 300 escravos. Em sua maioria, tais empregados seriam certamente feitores de turmas de escravos.⁷⁶

Fernando de Sousa, também observa que:

Esta tradição dos emigrantes portugueses saídos do Norte de Portugal, que sabiam ler e escrever se dedicaram no Brasil, preferencialmente, ao comércio, vai manter-se ao longo do século XIX. Por 1870-1872, na Amazônia, no Pará, na Baía, no Maranhão, no Ceará, predominavam os caixeiros e negociantes. O mesmo acontecia em Pernambuco, onde 60% dos que chegaram, entre 1862-1872, eram menores, trabalhando como caixeiros e feitores... Em Pernambuco, onde a emigração clandestina era insignificante, 60% dos que entravam, vindos sobretudo do Minho, eram menores, destinando-se a caixeiros e feitores. Comentava o cônsul aí instalado que estes rapidamente tomavam “amor ao Brasil” e quem tinha algum dinheiro casava com brasileiras.⁷⁷

⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁵ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 18. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

⁷⁶ GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1978, p. 289-290.

⁷⁷ SOUSA, Fernando de. Os portugueses: de colonos a imigrantes. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade; FERLINI, Vera Lucia Amaral; MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de (orgs.). *De colonos a imigrantes: (E)migração portuguesa para o Brasil*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 30-31.

Logo, conclui-se que há verossimilhança com as narrativas historiográficas sobre o período no que tange o personagem Miguel, em *A Escrava Isaura*. Miguel, ao ser identificado como um português, claramente passa a ser associado como europeu e branco. Assim, digno de ocupar uma posição de liderança, quiçá, também, digno de ser pai da protagonista. Isaura, descrita de maneira tão angelical, como em “Mas creia-me, Dr. Geraldo, é ela a criatura mais nobre e encantadora que tenho conhecido. Não é uma mulher, é uma fada, é um anjo, é uma deusa!...”⁷⁸, segundo as lentes do racismo e do eurocentrismo, só poderia ter um pai europeizado e embranquecido.

Nesse sentido, a ascendência do pai influencia em seu tom de pele. Isaura herda, então, o sangue europeu e a pele não-preta, por parte de Miguel (demonstra-se uma ideia de raça dominante).⁷⁹ De sua mãe Juliana, a menina herda a posição social – uma mucama – na fazenda do Comendador e de Leôncio, assim como o interesse sexual do proprietário das terras. A explicação complementar para a cor de pele da protagonista e para o romance ter alcançado tamanha repercussão à época. Está posto o dilema racial brasileiro:

O leitor brasileiro, naquele tempo, restringia-se à burguesia em ascensão, em especial as mocinhas casadouras da classe dominante a que se refere Sodré. O fato de colocar uma negra como heroína de um romance talvez seria considerado uma heresia, o que explicaria o porquê de Bernardo Guimarães ter feito de Isaura uma escrava branca, educada na Casa Grande dentro dos moldes burgueses, mas submissa, recatada, passiva como devia ser o papel do negro naquela sociedade escravocrata.⁸⁰

Contudo, realmente haviam escravizadas brancas na sociedade brasileira oitocentista, ou a imaginação de Guimarães foi fértil demais?

Já entre as interpretações que buscam explicar como era possível a existência de escravos brancos no Brasil oitocentista, uma resposta é recorrente: as escravas negras eram alvos frequentes do abuso sexual senhorial, dando

⁷⁸ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 105. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

⁷⁹ Jamais nos será permitido duvidar que a vontade da Providência destinou ao Brasil esta mescla. O sangue português, em um poderoso rio deverá absorver pequenos afluentes das raças índia e etiópica. Em a classe baixa tem lugar esta mescla, e como em todos os países se formam as classes superiores dos elementos das inferiores, e por meio delas se vivificam e fortalecem, assim se prepara atualmente na última classe da população brasileira essa mescla de raças, que daí a séculos influirá poderosamente sobre as classes elevadas, e lhes comunicará aquela atividade histórica para a qual o Império do Brasil é chamado. C.f VON MARTIUS, Karl Friedrich; RODRIGUES, José Honório. Como se deve escrever a História do Brasil. *Revista de História de América*, n. 42, p. 433-458, 1956.

⁸⁰ SANTIAGO, Werianny. *Damas “negras”: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza, a construção da personagem feminina*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3223>. Acesso em: 31 mar. 2026.

origem a crianças que herdavam a condição escrava materna, mesmo quando nasciam brancas...⁸¹

Complementando para com esta realidade/verdade histórica, vemos que esta repercussão de uma ‘escravidão branca’ tenta sensibilizar a muitos através do veículo literário:

Alberto da Costa e Silva sugere que a comoção e a clemência despertadas pela escravidão branca encontraram os seus maiores desdobramentos literários por meio da obra *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicada em 1875.⁸²

Portanto, não apenas existiam escravizadas brancas, mas que a repercussão desta informação foi alvo de sensibilização: será que foi capaz de gerar maior questionamento do que a escravização de africanos e afrodescendentes? Assim, o questionamento perdura e ecoa quando pensamos e comparamos a proporção de um destes movimentos – escravização de brancos – em relação à mais conhecida: a escravização de pessoas pretas.

Convém alertar desde já que os escravos e escravas brancos aqui analisados eram bastante raros se comparados ao volume de africanos e crioulos em cativeiro; não eram imigrantes mediante contrato para trabalhar na plantation escravista; não eram mulheres europeias forçadas a se prostituir e muito menos eram o resultado da captura de europeus nos litorais da Europa. Seguindo interpretações já realizadas, tais escravos haviam nascido na escravidão e herdaram tal condição jurídica por via materna, eram o resultado de costumes locais e bem brasileiros de reprodução da mão de obra cativa. Em tese, seria de se esperar que fossem reconhecidos como pardos ou mulatos, considerando seus prováveis antepassados mistos e seu nascimento na escravidão. Isto, entretanto, não aconteceu na maioria dos casos encontrados, pois sua pele e demais traços físicos eram percebidos pelos contemporâneos de modos muito diferentes daqueles atribuídos aos africanos... em grande medida, os escravos brancos foram possíveis devido aos conflitantes e complexos processos de miscigenação vigentes na sociedade escravista.⁸³

Apesar de ser uma informação de proporções incomparáveis no que tange à quantidade, bem sabemos que, quando falamos de práticas de violência, não são os números que importam. Sendo assim, finalizo este capítulo com a seguinte reflexão: *Isaura* seria tão (re)conhecida e estampada em tantos veículos (filmes, novelas, folhetins e livros) e capas – como as setenta e seis edições coletadas – se não tivesse sido construída por Bernardo Guimarães sem os “defeitos de cor”, mas evocarmos mais uma vez a obra de Ana Maria Gonçalves, ou mais

⁸¹ ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. *Escravos brancos no Brasil oitocentista: tráfico interno, distinções raciais e significados de ser branco durante a escravidão*. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 64, p. 57, 2021. DOI: 10.9771/aa.v0i64.42469. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/42469>. Acesso em: 31 mar. 2026.

⁸² *Ibidem*, p. 58.

⁸³ *Ibidem*, p. 59.

precisamente, com “desenhos correctos de alguns typos, que infelizmente ainda hoje existem em nossa sociedade”⁸⁴ como o sangue e a educação europeias e a cor branca? Meu palpite é que não. Isaura é a estereotipação, o desenho da mulher morena e brasileira, cuja existência no imaginário perdura porque atende a uma construção ideológica de branqueamento e civilização entre o século XIX e o XXI. Como essas questões são tratadas na capa das obras?

⁸⁴ *O ESPÍRITO SANTENSE*. Vitória, 1875, ed. 72, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217611>. Acesso em: 31 mar. 2026.

CAPÍTULO 2: REPRESENTAÇÃO DE ISAURA NO IMAGINÁRIO VISUAL

Empolgado pela idealização da mulher, o autor exagera na caracterização física e moral da protagonista Isaura, retratando-a em consonância com os ideais românticos como virgem frágil, abnegada, culta e bela, que não cede aos imperativos de seu proprietário, e não se deixa transformar em objeto de prazer de Leôncio. Na obstinação de preservar-se virgem intocada, faz ressaltar a luta entre o Bem o Mal com tendência natural para a vitória do Bem com final feliz. (Werianny Santiago, 2015)⁸⁵

Por meio da análise dos textos literários é possível compreender o processo de construção da representação do sentido hegemônico no imaginário da sociedade. A literatura é escrita a partir de uma visão de mundo, de sociedade, de um determinado período, em espaço e condição histórica. Com estes elementos, a obra literária pode ser percebida como expressão da visão de um sujeito histórico, o escritor, mas ainda como visão parcial de um coletivo também histórico no qual uma determinada representação é configurada.⁸⁶

O romance *A Escrava Isaura*, entendido como representação nos permite (re)conhecer os ideais vividos e defendidos na época de seu lançamento. Assim, através de uma passagem pelo imaginário da sociedade brasileira e o desenvolvimento de símbolos e suas respectivas representações, a escrita de Guimarães passa a ser muito reveladora acerca dos contextos e estigmas enfrentados no Brasil em pleno século XIX.

Isaura, protagonista das capas que aqui serão analisadas, trata-se de uma escravizada branqueada. Isso quer dizer que, mesmo descendendo do sangue africano, é descrita como portentosa de fenótipos brancos⁸⁷. Em mais de uma passagem Guimarães ressaltava a brancura da personagem. Ao ser querida pelas senhoras brancas, como Malvina e a mãe de Leôncio, Isaura é entendida como uma branca dama que de africana só tem a origem, a qual pode ser relevada devido aos traços físicos e comportamentais⁸⁸ que carrega e são sobressaltados pelo autor:

⁸⁵ SANTIAGO, Werianny. Damas “negras”: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza, a construção da personagem feminina. 2015. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2015.

⁸⁶ SANTIAGO, Werianny. Damas “negras”: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza, a construção da personagem feminina. 2015. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2015. p. 13.

⁸⁷ “A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabeis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzídios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na frente calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo” Cf. GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 8. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>.

⁸⁸ MACHADO, Letícia Teixeira. *O projeto da branquitude através da miscigenação: a idealização racial em A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. p. 15. Disponível em: [Pantheon UFRJ](https://pantheon.ufrj.br/). Acesso em: 27 maio 2026.

Não gosto que a cantes [cantiga melancólica que trata das aflições geradas pela escravidão, às escravizadas], não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano.⁸⁹

Mais uma vez, vemos os ideais de embranquecimento defendidos ao longo das palavras do literato – à exemplo disso, vemos que esta última frase proferida pela personagem Malvina, realiza uma referência direta à teoria da gota de sangue!⁹⁰ A mestiça Isaura, era branca acima de tudo: só assim poderia ser bem vista e assimilada/aceita pela elite branca representada pelas damas Malvina e pela esposa do Comendador. Estes princípios são explicados quando lemos:

Bernardo Guimarães parece ver nesta abdicação da ancestralidade pela branquitude – e aqui caracterizo como uma branquitude física, respaldada pela branquitude descrita pela Cida Bento – como chave para solucionar os problemas daquela sociedade marcada pela divisão racial, e, mais precisamente, o problema dos milhares de negros escravizados que viviam às margens da sociedade. Não bastava parecer branca, era da mais alta necessidade que Isaura se comportasse e se visse como branca. Em Isaura, são retratadas as expectativas de toda uma sociedade de apagar a diferença racial e reafirmar a ilusão de pureza sobre a qual se construiu o imaginário racial brasileiro. Isaura, nesse sentido, se torna a mestiça ideal [...] A branquitude era sinônimo de pureza e civilidade, enquanto a negritude era sinônimo de indignidade e selvageria.⁹¹

Guimarães escreve de uma forma que tende a deixar seu leitor hipnotizado com sua bela Isaura (padrão de beleza ao mesmo tempo construído pelo autor, mas que dialoga e também evoca os padrões que circulam na sociedade). A doce Isaura, de voz melodiosa, pele cor-de-rosa desmaiada e cabelos ondulados que caíam sobre seus ombros. O autor quase consegue, sutilizar seu posicionamento político – possivelmente interpretados como suas “soluções” para o problema da escravização – de forma que não incomode o leitor. Contudo, creio que o papel dos estudiosos historiadores seja, de fato, recompor o incômodo. Então, vemos que por trás de palavras tão românticas, Guimarães pontua seus ideais políticos e sociais:

Retornando à problemática da eugenia, que embora tenha sido idealizada por Francis Galton (1822-1911) e ganhado destaque no final do século XIX e

⁸⁹ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 10. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

⁹⁰ MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue: história do pensamento racial*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 48.

⁹¹ MACHADO, Letícia Teixeira. *O projeto da branquitude através da miscigenação: a idealização racial em A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. p. 15. Disponível em: [Pantheon UFRJ](https://pantheon.ufrj.br/). Acesso em: 27 maio 2026.

início do século XX, após a abolição da escravidão, em 1888 - a qual teve uma vasta preocupação com a evolução da raça humana quanto às características físicas e intelectuais (pois Galton defendia a superioridade intelectual da raça branca) - em *A Escrava Isaura* já trazia a mestiçagem como um fator de apagamento da raça negra, proposta, anos depois, pelos eugenistas (ainda que não tenha funcionado em larga escala, como objetivavam).⁹²

Assim como a miscigenação poderia ser disposta na sociedade brasileira como uma solução, ou melhor, condição para o progresso civilizatório no país, esta também funcionou como uma solução no contexto de vida da personagem Isaura. O fato de ser branqueada, conta com a condescendência da elite branca que a teria protegido das violências naturalizadas, de castigos físicos e tarefas árduas que apenas aqueles que detinham o sangue africano e as características fenotípicas e “comportamentais” afrodescendentes estavam passíveis de sofrer:

Diante disso, enquanto Isaura trabalha em tarefas menos árduas, em comparação aos demais escravizados, eles, enquanto escravos negros, são obrigados a exercer atividades mais pesadas. A eles, geralmente são destinados os trabalhos braçais, como agricultura, construção e outras atividades exaustivas. Portanto, na narrativa, a imagem de Isaura é construída a partir de isenções, em relação aos outros que na fazenda trabalham.⁹³

Além disso, porta os valores considerados adequados para uma mulher no período oitocentista: doce, bonita, religiosa, submissa e frágil/vulnerável, conforme vemos no trecho da obra: “A menina, a esta negou-se tudo que de leve parecesse independência. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Tinha-se horror e castigava-se a beliscão a menina respondona ou saliente; adoravam-se as acanhadas, de ar humilde.”⁹⁴

Contudo, a beleza da escrava Isaura é frequentemente sexualizada ao longo das páginas do livro. Nesse sentido, os olhares e comentários masculinos seguem o mesmo movimento dos ideais fomentados sobre a figura da mulher: marcam a visão machista e dominadora dos homens em relação às mulheres, ainda mais as escravas.

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f[...], negra para trabalhar”; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo

⁹² SILVA, João Victor Santos da. Bernardo Guimarães e a representação das relações raciais no contexto escravista do século XIX: um estudo analítico-reflexivo do romance *A Escrava Isaura*. Orientadora: Josânia Silva Santos. 2024. 61f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas,) - Departamento de Ciências Humanas, Campus IX, Universidade do Estado da Bahia. Barreiras- BA, 2024. p. 39.

⁹³ *Ibidem*, p. 46.

⁹⁴ FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. In: *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2015. p. 560.

social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as “virgens pálidas” e as “louras donzelas”.⁹⁵

Seguindo o caminho das representações, vale mencionar o teórico Chartier e seus interessantes estudos nesta área. Chartier defende que não há imparcialidade nas conjunturas que, uma vez acumuladas, constituem formas de compreender o mundo, as representações sociais.⁹⁶ Desse modo, há uma relação íntima entre estes princípios que delineiam o senso comum de uma sociedade, o poder e a dominação. Nesse sentido, forma como Guimarães representa a escravizada brasileira, protagonista de um de seus romances: uma menina conhecida pela sua feminilidade, doçura e beleza sexualizada. Ademais, este estudo sobre as representações atua de forma complementar à análise iconográfica a partir das capas do romance, já que estas são nada mais, nada menos, que representações visuais e do imaginário sobre a figura de Isaura.

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social...⁹⁷

Entretanto, o campo das representações não é o único que nos interessa para a realização deste estudo. Como trabalhamos com as imagens de Isaura, o próprio termo está associado à outra área de igual relevância: o estudo do imaginário. As capas do romance aqui descrito, estão além do campo da racionalidade, em que se encerram as representações. Estas imagens são sensíveis, simbólicas e estão no imaginário do indivíduo e das sociedades. As imagens compõem formas de ver o mundo, traduzidas em forma de imagem pelos ilustradores das capas.

É válido lembrar que o imaginário não é [apenas] representação que se restringe a um campo mais analítico e racional, traduzindo: mais intelectual e nada visual. Conforme nos

⁹⁵ *Ibidem*, p. 85.

⁹⁶ E CARVALHO, Francismar Alex Lopes. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 9, n. 1, p. 149, 2005.

⁹⁷ *Ibidem*.

ensinou Le Goff, o imaginário, ocupa apenas “uma fracção do território da representação, [e] vai mais além dele. A fantasia - no sentido forte da palavra - arrasta o imaginário para lá da representação, que é apenas intelectual.”⁹⁸

Neste sentido é que identificamos que as capas evocam símbolos, como exemplo, o piano, que está conectado às casas da elite oitocentista brasileira, e apenas com a demonstração de sua imagem nas capas, podemos conectar às realidades históricas. À luz dessa análise, vale dizer que a literatura faz parte de uma representação, mas a iconografia não se reduz a ela. As capas não necessariamente traduzem ou reproduzem a obra. Entendo que há deveras uma “liberdade poética” dos ilustradores em relação à obra. Esta liberdade tange o campo das sensibilidades, dos símbolos...da fantasia.

As imagens são livres para serem modificadas e transformadas ao longo do tempo por diferentes pessoas. Ou seja, as imagens podem inovar e dialogar com seu respectivo tempo histórico, com o imaginário construído na época de seu lançamento. Assim, enquanto as representações literárias possuem apenas a figura de Guimarães como central, as capas possuem múltiplos criadores e múltiplas temporalidades. As capas, dessa forma, dialogam com as representações de Guimarães, mas têm a liberdade de ultrapassar este processo criativo: são imagens criadoras, ainda que vinculadas às demandas do mercado.

2.1 Raça, gênero e estereótipos nas produções editoriais

Encaminhando para o objetivo principal deste estudo, que consiste em analisar a forma como a personagem Isaura é representada nas cenas visuais proporcionadas pelas capas do livro *A Escrava Isaura* – disponíveis abaixo. Nesse sentido, vale pontuar acerca da importância das capas, as quais configuram em um elemento que visa chamar a atenção do público leitor e provocar o aumento da venda do livro. Contudo, não se limitam no que tange aspectos de *marketing* e divulgação para o mercado consumidor (haja vista que os projetos de *design* das capas, são baseados em experiências prévias da equipe de vendas): as capas igualmente formulam espaços de tensão e interação com o público. As escolhas dos ilustradores que estão responsáveis pelos *designs* das capas, não são inocentes e/ou imparciais: estas refletem visões

⁹⁸ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 12.

políticas, ideologias e estão passíveis de censura.⁹⁹ Pode-se dizer, portanto, que as capas compõem um importante artifício a ser pesquisado, justamente para conhecer e compreender as escolhas por trás dos *designs*, acessando assim, os (pre)conceitos norteadores destas.

O levantamento de capas permitiu identificar padrões visuais recorrentes e rupturas. Em grande parte das edições, Isaura é representada como uma mulher branca, com vestimentas elegantes e postura delicada, reforçando estereótipos de feminilidade associados à elite europeia. Elementos como o piano e o crucifixo, recorrentes em diversas capas, funcionam como símbolos de civilização e religiosidade, vinculados à cultura europeia.

Por outro lado, capas mais recentes apresentam tentativas de ressignificação da personagem, incorporando elementos afro-brasileiros e questionando o padrão iconográfico tradicional. Essas mudanças dialogam com transformações sociais contemporâneas, especialmente com o fortalecimento dos movimentos negros e das discussões sobre representatividade.

Foram coletadas setenta e seis edições da obra, produzidas entre 1916 e 2024, o que permitiu investigar como a cativa é representada ao longo do tempo, se há alterações significativas entre as edições, de que forma os ilustradores abordam a questão fenotípica da personagem e se há relações entre as produções visuais e seus respectivos contextos históricos. Conforme observa Chartier (1990), os processos de recepção e apropriação de objetos culturais assumem interpretações peculiares conforme o contexto, sendo transformados pela própria dinâmica de circulação das ideias. Assim, as capas de *A Escrava Isaura* configuram-se como documentos históricos sobre o imaginário social e os (pre)conceitos de cada período.

As primeiras representações visuais da personagem aparecem em publicações já no século XX com o lançamento de adaptações em diferentes países. A obra alcançou proporções internacionais, tendo sido traduzida para o mandarim, espanhol, russo, polonês e alemão, muitas delas impulsionada pela telenovela exibida pela Rede Globo em 1976. Além das capas, Isaura foi representada em produções cinematográficas, com filmes lançados em 1929 e 1949, e em duas versões televisivas, em 1976 e 2004, esta última com cinco reprises, sendo a mais recente em 2025. Ao longo do tempo, “a escrava conseguiu sua alforria das páginas impressas

⁹⁹ Para melhor compreender o papel da capa como parte importante do livro, conferir em: KRAEMER, Lena. Judging a book by its cover: reader responses to paratexts in English and German translations of Chinese banned books. 2020. Tese de Doutorado. Newcastle University.

pela Editora Garnier e ganhou o cinema”¹⁰⁰, evidenciando a expansão da personagem para além do suporte literário.

A primeira versão foi a de 1929, no filme mudo dirigido por Antônio Marques Costa Filho. Vinte anos depois, no dia 30 de dezembro, às dez horas, no cine Odeon, no Rio de Janeiro, lá estava a escrava fujona em outra avant-première, a primeira refilmagem do cinema nacional. O filme em preto e branco dirigido por Eurípedes Ramos trazia no papel-título Fada Santoro e, como Álvaro, Cyl Farney... Em 1976, portanto, um século depois do lançamento em livro, a escrava Isaura ressurgia com força total. O encarregado pela adaptação foi o carioca Gilberto Tumscitz Braga, que já havia trabalhado com os textos de Machado de Assis (Helena) e José de Alencar (Senhora).¹⁰¹

Figura 3 - Painel de representações visuais de Isaura a partir das capas das edições literárias

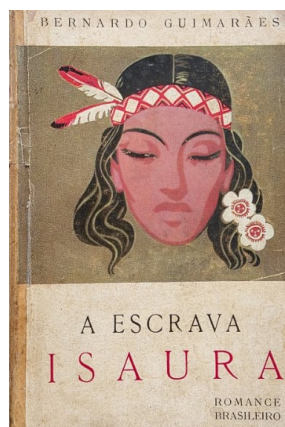


¹⁰⁰ GUIMARÃES CAMINHA NETO, José. *A escrava Isaura: uma visão multidimensional*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

¹⁰¹ *Ibidem*.



1940



1944



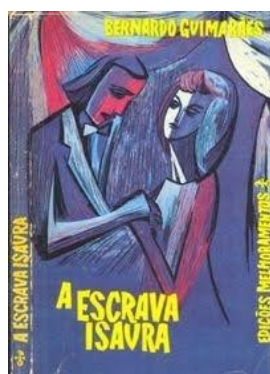
1953



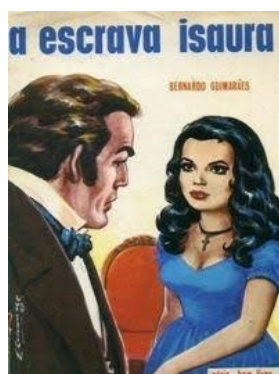
1953



1964



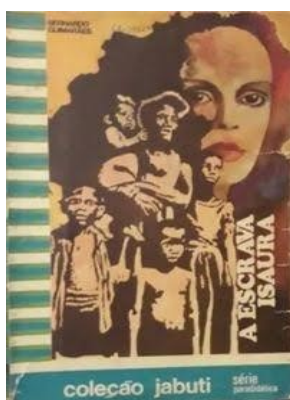
1966



1970



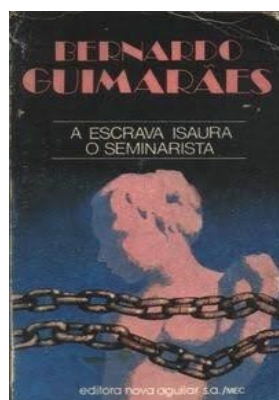
1971



1971



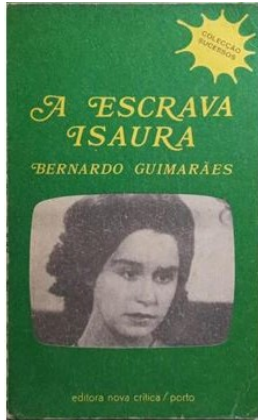
1975



1976



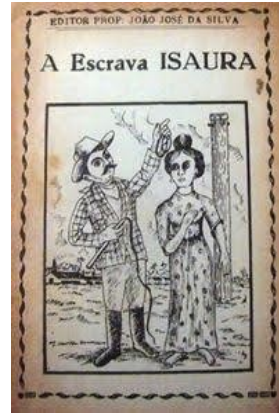
1976



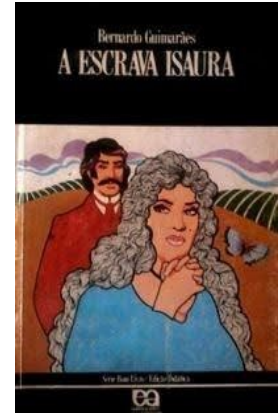
1978



1984



1985



1985



1985



1985



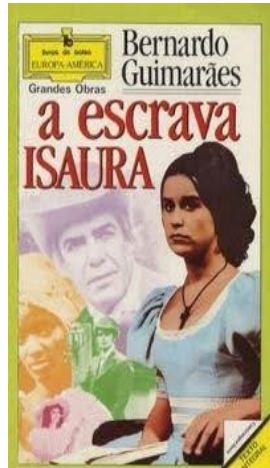
1985



1985



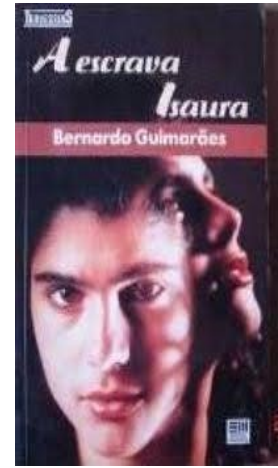
1987



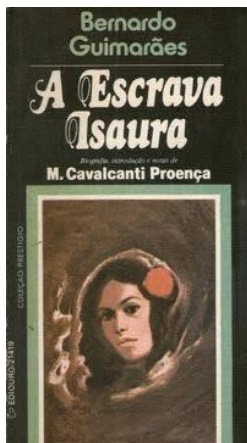
1991



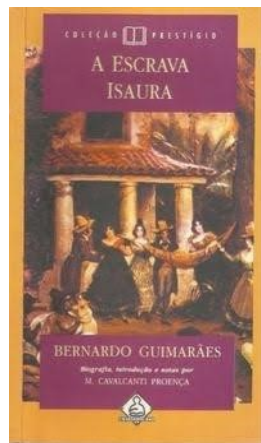
1991



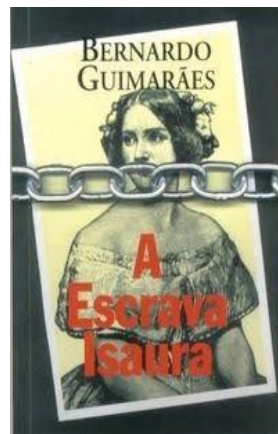
1993



1995



1996



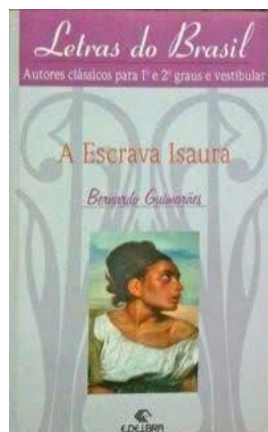
1997



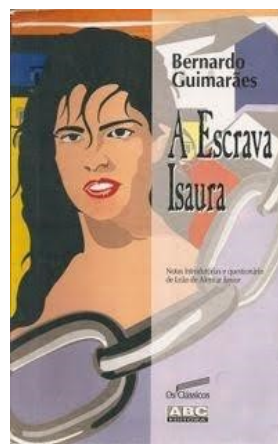
1998



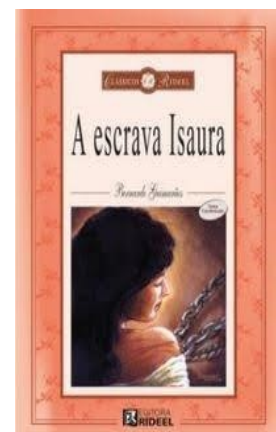
1998



1999



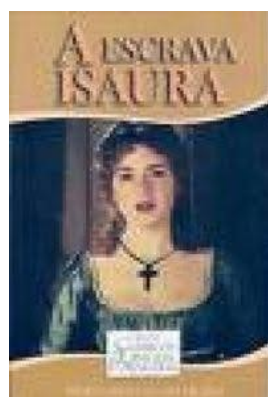
1999



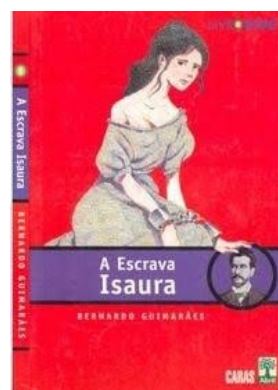
2000



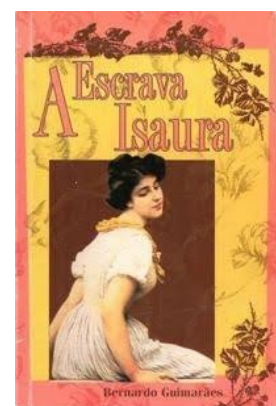
2000



2000



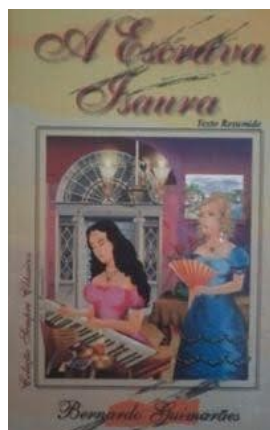
2000



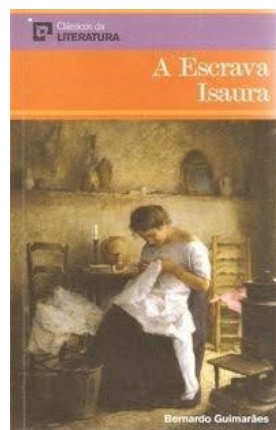
2002



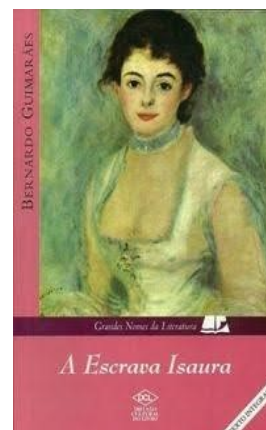
2002



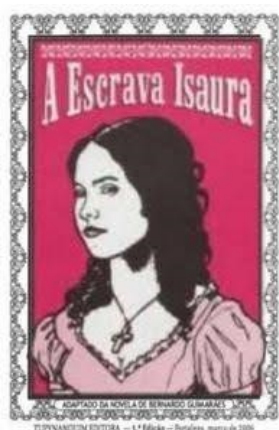
2003



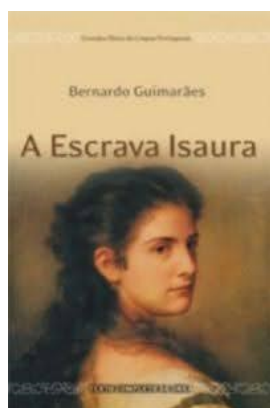
2004



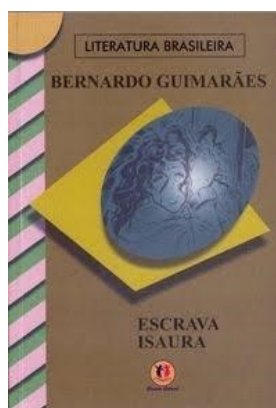
2005



2005



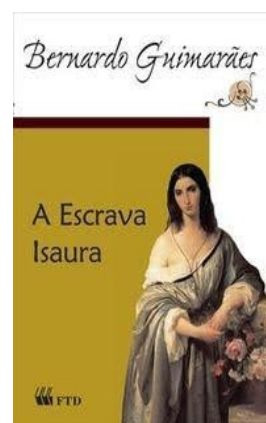
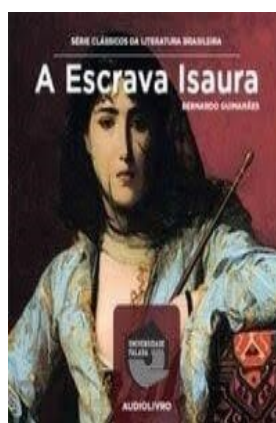
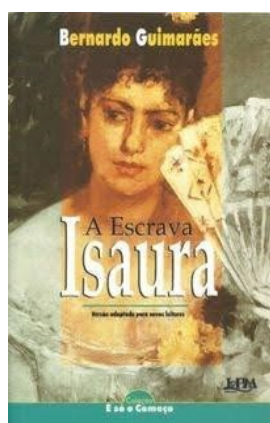
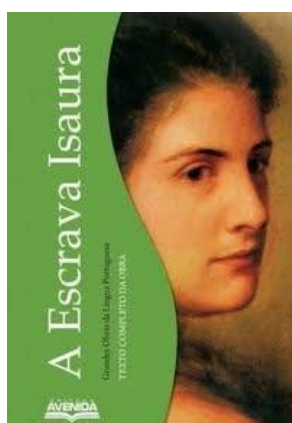
2006



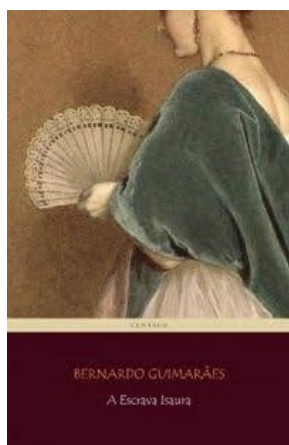
2007



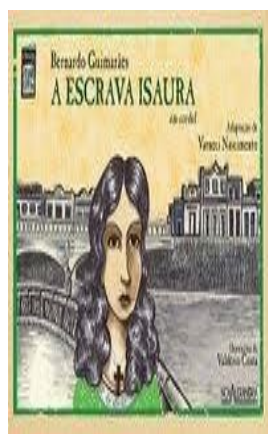
2008



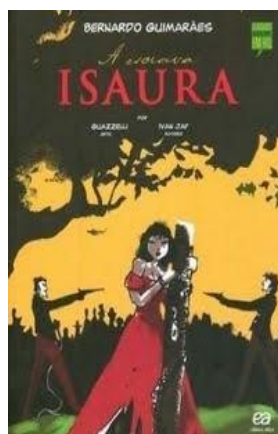
2009



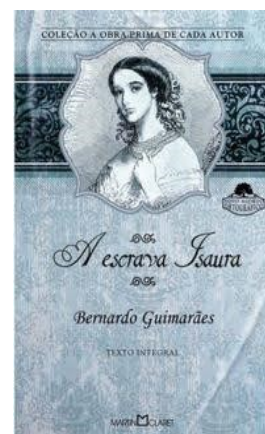
2009



2010



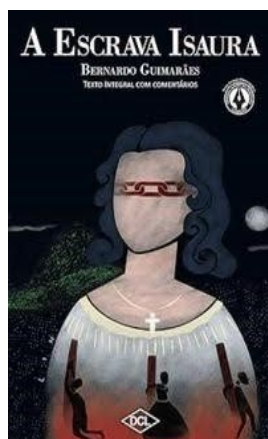
2011



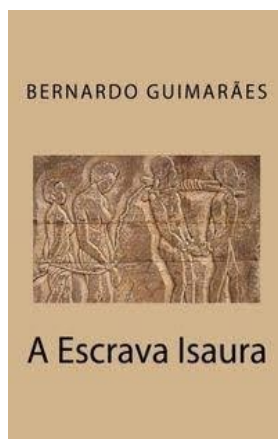
2011



2011



2012



2012



2013



2014



2014

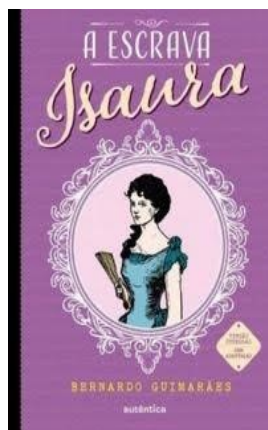


2014





2014



2018



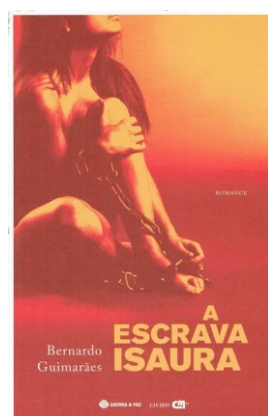
2018



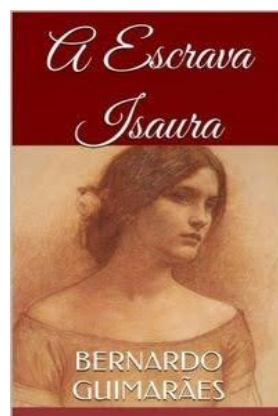
2018



2018



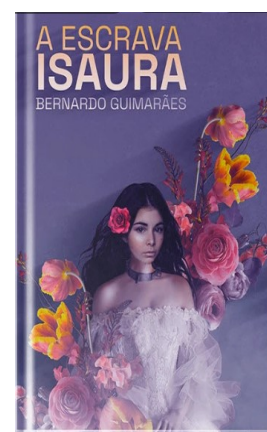
2021



2021



2021

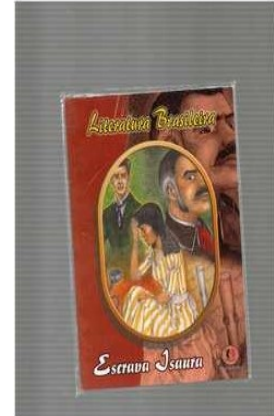


2022

2023

2024

2024



Ano lançamento
indefinido

Ano lançamento
indefinido

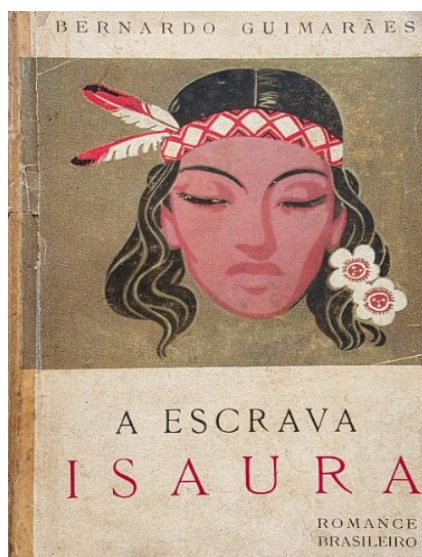
Ano lançamento
indefinido

Ano lançamento
indefinido

a) *Versão exótica e orientalizada de Isaura*

Começaremos nossa análise não pela capa mais antiga, mas pela mais intrigante do conjunto que pertence a uma edição portuguesa da década de 1940, que estampa uma mulher com traços indígenas, penas no cabelo e pele avermelhada, em estilo próximo ao Art Déco. A legenda “Romance Brasileiro” revela que o editor português projeta sobre a mestiça brasileira no contexto da escravidão, um imaginário do Novo Mundo que não corresponde ao texto.

Figura 4 – Capa de A Escrava Isaura – 1944 [6ª capa do quadro]



Fonte: Edições Ultramar, limitada (1944), nas oficinas do editorial Império, limitada, em Lisboa.

Esta é a única capa do conjunto em que a protagonista não é reconhecível como mulher branca ou mulata clara. A orientalização de Isaura levanta a questão central da recepção estrangeira da obra: o que significava, para um editor português dos anos 1940, um “mestiço brasileiro”? A resposta visual aponta para o indígena, não para a descendente de africanos descrita no texto. Trata-se de um mero equívoco iconográfico com grande valor documental para a história da edição e da representação racial no contexto luso-brasileiro?

Em 1940, o mundo se encontrava em um pós-Segunda Guerra (que teve 1945 como último ano do conflito). Sendo assim, os países estavam arrasados e devastados perante as grandes perdas socioeconômicas. O conflito a nível mundial impactou no estilo de vida geral das sociedades, e Portugal, mesmo não estando em um papel tão ativo durante a guerra, adotando a posição neutralizada conforme possível, não ficou isento destes impactos. A complexidade e dificuldade trazida por este contexto, fez com que a política portuguesa protagonizada pela figura de António de Oliveira Salazar, procurasse ideais nacionalistas promotores de uma identificação por parte do povo português, como através da comemoração da independência desta nação:

destinava-se a atuar como um suplemento capaz de funcionalizar o exercício do poder do Estado Novo sobre as massas populares. O objetivo era inferir-lhes relações de correspondência entre o presente do regime e o passado que este intentava comemorar. Tal como escreveu António Ferro, «o que vamos festejar não é, portanto, apenas, o Portugal de ontem, mas o de hoje, não apenas o Portugal de D. Afonso Henriques e de D. João IV, mas o Portugal de Carmona e Salazar... Segundo Fernando Catroga, «não se errará muito se

se defender que as comemorações do oitavo centenário da Fundação e do terceiro da Restauração de Portugal foram pensadas para pôr em cena a apoteose do regime [...]. Por isso, a evocação de datas que remetessem para a memória da fundação e da refundação ofereceria um bom pretexto para o desenho da imagem que o regime pretendia consolidar de si mesmo¹⁰²

Tendo esta comemoração da independência portuguesa em voga, vemos que o evento tinha o intuito de proporcionar sentimentos nostálgicos na sociedade de Portugal: (re)lembrar o potencial do Estado Novo e poderio deste país frente às adversidades – como é o caso do contexto gerado pela Segunda Guerra. Nesse caso, é interessante realizar o seguinte paralelo: enquanto a Alemanha nazista visava dominação de povos e controle máximo sobre seu território, Portugal e seus domínios coloniais comemoravam e reviviam uma memória colonialista como em homenagem ao imperialismo:

Todavia, é de salientar que sob o Estado Novo as comemorações públicas conheceram um impulso até então sem precedentes, tanto na metrópole como nas colónias...as comemorações históricas contribuíram de forma substancial, em paralelo com outros dispositivos políticos e tecnologias culturais, para impor e inscrever a memória histórica da metrópole colonizadora à escala imperial, disseminando-a pelos espaços e nos imaginários das populações das colónias.¹⁰³

Assim, é perceptível a importância do contexto político vivido por Portugal na época de lançamento da obra cuja capa é aqui analisada. O país estava sobre o controle de Salazar, conhecido como um ditador da extrema-direita inclinado a aspirações colonialistas, conforme conferimos em:

Salazar, por sua vez, descrevia em seus discursos o processo de colonização como um meio de levar a esses povos um novo conceito e modo de civilização...Desse modo, exercitando o nacionalismo e uma ação civilizadora, Salazar pretende fazer frente às demais potências, que no seu entender estão somente preocupadas com a expropriação de suas colónias.¹⁰⁴

À luz dessa análise, a capa de uma Isaura que apresenta traços evidentemente indígenas, pode estar intimamente relacionada aos movimentos coloniais ascendentes na década de 40, no século XX. A nostalgia do passado, a necessidade de lembrar o remoto poderio português, a potência representada por Portugal durante o imperialismo no século XVI, poderia configurar como uma estratégia para aumentar a moral da sociedade portuguesa e

¹⁰² BARROS, Víctor. Estado novo e as comemorações do duplo centenário nas colónias. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, v. 39, p. 148, 2021. DOI: 10.14195/2183-8925_39_6. Disponível em: [Revista de História das Ideias](#). Acesso em: 3 jun. 2026.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 144.

¹⁰⁴ RAMPINELLI, Waldir José. Salazar: uma longa ditadura derrotada pelo colonialismo. *Lutas Sociais*, v. 18, n. 32, p. 127, 2014.

adesão ao Estado Novo. Uma forma de lembrar que se já foram capazes de dominar povos inteiros – como indígenas e africanos – podem voltar a deter as rédeas da situação complexa dada pelo pós-guerra e pelos movimentos políticos da oposição.

b) O melodrama gráfico do pós-guerra (Capas da década de 1950 – 60)

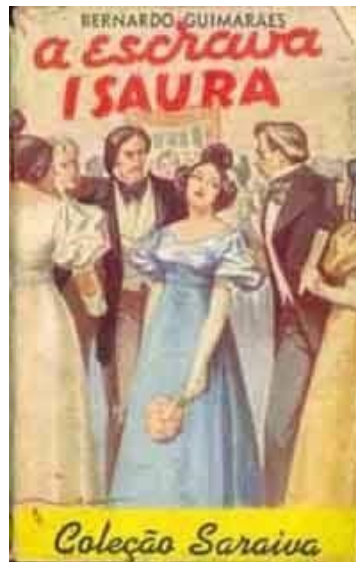
As capas de 1953 (Edições Saraiva), 1954 (EBAL) e 1966 (Melhoramentos) trazem outras referências estéticas contemporâneas: compartilham a estética do melodrama ilustrado, influenciada pelo cinema de meados do século XX. A edição de 1953 apresenta um casal teatral em ilustração próxima às fotonovelas do período com Isaura na posição central da imagem, com um vestido azul que faz alusão ao traje descrito por Guimarães (1875):

Os encantos da gentil cantora ainda eram realçados pela singeleza, e diremos quase pobreza do modesto trajar. Um vestido de chita comum azul clara desenhava-lhe perfeitamente com encantadora simplicidade o porte esbelto e a cintura delicada, e desdobrando-se-lhe em roda amplas ondulações parecia uma nuvem, do seio da qual se erguia a cantora como Vênus nascendo da espuma do mar, ou como um anjo surgindo dentre brumas vaporosas.¹⁰⁵

Contudo, a semelhança se atém apenas à cor azul do traje, já que esta Isaura da capa de muito se assemelha a uma dama considerada refinada, em um baile à moda europeia. Esta edição lançada em 1953, pelas Edições Saraiva, nos remete a bailes promovidos pelas elites como em *O Grande Gatsby*. Isaura está à moda Daisy, dispondo de pele branca e luvas que acompanham sua cor – soando quase imperceptíveis, inclusive – e um vestido com mangas bufantes que dispõe de um azul brilhante, podendo ser associado à própria seda. Então, esta Isaura de nada remete ao “vestido de chita comum” e ao “modesto trajar”.

¹⁰⁵ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. p.8. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

Figura 5 – Capa de A Escrava Isaura [7ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Edições Saraiva, 1953. 189 p.

Novamente, o contexto de seu lançamento nos importa. O mundo estava se recuperando depois da Segunda Guerra Mundial, que teve seu final em 1945. Sendo assim, a década de 50 foi conhecida como os ‘anos dourados’, uma tentativa de suavizar as tendências e renovar as esperanças nas sociedades, conforme averiguamos também na moda:

O “New Look” de Dior é a grande referência da moda feminina desta fase do século XX: cintura marcada; saia godê; calça corsário (capri); sapatilhas; cintos finos e tons pastel. Chega de preto, verde oliva, azul-marinho. A onda eram os tons pastéis, leves como a sociedade Ocidental queria viver...A mulher necessitava sentir-se feminina novamente, gostar do luxo e da sofisticação...as saias desciam novamente. Cintura bem marcada e sapatos de saltos altos, luvas e outros acessórios de luxo...¹⁰⁶

Assim, as mangas bufantes, as luvas, a bolsa requintada e o penteado sofisticado, configuram-se em acessórios de luxo que evidenciam uma feminilidade impactante. Isaura é representada como uma dama adequada à sociedade, e em seu entorno, vemos a cena de um baile: dispõem de homens trajados de terno e mulheres com vestidos igualmente reluzentes.

A capa de 1954 exhibe um rosto feminino em close expressivo com traços de ilustração comercial. A personagem exhibe uma pele mais rosada do que branca, creio que bronzeada seria a definição mais adequada. A cor da pele está em harmonia com as demais colorações exibidas na capa, que é majoritariamente composta por cores quentes – como o amarelo, alaranjado, rosa e marrom. Ademais, esta Isaura possui a famosa pinta preta citada por Guimarães e motivo

¹⁰⁶ AYUB, Mônica. *Anos dourados: moda e comportamento anos 50*. Ecolé Brasil, 4 dez. 2018. Disponível em: <https://ecolebrasil.com/blog/anos-dourados-moda-e-comportamento-anos-50/>. Acesso em: 3 jun. 2026.

de incômodo a ponto de uma mulher apontá-la como defeito durante um baile, ao avistar Isaura, ou melhor, Elvira.

Entretanto, creio que o incômodo em relação ao preto na figura de Isaura, não ficou apenas em 1875 (ano de lançamento do romance), permanecia em 1954: a pinta está localizada no lado direito da bochecha da protagonista – o lado que menos aparece na capa. Esta Isaura está com grande parte do lado direito ocultado, por assumir uma postura corporal lateralizada. Então, a pinta aparece, mas temos que apertar os olhos para não passar despercebida. A questão ascendente que nos resta é: por que a personagem foi representada com sua pinta justo no lado do rosto escolhido para ser mais ocultado? Seria, novamente, pelo incômodo causado pela cor preta, em uma personagem que muitos veem como branca? Seria uma tentativa de disfarçar os “defeitos de cor” de uma protagonista frequentemente associada à vasta beleza?

Figura 6 – Capa de A Escrava Isaura [8ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo; GUAZZELLI, Eloar. *A escrava Isaura* (Clássicos Ilustrados). Rio de Janeiro: Editora Brasil-América Ltda. (EBAL), 1954. 52 p. (*Edição Maravilhosa*, n. 92).

Estando na década de 50, esta capa segue as tendências femininas marcadas pelo pós-guerra. Assim, contamos com uma Isaura trajando uma blusa ombro a ombro, artefato amplamente usado naquele tempo: “A blusa ombro a ombro, também chamada de Brigitte Bardot, foi uma das primeiras peças de moda a cair no gosto popular, sem estar nas passarelas.”¹⁰⁷

Além disso, a editora Brasil-América acompanha a tendência da moda dos penteados desta década de 50: conhecido como “blunt bangs” ou “franjas retas”, esta escolha para o cabelo passa a ser popularizada principalmente a partir de figuras famosas como a atriz Audrey

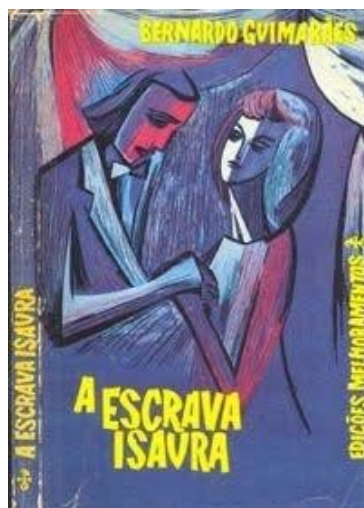
¹⁰⁷ *Ibidem*.

Hepburn. Vemos que a tendência estética nesta época é intensamente influenciada pelas celebridades, principalmente estrelas de *Hollywood* cujos nomes conhecemos até os dias atuais. O penteado de Isaura também conta com cachos esculpidos e um cabelo provavelmente de corte mediano, igualmente inspirados por outra famosa atriz:

Os cachos esculpidos. É seguramente o penteado que mais marcou os anos 50. Um penteado digno das estrelas de Hollywood, que não tardou nada a ser copiado pelo comum dos mortais. Cachos à Marilyn Monroe, que se podem usar com um corte Chanel ou cabelos médios.¹⁰⁸

A de 1966 é a mais abstrata do período: figura feminina estilizada em azul sobre fundo escuro, com traço que remete ao expressionismo gráfico europeu. Nenhuma delas ancora a obra visivelmente na temática da escravidão. Isaura poderia ser a protagonista de qualquer romance sentimental da época. O par romântico já aparece desde as primeiras edições, estabelecendo um código visual que persistirá por décadas.

Figura 7 – Capa de *A Escrava Isaura* [10ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Melhoramentos, 1966. 168 p.

Nesse sentido, vale dizer que a arte gráfica acima nos remete ao expressionismo europeu, caracterizado por ser um movimento artístico que prioriza as emoções do ilustrador/artista em detrimento da técnica de desenho. Informa mais sobre o entendimento e o sentimento de seu ilustrador, do que sobre o romance. Este fator é nítido quando vemos a majoritária cor azul na imagem: assim, a cor de Isaura não é uma questão emblemática nesta representação. Contudo, sendo a cor azul frequentemente associada à melancolia e tristeza –

¹⁰⁸ JEAN LOUIS DAVID. *Os penteados dos anos 50*. Jean Louis David Portugal, 3 out. 2021. Disponível em: <https://jeanlouisdavid.pt/blogs/blog/os-penteados-dos-anos-50>. Acesso em: 3 jun. 2026.

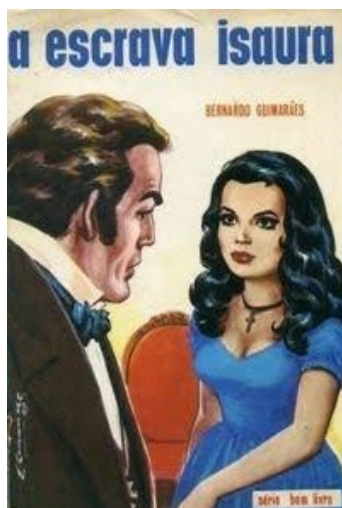
em inglês, azul [*blue*] configura-se em uma expressão utilizada para traduzir sentimentos melancólicos e depressivos – fica o questionamento se é exatamente isto que o ilustrador sentiu em relação ao romance e à história de Isaura.

O expressionismo foi um movimento artístico que emergiu no início do século XX, com origem na Alemanha, que valorizava a visão particular de mundo de cada artista, bem como suas emoções íntimas. O movimento refletia um mundo em crise, marcado pela Revolução Industrial, pela urbanização crescente e por tensões sociais e políticas intensas. Os artistas distorciam formas, cores e perspectivas para expressar sentimentos profundos de angústia, sofrimento e desespero, em vez de retratar a realidade de maneira fiel.¹⁰⁹

c) 1970 – 1975 - *Véspera da Isaura na televisão: pulp fiction e design moderno*

As edições de 1970, 1971 e 1975 revelam um momento de transição, já que em 1976 será lançada a célebre novela protagonizada por Lucélia Santos. A de 1970 ancora-se no registro do romance folhetinesco: casal em pose teatral, cores vibrantes, traço de *pulp fiction* e estampa uma cena deveras melodramática:

Figura 8 – Capa de *A Escrava Isaura* [11ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 1970.

Nesta capa, acompanhamos Isaura com seu conhecido vestido azul, seguindo a versão literária de Guimarães. As cores chamativas estão conectadas à tentativa de teatralizar a obra: vemos uma cena possivelmente romântica entre Isaura, provavelmente fingindo chamar Elvira,

¹⁰⁹ CELESNAH, Xavana. *Expressionismo: características, obras, O Grito, Van Gogh, artistas*. Casa do Saber, [s.d.]. Disponível em: [Casa do Saber](https://www.casado Saber.com.br/). Acesso em: 3 jun. 2026.

uma escrava fugida, e seu par Álvaro. Esta edição de 1970, da editora Ática, utiliza de traços do design *pulp fiction*¹¹⁰, e no trecho a seguir acompanhamos a descrição de uma capa, que foge deste estudo, enquadrada nesta categoria, mas que até parece analisar a capa acima: comprovando o encaixe desta versão, no quadro de *pulp fiction*:

O elemento principal é a figura feminina, que ocupa a maior parte da área da capa; da figura, sobressai a pele clara da mulher e a cor azul celeste de sua blusa. O título em letras grandes chama a atenção no alto da capa; as cores do título repetem as cores presentes na figura feminina central...A ilustração apresenta justamente uma cena em que uma mulher bela (em primeiro plano) é observada por um homem (em segundo plano) ...¹¹¹

Seguindo com esta análise, estudamos um certo padrão nas capas configuradas como literatura *pulp fiction*, uma vez que este movimento se popularizou no Brasil na década de 60 e a capa em questão corresponde a década seguinte, não é inusitado identificar as características deste design nesta edição.

Tomados em conjunto, [...]o padrão predominante para as capas de livros de *pulp fiction*: i) o elemento fundamental de primeiro plano é em geral uma mulher branca, de cabelo comprido e seios fartos; ii) os figurinos mais frequentes são blusas que realçam os seios e se destacam do fundo (em geral escuro) da capa; iii) é comum a presença de um ou mais homens em segundo plano, frequentemente na posição de observadores (que podem aparecer inclusive empunhando armas).¹¹²

Nesse contexto, podemos questionar o porquê da escolha de adotar um certo protagonismo feminino nas capas *pulp fiction*. Inclusive, além da centralização da figura da mulher *branca*, também acompanhamos a presença de uma certa vulgaridade em cima desta. A Isaura da editora Ática apresenta, também, os seios fartos e o vestido propositalmente decotado. Sendo assim, a resposta para esta escolha de representação da mulher, está justamente no público alvo desta categoria literária: homens, brancos e jovens.¹¹³

¹¹⁰ Pode-se definir a *pulp fiction* como uma literatura cujas publicações são efetuadas, originalmente, em papel de baixo custo (frequentemente papel jornal); trata-se em geral de romances policiais (com tradicional mescla de amor e crime no roteiro), vendidos em bancas de jornais para o público que, ao menos no início, era majoritariamente masculino. No Brasil, desde o final dos anos (19)40, o *pulp fiction* tem mercado garantido, inclusive com a participação de autores nacionais, ainda que travestidos de estrangeiros, como King Shelter (pseudônimo adotado por Patrícia Galvão para seus contos policiais). Ainda hoje verifica-se a presença (com boa vendagem) de romances *pulp fiction* em bancas e livrarias, às vezes dividindo espaço com histórias em quadrinhos que apresentam semelhança na temática de combate ao crime. Os anos (19)50 e (19)60 podem ser considerados como a época de ouro deste tipo de literatura em território nacional. C.f BARJA, Paulo Roberto; LEMES, Claudia Regina. PULP FICTION: uma leitura das capas. *Linha Mestra*, v. 16, n. 46, p. 40, jan./abr. 2022. DOI: 10.34112/1980-9026a2022n46p40-52.

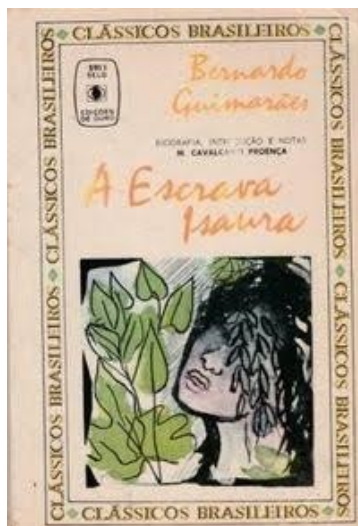
¹¹¹ BARJA, Paulo Roberto; LEMES, Claudia Regina. PULP FICTION: uma leitura das capas. *Linha Mestra*, v. 16, n. 46, p. 43, jan./abr. 2022. DOI: 10.34112/1980-9026a2022n46p40-52.

¹¹² *Ibidem*, p.49.

¹¹³ *Ibidem*.

As duas capas de 1971 apontam em direções opostas: a primeira disposta abaixo segue a linha ilustrada romanesca, podendo ser associada aos movimentos de *Art Nouveau*¹¹⁴ ao enfatizar elementos naturais como as folhas. Além disso, vemos o cabelo ondulado da Isaura desta capa, sendo confundido propositalmente com as folhas, como se tratasse de uma simbiose.

Figura 9 – Capa de A Escrava Isaura [12ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica Editora, 1971. (Coleção Edições de Ouro). 240 p.

Neste caso, a capa prioriza a representação romântica da mulher e deixa de lado o contexto escravista da história. O estilo *Art Nouveau* foi amplamente utilizado pelo artista Alphonse Mucha, que realizou representações femininas em diversas obras. Desse modo, essas representações podem ser intimamente vinculadas à capa de 1971 promovida pela Tecnoprint Gráfica Editora. A escolha deste movimento artístico em uma obra romântica que retrata a escravidão brasileira, é no mínimo intrigante. Mostra-se uma tentativa de suavizar a figura da escrava Isaura, romantizando seu rosto como se tratasse de uma representação etérea/naturalística, inspirando-se na influência do famoso artista adepto ao estilo aqui analisado:

Alphonse Mucha (1860–1939), artista tcheco amplamente associado ao movimento Art Nouveau, deixou um legado significativo por meio de suas

¹¹⁴ Inspirado pelas formas orgânicas da natureza, o movimento se destacou pelo uso de linhas sinuosas, ornamentos detalhados e padrões naturais, que evocavam um senso de harmonia entre as criações humanas e o mundo natural. Elementos como flores, folhas, cipós, pássaros e insetos eram incorporados em desenhos fluidos e assimétricos, transmitindo movimento e leveza. C.f ZANDONÁ, Clara Damasceno; DOS SANTOS MENEZES, Marizilda; SOMMER, Gabriele Justino. Investigação e análise das obras de Alphonse Mucha: Art Nouveau e a moda. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, v. 2, p. 6, 2025.

ilustrações detalhadas e decorativas. Ele é particularmente reconhecido por seus pôsteres e cartazes teatrais, que frequentemente retratavam mulheres em poses elegantes e graciosas, cercadas por elementos naturais. Sua abordagem única, caracterizada por linhas fluidas, cores suaves e uma sensualidade marcante, tornou-se emblemática para o estilo Art Nouveau...¹¹⁵

A segunda capa de 1971 (Coleção Jabuti) aposta em design gráfico experimental, com composição abstrata e tipografia em destaque, sinalizando a influência do design editorial moderno brasileiro dos anos 1970 (principalmente com a presença das faixas coloridas que emolduram e auxiliam neste processo de modernizar a ilustração):

Figura 10 – Capa de A Escrava Isaura [13ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Edições Saraiva, 1971. (Coleção Jabuti). 119 p.

Esta capa aponta o que provavelmente deve ser Isaura, estampada em um rosto feminino que ocupa o maior espaço na ilustração. Dispondo de contrastes no que tange as cores, não fica claro a escolha de representarem a pele da personagem, mas definitivamente temos um destaque quanto aos tons amarronzados ligados às propriedades rurais que fomentavam a escravidão. Esta capa configura a primeira até aqui analisada que expõe o teor do romance sem cair em romantização da história, vemos a representação de forma bruta: a realidade escravagista destacada nas figuras que remontam ao que possivelmente trata de uma família. Há três crianças e um casal, provavelmente os respectivos pais, em condições deploráveis,

¹¹⁵ ZANDONÁ, Clara Damasceno; DOS SANTOS MENEZES, Marizilda; SOMMER, Gabriele Justino. Investigação e análise das obras de Alphonse Mucha: Art Nouveau e a moda. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, v. 2, p. 13, 2025.

dispondo de trapos e corpos esqueléticos. Abatidos, provavelmente devido à fome e violência infringidas durante a escravidão, a família parece estar a caminho do mesmo destino, já que quatro membros miram para o mesmo rumo.

Em relação ao rosto de Isaura, este dispõe de cabelos extremamente volumosos, sugerindo origens afrodescendentes nesta representação dos fenótipos. Além disso, os lábios são bem abastados e possuem coloração avermelhada. Entretanto, a disposição de um nariz afinado sugere o caráter mestiço da protagonista. Localizada ao fundo da família miserável, a personagem parece estar em uma posição de "observador de fora" da situação, como se tivesse haver com o motivo da miséria – a escravização – mas não sofresse tão diretamente quanto às demais figuras representadas.

No canto inferior da capa, vemos destacado que se trata de uma "série paradidática". Então, este exemplar teria sido possivelmente utilizado no campo educacional. Assim, sugere que a capa já destaca a atenção para a questão escravista brasileira e busca promover curiosidade, provavelmente por parte dos alunos, para conhecer a história por trás da capa – muitos devem se perguntar quem são essas figuras e o porquê de estarem tão sofridas. É uma escolha iconográfica que desperta uma sensibilização frente aos horrores da escravidão.

Lançada na década de 1970 quando Brasil seguia impactado frente ao governo ditatorial ascendente desde 1964. Os discursos promovidos durante a ditadura seguem uma dicotomia: a começar pela linha da defesa de uma "democracia racial", por parte das figuras políticas centrais. Assim, os governantes insistiam na premissa de que não havia discriminação associada a racismo no Brasil, conforme:

É fato que a Ditadura não criou a desigualdade racial. Mas ela fez uso de mecanismos racistas para defender que no Brasil não havia racismo nem debate racial. A adoção do discurso do mito da democracia racial foi fundamental para a criação de convicções que formaram parte dessa base ideológica da Ditadura. A narrativa de que o Brasil havia conseguido se tornar um país livre do racismo serviu como ferramenta para invalidar o debate da militância negra (Abreu, 2021).¹¹⁶

Seria a escolha de representar a brutalidade/realidade do período imperial escravista brasileiro, parte de um discurso político? No sentido de que não havia problema Guimarães retratar as questões enfrentadas pelos afrodescendentes durante este período, muito menos a condição mestiça de sua protagonista, já que no Brasil todos seriam aceitos igualmente e viviam sob uma "democracia racial".

¹¹⁶ VIEIRA, Sophia de Aguiar; MARQUES, Rodrigo Moreno. *Desinformação e negação do racismo: uma análise da narrativa racista da ditadura no Brasil e o mito da democracia racial*. Anais do XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, v. 4, n. 1, 2025, p. 6.

Em contrapartida temos a emergência do movimento negro no início dos anos 70, mas deixando claro que nesta década temos a eclosão de sua mobilização, já que o movimento origina principalmente a partir de 1930.¹¹⁷ Este evidenciava a existência do racismo e lutava a favor dos direitos da parcela da população que mais sofria devido às discriminações raciais: o povo afrodescendente:

A tradição de luta contra o racismo, que contou com diferentes tipos de organizações políticas e culturais em vários setores da população negra brasileira desde o final do século XIX, foi importante para o surgimento, em meio a um período de ditadura militar, do movimento negro contemporâneo no Brasil no início da década de 1970. No entanto, podemos encontrar várias características específicas nesse movimento contemporâneo, como por exemplo o fato de que, diferentemente de momentos anteriores, a oposição ao chamado “mito da democracia racial” e a construção de identidades político-culturais negras foram o fundamento a partir do qual se articularam as primeiras organizações.¹¹⁸

Assim, a capa aqui analisada foi lançada durante a repercussão de movimentos extremamente contraditórios, que realizavam discursos opostos no que tange a questão do racismo e da marginalização dos corpos pretos. A Isaura com fenótipos afrodescendentes, acompanhada de uma família de escravizados que sofria perante as condições deploráveis, sinaliza para a questão do negro no Brasil: seja para defender os princípios da democracia racial, seja como uma manifestação de que o movimento negro – e os corpos negros – está presente na arte brasileira.

O uso associar que a iconografia desta capa me recorda a pintura realizada pelo artista brasileiro, Candido Portinari, denominada *Os Retirantes* (1944). A presença dos tons azulados e terrosos associados às zonas rurais em ambas imagens, além da escolha de representar uma família abatida e com corpos cadavéricos, provavelmente devido à fome e eventuais doenças, são fatores que se conectam entre as artes:

¹¹⁷ O movimento negro, no sentido estrito, foi, na sua infância (1931-45) uma resposta canhestra à construção desse mito. Canhestra porque sua percepção das relações raciais, da sociedade global e das estratégias a serem adotadas, permanecem no ventre do mito, como se fosse impossível olhá-lo de fora – e, de fato, historicamente, provavelmente o era. Para as lideranças do movimento negro, catalisadas pela imprensa negra que desembocou na FNB, o preconceito anti-negro era, com efeito, residual tendendo para zero à medida em que o negro vencesse o seu “complexo de inferioridade”; e através do estudo e da auto-disciplina, neutralizasse o atraso causado pela escravidão. Na sua visão – comprovando a eficácia do mito – o preconceito era “estranho à índole brasileira”; e, enfim, a miscigenação (que marcou o quadro brasileiro) nos livraria da segregação e do conflito (que assinalavam o quadro norte-americano), sendo pequeno aqui, portanto, o caminho a percorrer. (...) Foi só nos anos 1970 que o movimento negro brasileiro decolou para atingir a densidade e amplitude atuais. (SANTOS, 1985:289). C.f PEREIRA, Amílcar Araújo. *Movimento negro brasileiro: aspectos da luta por educação e pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil” ao longo do século XX*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 12.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 11.

Figura 11 – Capa de A Escrava Isaura



Figura 12 – Pintura *Os Retirantes* (1944), de Candido Portinari



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*.

Fonte: Museu de Arte de São Paulo Assis

São Paulo: Edições Saraiva, 1971. (Coleção Jabuti). 119 p. Chateaubriand (MASP), 2026.

Entretanto, os contextos históricos de seus respectivos lançamentos variam. A pintura demonstra uma família de emigrantes nordestinos que buscam uma saída para a seca e miséria, aspectos que assolaram a região na década de 1940¹¹⁹. Enquanto isso, a capa do romance de Guimarães aponta para a escravização brasileira vigente no século XIX. Apesar de contextos distintos, o sofrimento e a marginalização dos corpos são elementos permanentes e similares. Imagens-lembranças justapostas que sugerem permanências históricas e movimentos da memória.

¹¹⁹ Entre as décadas de 1930 e 1950, período que corresponde também ao início e intensificação da produção de Portinari sobre a temática social, aumentam os fluxos migratórios para o estado de São Paulo, com o interesse dos migrantes voltado para trabalhos na produção de culturas agrícolas do algodão e do café e manutenção das novas fazendas que se originam a partir destas demandas. É próprio deste período também o registro da seca de 1934-1936, uma das mais abrangentes e severas enfrentadas no país, afetando os estados da caatinga e também Minas Gerais e São Paulo, que tiveram um período considerável de estiagem. Só a partir deste momento, um problema regional foi transformado em problema nacional. C.f VIEIRA, Thainá Nunes. *Aproximações estéticas da obra "Retirantes" de Portinari com questões da xilogravura expressionista brasileira das décadas de 1940-1950*. 2020. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. p. 18.

Já sobre a capa de 1975 (Ediouro) consolida o padrão que a editora usaria por décadas: coleção facilmente identificável, fundo branco com moldura, rosto feminino em fotografia ou ilustração contida, funcional e escolar.

Figura 13 – Capa de *A Escrava Isaura* [14ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. 1975. Ediouro (Clássicos Brasileiros). 232 p.

É neste período que se estabelece a distinção entre as edições de mercado e as edições escolares/didáticas, com linguagens visuais cada vez mais diferenciadas.¹²⁰ Vemos, então, uma certa popularização de *A Escrava Isaura*, no meio educacional, fator largamente adotado pela editora responsável pelo lançamento desta versão. Inclusive, a editora Ediouro possui uma vertente conhecida como *Ediouro Educação*, difundida em sua plataforma digital, que tem como fundamento:

A Ediouro, desde sua fundação, desempenha um papel fundamental na difusão do conhecimento e da leitura, ao publicar grandes clássicos e nomes de peso do cânone literário. Além disso, com foco na educação, construiu um catálogo infantil e juvenil que vem abrindo mundos para crianças e sendo adotado em escolas e programas de governo. Com a Ediouro Educação, esse estreito diálogo com professores, educadores e escolas é fortalecido. Conjugando autores consagrados, variedade de gêneros e um trabalho editorial e literário direcionado para a formação de novas gerações de leitores,

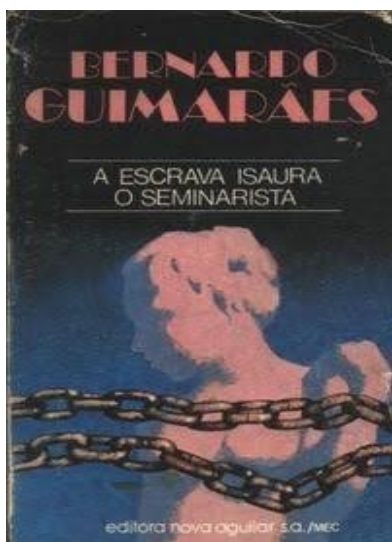
¹²⁰ No século XX, várias editoras, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas também em Belo Horizonte, lançaram coleções de bolso com o objetivo de popularizar o acesso ao livro, sempre em consonância com contextos de expansão da escolarização e ampliação da capacidade de ler da população. Segundo Souza e Crippa (2014), dois casos merecem destaque: as Edições de Ouro, pioneiras na produção de uma coleção de livros de bolso de padrão mais alto e promessa de texto integral, nos anos 1960, embora dela estivessem ausentes livros inéditos ou de contemporâneos; e a Tecnoprint (depois Ediouro), nos anos 1970, com sucesso na comercialização de livros baratos e de qualidade. C.f RIBEIRO, Ana Elisa; KARAM, Sérgio. *Coleções de livros de bolso no Brasil: notas sobre a Biblioteca Universal Popular. Palavra Clave (La Plata)*, La Plata, v. 9, n. 2, e084, 2020. p. 3. DOI: 10.24215/18539912e084. Disponível em: [Memoria Académica \(PDF\)](#). Acesso em: 13 jun. 2026.

a Ediouro Educação reafirma seu compromisso de oferecer obras que aprofundam a relação do jovem com o livro, agora de forma mais próxima com aqueles que o acompanham nesse processo.¹²¹

d) 1976–1985 - A dominância/hegemonia da estética da telenovela

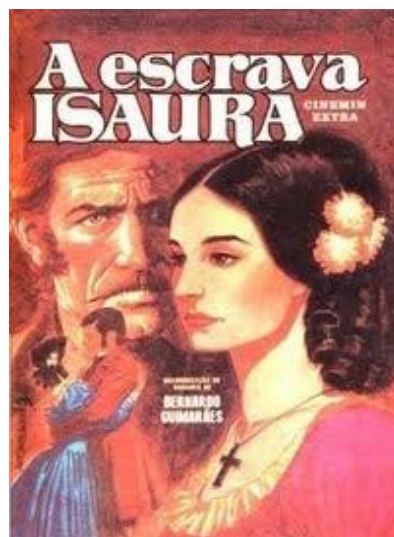
Este é o período de maior impacto externo sobre as capas. A telenovela da Rede Globo (1976), com Lucélia Santos no papel de Isaura, transforma completamente o imaginário visual da obra que transcende as fronteiras brasileiras. As edições de 1976, Nova Aguilar e outra de perfil mais dramático (editora Ebal), trazem contornos femininos de grande apelo emocional. Pode-se dizer que a editora Ebal lança uma capa diretamente influenciada pela estética televisiva. Essas foram lançadas no ano da novela, mas elas são influenciadas por ela ou a influenciam?

Figura 14 – Capa de *A Escrava Isaura* [15ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura; O seminarista*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. (Coleção Manancial, n. 46)

Figura 15 – Capa de *A Escrava Isaura* [16ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A ESCRAVA ISAURO. Cinemin Extra*. Rio de Janeiro: EBAL, 1976. 36 p.

Este ano de 1976 apresenta uma destacada dicotomia frente às formas de representar Isaura. Enquanto a Nova Aguilar escolhe transmitir a violência enfrentada por Isaura durante a trama, seja por Leôncio, seu proprietário, ou pela própria escravidão, através das correntes

¹²¹ EDIOURO EDUCAÇÃO. *Ediouro Educação*. Rio de Janeiro: Grupo Ediouro, [s. d.]. Disponível em: <https://www.ediouroeducacao.com.br/>. Acesso em: 13 jun. 2026.

no entorno do contorno de uma figura feminina que provavelmente representa a protagonista, Ebal optou por seguir uma linha romantizada. Esta Isaura apresenta pele branca em contraste com tons rosados na bochecha, que aparentam demonstrar uso de maquiagem (popularmente conhecida como *blush*).

A escolha de cores quentes, como o rosa e vermelho, ressalta a atmosfera romântica que esta editora buscou demonstrar. Ao fundo, vemos um casal que provavelmente representa Isaura e seu par romântico, Álvaro, dançando no que deve se tratar de um baile. Atrás deste casal, encontramos um semblante masculino que demonstra seriedade e alarmismo, provavelmente se tratando de Leôncio, que passou a perseguir a escravizada após sua fuga da fazenda (RJ) para Recife. Além disso, a capa preserva vestido azul escrito por Guimarães, apesar de que apresenta um modelo que não associamos à chita, já que está demasiado europeizado com uma saia rodada e tecido brilhante, talvez acetinado. Outro elemento europeizado e que foi utilizado na novela, pela protagonista Lucélia Santos, é a escolha do penteado. Associado à era vitoriana, este cabelo partido ao meio com cachos pendentes foi largamente utilizado pela princesa Eugénia de Montijo, da França, entre 1850 e 1860. Inclusive, esta majestade adotava flores para enfeitar seus cabelos, tal qual esta versão de Isaura.¹²²

Esta capa também apresenta influência da estética hollywoodiana entre as décadas de 1940 e 1950. As cores quentes (rosa, vermelho e alaranjado) contrastam com a cor branca da pele da personagem central. Este estilo melodramático foi largamente utilizado pelos filmes estadunidenses, ainda mais ao compor figuras escalonadas, já que temos o rosto de Isaura na frente, um casal dançando que provavelmente representa Isaura e Álvaro e, ao fundo, o rosto de Leôncio. Assim, o par romântico fica entre Isaura e Leôncio, ressaltando a impossibilidade de estes ficarem juntos. Inclusive, a capa em questão se assemelha à estética dos cartazes de divulgação do filme “E o vento levou”, lançado pelos Estados Unidos em 1939, protagonizado pela atriz Vivien Leigh, conforme vemos abaixo:

¹²² SESSIONS, Debbie. *Victorian hairstyles 1840s, 1850s, 1860s, 1870s, 1880s, 1890s*. Vintage Dancer, 17 jan. 2022. Disponível em: [Vintage Dancer](https://www.vintagedancer.com/victorian-hairstyles/). Acesso em: 13 jun. 2026.

Figura 16 – Cartaz de divulgação do filme “E o vento levou” [*Gone with the wind*]



Fonte: Acervo Pinterest

O fenômeno de adoção da estética televisiva se intensifica em 1985, quando surgem quatro edições simultâneas de perfis completamente distintos. A mais significativa é a tradução chinesa (女奴, “escrava” em chinês): usa o rosto inconfundível de Lucélia Santos em preto e branco como imagem de capa, confirmando que a atriz era, no mercado asiático, mais reconhecida que o próprio título do livro. Uma das edições usa composição com par romântico ao estilo telenovela. É neste período que a protagonista literária e a personagem televisiva se fundem definitivamente no imaginário editorial.

Figura 17 – Versões de banda [história narrada em imagens] inspiradas em *A Escrava Isaura*



Fonte: As capas do primeiro volume das quatro versões de banda desenhada baseada na telenovela *A Escrava Isaura* (publicada, respetivamente, por Hubei Juvenile and Children's Publishing House

(1985); Zhao Hua Art Publishing House (1985); Writers Publishing House (1985); Liaoning Fine Arts Publishing House (1985) (a ordem é da esquerda para a direita).¹²³

As edições chinesas de 1985 constituem um documento iconográfico singular: ao usar a fotografia da atriz como capa do livro, evidencia que a telenovela chegou ao mercado editorial asiático antes do próprio romance e que Lucélia Santos era, naquele contexto, a única imagem possível de Isaura, conforme vemos em:

Antes da tradução e introdução da obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, por Weng Yilan e Li Shulian (1984) e Fan Weixin (1985) para o público chinês; com a popularidade gozada pela telenovela brasileira baseada na dita obra, muitos espectadores chineses já estavam informados da linda escrava Isaura e do seu sofrimento, visto que, em 1984, esta telenovela já tinha sido dobrada e introduzida pela Televisão de Pequim para o público chinês.¹²⁴

Temos, também, a versão alemã de *A Escrava Isaura*, a qual igualmente sofre influência da telenovela do brasileiro Gilberto Braga, que redigiu e adaptou a história para as telas. A novela, tendo Lucélia Santos como protagonista e estreada em 1976 no Brasil, alcança proporções internacionais, assim como o livro:

Braga é também considerado o responsável por levar as novelas brasileiras para o mundo. "*Escrava Isaura*" (1976), da TV Globo, foi vendida para a China, Cuba, Alemanha e Rússia, entre diversos outros países. A obra é uma adaptação do romance "*A Escrava Isaura*", e a história gira em torno de uma escrava branca interpretada por Lucélia Santos. O sucesso da novela também alavancou a fama internacional da atriz.¹²⁵

Nesta representação alemã acerca da obra de Bernardo Guimarães, temos a imagem de Isaura à luz e cores de Lucélia Santos. A capa apresenta uma visão romantizada da personagem, que possui uma rosa vermelha em suas mãos e se assemelha muito à princesa Bela (até a cor do cabelo castanho preso em um coque alto), referente ao clássico desenho da Disney, *A Bela e a Fera*. A rosa vermelha foi o estopim para que houvesse a repercussão do romance representado pelo desenho, além de que o clássico vestido da princesa em voga, era amarelo – assim como o de Santos. Esta versão foi lançada em 1987, dois anos antes da queda do muro de Berlim – grande símbolo referente ao fim do período da Guerra Fria. Então, a repercussão de um produto cultural brasileiro (como é o caso da novela) nas telas alemãs, em um período histórico marcado pela bipolaridade a nível global, clima tenso entre os países do mundo todo

¹²³ HU, Zhihua; ROBERTO, Maria Teresa. *A Introdução e Recepção da "A Escrava Isaura" na China*. *Gláuks-Revista de Letras e Artes*, v. 20, n. 2, p. 99-123, 2020.

¹²⁴ Ibidem, p. 100.

¹²⁵ CAVALCANTI, Tatiana. *Com "Escrava Isaura", Gilberto Braga levou as novelas brasileiras para o mundo*. *F5/Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 out. 2021. Disponível em: [F5/Folha de S.Paulo](https://www.f5.com.br/folha-de-s-paulo). Acesso em: 13 jun. 2026.

e ideologias norteadoras das divisões entre as sociedades, evidencia uma certa harmonia entre Brasil e Alemanha.

Figura 18 – Capa da versão alemã *Die Sklavin Isaura* Figura 19 – Princesa Bela, de *A Bela e a Fera*
Isaura



Fonte: Acervo Biblioteca Peck Pinheiro



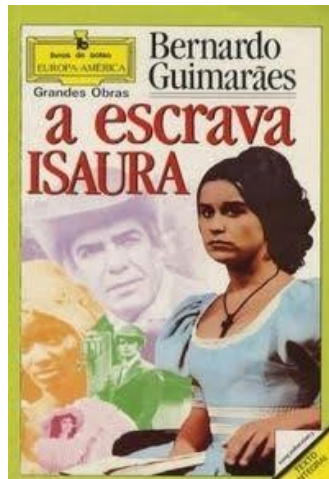
Fonte: Acervo Pinterest

e) 1991–1997 - A dispersão de linguagens nos anos 1990

A proliferação de editoras que publicam a obra nos anos 1990 produziu o maior pluralismo visual do conjunto. Convivem capas com retratos a óleo de mulheres brancas do século XIX, fotografias de modelos com adereços de época, ilustrações de linha escolar, composições minimalistas tipográficas e closes fotográficos dramáticos, ainda ecos da telenovela. Em 1991, as publicações portuguesas Europa-América lançaram uma edição que divulga mais a novela de Gilberto Braga do que a obra literária, trazendo os semblantes dos atores, com Lucélia Santos em posição central.

A capa em questão traz os semblantes dos atores que interpretam as personagens da história literária, tendo Lucélia Santos (Isaura) em uma posição central. A atriz é representada vestindo o célebre vestido azul de Isaura, além de um penteado que prende seu cabelo em um coque alto, à moda europeia do século XIX. Além disso, a protagonista parece segurar um livro ou caderno em seu colo, elemento intrigante quando pensamos em sua condição de escravizada.

Figura 20 – Capa de A Escrava Isaura [26ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 2. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1991.

A edição de 1995 (Ediouro, Coleção Prestígio) é notável pelo uso de um rosto feminino de traços marcados e pele escura em fotografia de alta qualidade: uma das poucas capas do conjunto a apresentar Isaura com fenótipo afro-brasileiro, contrariando a tendência dominante de embranquecimento. Utiliza pintura de mulher com flor no cabelo, aproveitando a arte de sua edição do livro de 1975 e apenas mudando as cores de fundo ao trocar o branco pelo negro, promovendo com esta escolha de cores uma atmosfera mais sombria para a história de Isaura:

Figura 21 – Capa de A Escrava Isaura [29ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Ediouro; Tecnoprint S.A., 1995.

f) 1998–2008 – A pintura oitocentista como referência dominante

A virada do milênio consolidou uma tendência que se tornaria hegemônica por quase duas décadas: as capas passam a usar pinturas europeias do século XIX, retratos a óleo de mulheres brancas, de vestido longo, em poses contemplativas, como imagem de capa. Esse recurso, adotado por diversas editoras simultaneamente (L&PM, Avenida, DCL, Sol90, Germape, Base e séries didáticas), produz uma Isaura visualmente branca, europeia e burguesa, apagando os traços da mestiçagem que o próprio texto descreve.

A edição de 1998, da L&PM, recorre a uma pintura de mulher branca com leque em estética vitoriana, assemelhando-se à obra de Berthe Morisot. Esta editora optou pela adoção de uma pintura que muito se assemelha (veja-se o penteado, adornos no cabelo e na forma como as figuras seguram o leque) à pintada pela artista Berthe Morisot, popularmente conhecida por estar entre as únicas pintoras de destaque no movimento impressionista do século XIX.¹²⁶

Resta perguntar: por quê? Por que a escolha de uma pintura europeia do século XIX como inspiração para a capa de uma obra literária do interior brasileiro? Penso que uma hipótese seria devido ao complexo de vira-lata¹²⁷ que assola a grande maioria dos povos latino-americanos. Tal complexo instiga o afetado a pensar constantemente que o que é europeu é mais bonito, mais valorizado e sofisticado. Ainda mais se pararmos para refletir sobre a capa, já que encaramos o símbolo do leque, o qual é fortemente associado à figura da madame branca, configurando em um artefato de luxo, que exala elegância. Será que esta inspiração foi feita

¹²⁶ Única mulher entre os impressionistas, presente em praticamente todas as suas exposições, Morisot foi artista de enorme talento, admirada e reconhecida por seus pares, como Monet, Renoir e Degas, seus amigos mais próximos. Além disso, foi inovadora: suas escolhas de vida, sua dedicação integral à pintura, a perspectiva única e transformadora de suas telas certamente contribuiu para a ampliação dos espaços, dos lugares do feminino na arte. E na vida. Com Morisot, a mulher assume, também, o primeiro plano. A mulher não apenas conhece e admira a arte. Não é apenas a musa inspiradora dos artistas. Ela inspira, mas também se inspira. Porque o seu lugar não é apenas o da mulher que assiste, mas é também o da mulher que produz. C.f BRAVO, Natália. *Berthe Morisot, única mulher entre os Impressionistas*. Conexão Paris. Disponível em: <https://www.conexaoparis.com.br/berthe-morisot-impressionismo/>. Acesso em: 13 jun. 2026.

¹²⁷ De acordo com o professor de Sociologia da PUC Minas, Euclides Neto, mais conhecido como Kika, que também é mestre em Comunicação e Cultura, “essa visão faz parte de um complexo que deriva da ideia de que, por sermos um povo miscigenado, trazemos em nós todos os traços negativos das ‘raças’, segundo uma visão antiga e equivocada da pseudociência racial, que classificava pessoas como superiores ou inferiores com base na cor da pele ou origem étnica”. Kika explica que foram se desenvolvendo certos padrões culturais, como mimetizar a cultura francesa e, mais tarde, seguir o *American way of life*, que valoriza o nacionalismo estadunidense. C.f COLAB PUC MINAS. *Qual o peso do complexo de vira-lata na cultura nacional?* Belo Horizonte, 10 jul. 2025. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/o-peso-do-complexo-de-vira-lata-na-cultura-nacional/>. Acesso em: 21 jun. 2026.

para evidenciar que apenas uma madame à moda europeia poderia ter a postura adequada para segurar um objeto tão valorizado entre as classes privilegiadas?

Figura 22 – Capa de *A Escrava Isaura* [33^a capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

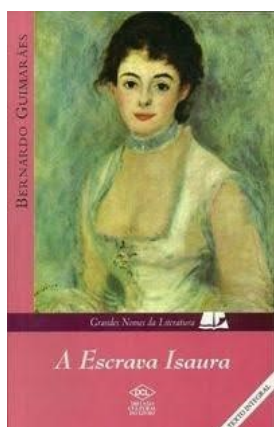
Figura 23 – Pintura *Woman With a Fan* (1876)



Fonte: Acervo digital Meisterdrucke - Fine Arts Prints

Igualmente, há a edição de 2005 produzida pela editora Difusão Cultural do Livro (DCL), que estampa uma Isaura à moda impressionista ao exibir uma adaptação da pintura realizada em 1876 por Pierre Auguste Renoir, conhecida como *Madame Henriot*:

Figura 24 – Capa de *A Escrava Isaura* [44^a capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro (DCL), 2005.

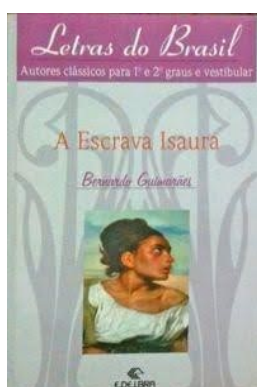
Figura 25 – Pintura *Madame Henriot* (1876)



Fonte: RENOIR, Pierre-Auguste. *Madame Henriot*. c. 1876. Óleo sobre tela. Acervo da National Gallery of Art. Disponível em: National Gallery of Art – Madame Henriot

Entre as exceções deste período: a editora Edelbra lança em 1999 uma Isaura com pele negra, olhar inquietante e roupa que mais parece um trapo, com uma das mangas caindo do ombro da personagem, realçando uma certa precariedade; a edição de 2000 da McGraw-Hill traz uma jovem com colar de traços mais diversos; a capa de 2002, organizada pela editora Ediouro, segue o exemplo da Edelbra e representa uma Isaura com traços fenotípicos negros (nariz largo e lábios carnudos); a de 2004 mostra cena de interiores com figura diminuída pelo ambiente, uma das raras capas que contextualiza a história no espaço doméstico e não no rosto da protagonista.

Figura 26 – Capa de *A Escrava Isaura* [34ª capa do quadro]



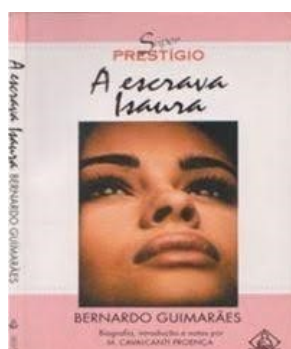
Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Erechim: Edelbra, 1999.

Figura 27 – Capa de *A Escrava Isaura* [37ª capa do quadro]



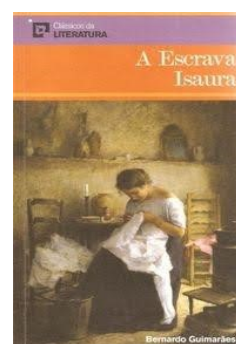
Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil Ltda., 2000.

Figura 28 – Capa de *A Escrava Isaura* [41ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

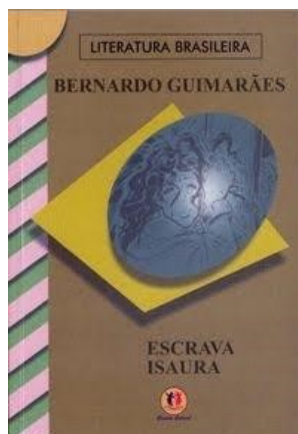
Figura 29 – Capa de *A Escrava Isaura* [43ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Sol90, 2004.

A edição de 2007 usa uma esfera com a bandeira do Brasil como elemento central, onde a figura de Isaura está. É a única capa do conjunto que aposta na identidade nacional da obra em lugar do drama pessoal e também a única que, ao dispensar a figura humana, dispensa a questão racial.

Figura 30 – Capa de A Escrava Isaura [47ª capa do quadro]

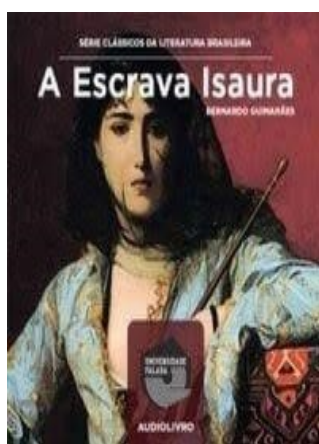


GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2007

g) 2009–2014 - Diversificação e refinamento do projeto gráfico

O período viu o surgimento de edições com projetos gráficos mais elaborados. A de 2010 (audiolivro, editora Universidade Falada) usa pintura oitocentista em tom dourado, em que vemos uma Isaura à moda francesa, assemelhando-se a uma heroína sofredora com olhar melancólico, roupa bordada em tons pastéis, cabelo esvoaçante e pose teatral.

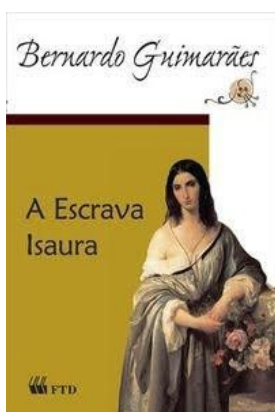
Figura 31 – Capa de A Escrava Isaura [61ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. *Clássicos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Universidade Falada, 2010.

A de 2011 (FTD) aposta em retrato feminino de grande qualidade pictórica sobre fundo amarelo vivo. Esta editora se inspirou no artista italiano Francesco Hayez¹²⁸, que em 1841 pinta *Malincolia*. A capa realiza adaptações quanto ao lado em que a personagem está apoiada e faz uso de cores mais chamativas – como o quadro amarelo em evidência.

Figura 32 – Capa de *A Escrava Isaura* [62ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: FTD, 2011.

Figura 33 – Pintura *Malincolia* (1841)

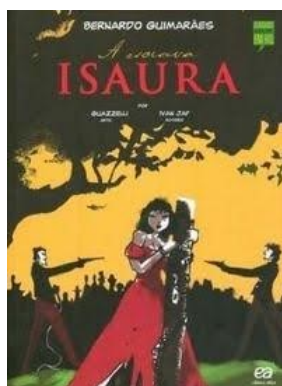


Fonte: HAYEZ, Francesco. *Pensamentos melancólicos*. 1842. Óleo sobre tela. Acervo da Pinacoteca di Brera, Milão. Disponível em: WikiArt – Pensamentos melancólicos

A edição de 2012 (Ática) em quadrinhos representa uma ruptura de linguagem: as personagens ganham corpo, movimento e expressão dramática em sequências ilustradas, o único formato que narra em vez de apenas retratar. Isaura ocupa a posição central e traça um vestido vermelho sangue, mesma cor de seu nome no título da obra. Seria esta escolha de focar na cor vermelha, uma tentativa de representar o sofrimento da personagem, que inclusive é ilustrada amarrada ao tronco— estampando a famosa punição de receber chibatada no tronco:

¹²⁸ Hayez foi a figura mais importante na transição do Neoclassicismo para o Romantismo na pintura italiana, mas suas tendências apareciam mais nos temas do que na técnica, devido aos contornos precisos que ele favorecia, revelando seus estudos em Roma, sob a influência de Canova e Ingres. C.f SABER CULTURAL. *Hayez, Francesco*. São Paulo: Saber Cultural, jan. 2011. Disponível em: [Saber Cultural – Hayez, Francesco](#). Acesso em: 14 jun. 2026.

Figura 34 – Capa de A Escrava Isaura [55ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo; GUAZZELLI, Eloar. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 2012. (Clássicos Brasileiros em HQ). Ilustrações de Andrea Antunes.

A capa de 2013, com ilustração de mulher ao piano, é uma das mais delicadas do conjunto e uma das raras que representa Isaura em ação, exercendo uma das habilidades que o romance destaca em sua educação refinada. A personagem traja vestido volumoso, aparentemente contando com saia rodada e franzida, além de mangas bufantes. Seu cabelo é representado na cor preta, com a presença de uma faixa ou tiara que o prende em um coque no alto da cabeça. A pele de Isaura é rosa como o próprio Guimarães cita em uma passagem de sua obra literária: ‘‘A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada.’’¹²⁹

Figura 35 – Capa de A Escrava Isaura [57ª capa do quadro]

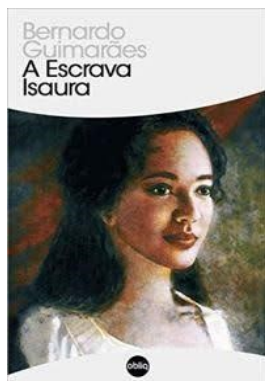


Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Scipione, 2013. (Série Reencontro).

¹²⁹ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 8. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>.

A capa de 2014, produzida pela editora Obliq, traz uma Isaura ao que parece às pinceladas. O contraste das cores escuras impede o foco na cor da personagem, mas definitivamente sua pele não é branca (já que o branco contrastaria frente aos tons escuros da capa). Esta Isaura exhibe seus lábios carnudos e cabelos volumosos e possivelmente crespos, apresentando frizz nas raízes – elementos fenotípicos negros. Assim, percebe-se a diversidade em uma versão abasileirada e mestiça de Isaura:

Figura 36 – Capa de *A Escrava Isaura* [61ª capa do quadro]

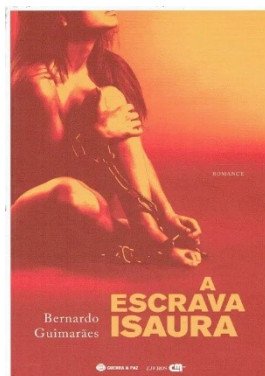


Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. [S.l.]: Obliq, 2014.

i) 2021–2024 - A era contemporânea e o debate racial

As capas mais recentes sinalizam uma nova consciência estética e política, alcançando níveis internacionais. A edição portuguesa de 2021 da editora Guerra & Paz traz a brutalidade da escravidão como cerne da capa. As cores quentes e alarmantes (vermelho e laranja) e a presença de correntes prendendo uma figura feminina – provavelmente representando Isaura – são elementos que conferem uma atmosfera pesada para a obra literária. Assim, os fatores fenotípicos da personagem deixam de ser a questão central do romance, sendo substituídos pelos horrores do regime escravista.

Figura 37 – Capa de *A Escrava Isaura* [66ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Lisboa: Guerra & Paz, 2021.

A década de 2020 contou com uma mobilização que alcançou níveis internacionais no que tange à onda do movimento negro. Nos referimos ao movimento popularizado como *Black Lives Matter*, que apesar de ter mais visibilidade internacional em 2020, não teve seu início neste ano. Em 2012 houve o assassinato de um jovem negro, o qual não teve seu responsável devidamente culpabilizado. Dessa forma, iniciou-se um movimento que visava se opor à marginalização dos corpos negros e à brutalidade principalmente por parte da polícia estadunidense para com estes:

Alguns congressistas negros interromperam a sessão com o protesto simbólico “mãos ao alto, não atire” – uma semana depois, várias centenas de funcionários de gabinete do congresso, a maioria negros, entraram em greve em protesto. Atletas profissionais negros vestiram camisetas dizendo “Não consigo respirar”, abrindo o caminho para times de estudantes de faculdades e ensino médio também usarem as camisetas. Milhares de alunos e alunas de faculdades, ensino médio e fundamental organizaram e participaram de mortachos [forma de protesto na qual os manifestantes se deitam no chão como se estivessem mortos], paralisações, marchas e outras formas de protesto público. Alunos de 70 faculdades de medicina organizaram mortachos com a palavra de ordem “Jalecos Brancos pelas Vidas Negras”, em solidariedade com os protestos que varreram o país. Defensores públicos e outros advogados organizaram suas próprias ações, incluindo a agora familiar tática do mortacho (TAYLOR, 2018, p. 109).¹³⁰

Em 2020 novamente aconteceu mais um caso de violência e assassinato de um homem negro, conhecido como George Floyd. Assim, mesmo em meio à pandemia, ocorreram várias manifestações nos Estados Unidos que visavam reivindicar visibilidade para o caso, conscientização e cumprimento de direitos para as vidas negras. As proporções a nível global, principalmente devido aos *hashtags* difundidos nas redes sociais, com certeza auxiliaram na conquista de resultados, conforme:

Nos Estados Unidos, foram tomadas medidas para combater a violência policial e mudar a forma como as leis são aplicadas. Após a morte de George Floyd, a expressão "desfinanciar a polícia" ganhou as manchetes. Cidades como Minneapolis, Portland, Filadélfia e Seattle começaram a redirecionar verbas da polícia para áreas como educação e habitação. No Reino Unido, as manifestações chamaram a atenção para o passado colonial do país e resultaram na remoção de estátuas de pessoas ligadas ao comércio de escravos. Foram destacados os problemas que as pessoas negras ainda enfrentam, incluindo o fato de serem mais afetadas pelo coronavírus. O debate também evidenciou como os empregadores, por vezes, deixam a desejar. A partir de 2022, as aulas sobre a história negra serão obrigatórias em todas as escolas galesas. Na Inglaterra, Escócia e Irlanda do Norte, os

¹³⁰ MENDES, Lavínia de Sousa Almeida. *Black Lives Matter: gênese e adaptações do movimento*. In: ENCONTRO ESTADUAL DA ANPUH-GO, 13., 2022, Goiânia. *História, crise ambiental e vulnerabilidades sociais*. Goiânia: ANPUH-GO, 2022, p. 152.

professores já podem escolher se querem ou não lecionar sobre a história negra.¹³¹

O papel das redes sociais em relação a popularização do movimento negro no século XXI, não se resumiu ao *Black Lives Matter*, muito menos aos Estados Unidos. O meio estético também contou com sua participação para maior engajamento, já que dicas acerca da transição capilar para cabelos cacheados, também compuseram alvo de busca por parte da sociedade. Contamos, então, com uma valorização do cabelo crespo – conhecido traço fenotípico dos corpos negros:

Já existiam movimentos de enaltecimento do cabelo afro bem antes de surgir a internet. O *Black Is Beautiful*, da década de 1960, encorajou vários afro-americanos a valorizarem suas características físicas. Porém, foi a partir dos anos 2010 que o assunto ganhou holofote suficiente para atingir mesmo as pessoas que não faziam parte do combate direto ao racismo. Nas redes sociais, começaram a surgir grupos e canais que disseminavam informações a respeito dos cabelos crespos e iniciavam um movimento que ultrapassava a temática capilar. Ao abandonar alisamentos, pessoas - em sua maioria, mulheres - começaram a trilhar uma jornada de autoconhecimento profundo. As ideias não ficaram somente no ambiente virtual. Logo, passeatas em prol da beleza negra ganharam as ruas; marcas de cosméticos se adaptaram à demanda que se espalhava em grupos de Facebook; salões específicos para cabelos não-lisos surgiram; pesquisas acadêmicas sobre o assunto começaram a ser produzidas em maior quantidade; o Dia do Orgulho Crespo foi decretado por lei no Brasil. Pessoas passaram a se reconhecer como negras.¹³²

Esta valorização da estética negra, ou seja, uma reelaboração positiva sobre a beleza africana foi popularizada na contemporaneidade, já que no século XIX foi iniciada a onda dos alisamentos devido à associação racista de que cabelos crespos eram sinônimos de ruindade.¹³³ Novamente, as capas de *A Escrava Isaura* dialogam com o contexto sócio-histórico de sua época, pois em 2022 foi lançada uma edição comemorativa, pela editora Obliq, frente aos 147 anos do romance. Na capa o cabelo cacheado de Isaura se torna a própria metáfora da corrente. Ou seja, indica que o portador(a) de cabelos cacheados e possivelmente crespos, está sujeito a discriminações oriundas do racismo que sustentou os regimes escravistas. Além disso, a escolha do azul-turquesa, verde e amarelo, sugerem as cores das bandeiras de alguns países africanos, como Ruanda, Gabão e Botsuana:

¹³¹ CAMPBELL, Adina. *O que é o movimento Black Lives Matter e quais são seus objetivos?* BBC News Brasil, 12 jun. 2021. Disponível em: BBC News Brasil. Acesso em: 21 jun. 2026.

¹³² BITTENCOURT, Mariany Alves. *Por que a transição capilar é um assunto de toda a sociedade?* Archtrends Portobello, 6 out. 2023. Disponível em: [Archtrends Portobello](#). Acesso em: 21 jun. 2026.

¹³³ *Ibidem*.

Figura 38 – Capa de *A Escrava Isaura* [70ª capa do quadro]

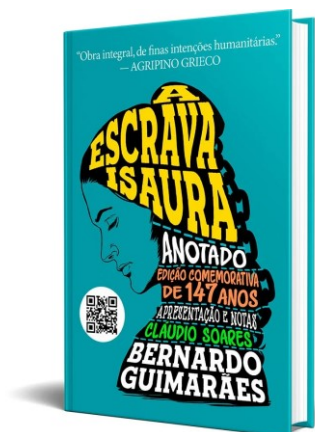


Figura 39 – Bandeira Ruanda



Fonte: Acervo Wikipedia

Figura 40 – Bandeira Gabão



Fonte: Acervo Wikipedia

Figura 41 – Bandeira Botswana



Fonte: Acervo Wikipedia

A edição de 2023 lançada pela editora Vermelho Marinho é, sob o aspecto da representação racial, uma das mais significativas de todo o conjunto: usa fotografia de modelo jovem de pele morena com cabelos ondulados. Esta representação é a que mais explicitamente utiliza elementos fenotípicos proporcionados pela mestiçagem em Isaura. Há uma clara releitura contemporânea que contrasta diretamente com a longa tradição editorial de embranquecimento da personagem. Trata-se de uma tomada de posição editorial que dialoga com os debates sobre representatividade e decolonialidade que marcam o campo cultural brasileiro dos anos 2020.

Assim, podemos ver uma Isaura mais abasileirada, que contrasta com as tentativas de europeizar a protagonista (seja pela representação e adaptação de pinturas impressionistas, ou pelos conjuntos de elementos da moda utilizados pelas mulheres europeias do século XIX) nas edições anteriores.

Figura 42 – Capa de *A Escrava Isaura* [71ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2023.
(Grandes Clássicos da Língua Portuguesa, n. 19).

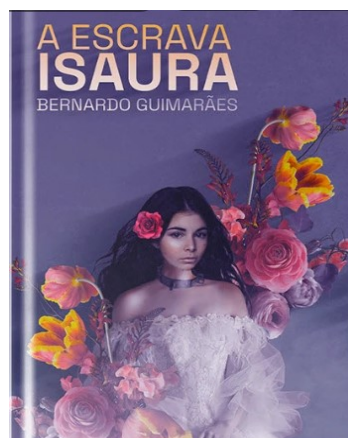
As edições de 2024 oscilam entre a estética floral colorida voltada ao público jovem, a composição decorativa ornamental e a presença de instrumentos coercitivos, demonstrados pelas correntes. As cores de Isaura não chegam a um consenso, evidenciando que o mercado editorial ainda não convergiu para uma imagem canônica contemporânea da personagem.

Figura 43 – Capa de *A Escrava Isaura* [72ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Curitiba: InVerso Editora, 2024.

Figura 44 – Capa de *A Escrava Isaura* [73ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Projeto gráfico: Projeto Design.
Ilustração: Denise Alves. 2024.

A diversidade de linguagens nas edições de 2021–2024 reflete tanto a fragmentação do mercado editorial contemporâneo quanto a ausência de consenso visual sobre quem é Isaura no século XXI.

j) Adaptações de *A Escrava Isaura* pela literatura em cordel

Destacam-se ainda as capas que tomam como referência a literatura de cordel, consolidada no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950, e que teve novo impulso no século XXI.

A denominada Literatura de Cordel, consolidada no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950, através de folhetos de formato simples e acessíveis ao seu público leitor, assume, no século XXI, suportes mais sofisticados, adequando-se a novos leitores, sem, com isso, perder de vista a sua essência enquanto poesia que delinea o sertão nordestino em seus vários aspectos.¹³⁴

Tendo esta contextualização em vista, conferimos a capa ressaltada a seguir:

Figura 45 – Capa do cordel *A Escrava Isaura* [4ª capa do quadro]



Fonte: BATISTA, Francisco das Chagas. *A escrava Isaura*. n. ed. Gráfica e Editora GED, 1930. 24 p.

Repercutida em 1930, a capa acima demonstra Isaura e sobre o personagem masculino, provavelmente Álvaro, interesse romântico da protagonista. É interessante analisar o contexto histórico vivenciado na região nordestina nesta década de 30, a fim de vincular uma possível razão para a elaboração da versão de *A Escrava Isaura*, pela literatura em cordel escrita por Batista, quase um século após o lançamento da primeira edição do livro, em 1875.

¹³⁴ LEIA ESCOLA: Revista da Pós-Graduação em Linguagem e Ensino. Campina Grande, v. 16, n. 2, 2016. Dossiê temático: *Literatura de cordel: pesquisa e ensino*. ISSN 2358-5870.

É fundamental pontuar e, assim, associar, que no ano anterior ao lançamento da adaptação em cordel, houve o lançamento do primeiro filme de *A Escrava Isaura*:

A escrava conseguiu sua alforria das páginas impressas pela Editora Garnier e ganhou o cinema. A primeira versão foi a de 1929, no filme mudo dirigido por Antônio Marques Costa Filho. Vinte anos depois, no dia 30 de dezembro, às dez horas, no cine Odeon, no Rio de Janeiro, lá estava a escrava fujona em outra avant-première, a primeira refilmagem do cinema nacional. O filme em preto e branco dirigido por Eurípedes Ramos trazia no papel-título Fada Santoro e, como Álvaro, Cyl Farney...em 1976, portanto, um século depois do lançamento em livro, a escrava Isaura ressurgia com força total. O encarregado pela adaptação foi o carioca Gilberto Tumscitz Braga, que já havia trabalhado com os textos de Machado de Assis (Helena) e José de Alencar (Senhora).¹³⁵

Seguindo com o exercício de conectar as capas aos seus respectivos contextos históricos na época de lançamento, o que ocorria no Nordeste brasileiro, na primeira metade do século XX? Nos é notório contextualizar acerca da significativa desigualdade regional socioeconômica (como ao compararmos a região paulista com o Nordeste), no Brasil, entre as décadas 1920 e 1930, conforme vemos em:

Dessa maneira, a pecuária e o açúcar carregam empecilhos para o dinamismo da economia regional, por exemplo, não estipulando a formação e produção de uma economia monetária dinâmica como a de São Paulo, enfatizando dessa forma uma temporalidade econômica diversa do estado paulista. É notório observar que não existe um “atrasado”, ou um “mais moderno que o outro”. O que existe em termos regionais é que, de um lado, no Nordeste havia uma reprodução de capital comercial coexistindo com formas de reprodução não-capitalista; já em São Paulo, o capital comercial oriundo do complexo cafeeiro impulsionava o capital industrial. Eram economias diversas, mas que determinavam as disparidades regionais no país.¹³⁶

Ademais, outro contexto importante a ser analisado e reforçado, é o que tange ao âmbito nacional. O Brasil enfrentava, em 1920, extrema turbulência devido aos arranjos oligárquicos que eram distribuídos nas regiões, contando com a busca pela hegemonia através de práticas como o voto cabresto, proibição de voto por parte de analfabetos e a demarcada importância da figura dos governadores. Concomitante a isto, o Nordeste enfrentava períodos de extrema miséria e adversidades, como vemos em:

¹³⁵ GUIMARÃES CAMINHA NETO, José. *A escrava Isaura: uma visão multidimensional*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7933>. Acesso em: 12 fev. 2026.

¹³⁶ LIMA, Wanderleyber da Silva. *"Impressões do Nordeste": hegemonia, intelectuais e imprensa no debate regional nos anos 1920 e 1930*. 2024. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2024. p. 27.

Em relação ao Nordeste, a região passava desde o período colonial por graves secas no interior dos seus estados, inclusive ocasionando a formação de campos de concentração para refugiados da seca no começo do século XX.¹³⁷

Sendo assim, além de enfrentar difíceis condições socioeconômicas, a região nordestina também perpassou por adversidades políticas. Nesse sentido, vemos uma manutenção de ideais que visam perdurar as conhecidas dicotomias. Assim, enquanto São Paulo seria visto como a melhor região, detendo a supremacia/hegemonia nacional, o Nordeste seria depreciado a ponto de ocupar a posição oposta¹³⁸, desenvolvendo uma posição de alteridade – o Outro.

Contudo, enfatizamos as ideologias por trás deste processo de depreciação do Nordeste durante a década de 20, enquanto havia o enaltecimento da região paulista: há um notório racismo científico em voga. É sabido que o povo nordestino possui uma grande parcela de indivíduos descendentes de povos africanos, então infelizmente não nos espanta quando lemos que:

A cientista social Lilia Schwarcz discute o papel do “médico político” nesse contexto, em que as análises sociais se pautavam numa interpretação higienista, científica e política, e dessa maneira o Nordeste será pensado por Barros. Schwarcz caracteriza o tipo de racismo científico que vigorava na mentalidade das elites paulistas, como a noção de cidadania restrita e de defesa das hierarquias sociais e raciais...e a década em estudo foi marcada pelo ideário de como a miscigenação e a existência de raças consideradas “inferiores” prejudicavam o andamento de uma formação mais exitosa do Brasil.¹³⁹

É válido lembrar a forma como o Nordeste foi colocado em uma posição de alteridade, demarcada pela condição de inferioridade através de ideais e práticas supremacistas por parte de regiões como São Paulo. “No Nordeste a miscigenação e o contato interracial tem provocado a degeneração social, O homem nordestino, devido à miscigenação, é “pequeno”, “descarnado”, e a mulher, “raramente atraente”.”¹⁴⁰

Então, o lançamento em 1930 da versão em cordel de *A Escrava Isaura*, seria um ato de rebeldia e confrontação frente a tamanhos percalços enfrentados na região nordestina? Assim como Guimarães retrata acerca da miscigenação e ideais de embranquecimento, mas também escancara a realidade vivida por uma mulher vítima dos abusos e violências durante o regime escravista, o regionalismo nordestino também visava anunciar as injustiças que lhes

¹³⁷ *Ibidem*, p. 38.

¹³⁸ *Ibidem*.

¹³⁹ LIMA, Wanderleyber da Silva. *"Impressões do Nordeste": hegemonia, intelectuais e imprensa no debate regional nos anos 1920 e 1930*. 2024. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2024. p. 61.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 69.

eram acometidas. O romance, em tom de desenvolver uma narrativa sobre os escrutínios, enquanto sua versão em cordel, lançada durante movimentos regionalistas que buscavam realizar denúncias sociais acerca da violência infligida à região nordestina. A mestiçagem, as ideologias supremacistas (principalmente com teor racial) e a violência contra a descendência africana, estavam em alta, sendo a elaboração e repercussão de *A Escrava Isaura* em cordel, prova disto.

Ademais, na década de 30 se fomentava o próprio movimento regionalista e naturalista também na literatura: como vemos, por exemplo, pelo lançamento de “O Quinze”, de Rachel de Queiroz¹⁴¹. Então, o lançamento em 1930 da versão em cordel de *A Escrava Isaura*, seria um diálogo, indício do amadurecimento estético da ideia de Nordeste que Durval Muniz de Albuquerque Júnior estuda¹⁴², que compõe o imaginário da seca, da fome e reflete sobre como o “Nordeste” não tem existência concreta: ele é uma ideia, que sabemos quando foi inventada, como foi desenvolvida, a quem serviu...’’¹⁴³

Dentro desse contexto, não foi diferente com a segunda versão em cordel do romance de Guimarães. Lançada na década de 1980, especificamente em 1985, a capa exposta abaixo também foi repercutida durante um momento de extrema dificuldade enfrentada, mais uma vez, pelo povo nordestino.

¹⁴¹ O QUINZE, TÍTULO do romance de estreia (1930), se refere à grande seca de 1915, de que Rachel tanto ouviu falar. A tradução francesa de O Quinze, publicada em 1986, se chama L’année de la grande sécheresse (O ano da grande seca). Ceição convence Mãe Nácia a partirem. Vicente quer ficar, salvar o gado. Dona Maroca manda soltar o gado. Chico Bento vende as reses e parte com a família. Chegará à Amazônia? Não consegue as passagens e vai indo a pé. Um retirante em meio à seca. A fome e o cangaço. Aqui está o drama da terra. Que drama é este, que está em O Quinze, no Lampião, em A beata Maria do Egito, em João Miguel e em certas páginas de Dôra, Doralina e em Memorial de Maria Moura? É o drama da terra, ou o duelo entre o homem e a terra, numa perspectiva euclidiana de autêntico desafio. Rachel exprime os anseios e angústias da sua região brasileira, integrada numa dimensão ficcional que se inaugura com A bagaceira, de José Américo de Almeida, em 1928. Livro verdadeiramente brasileiro, notou Augusto Frederico Schmidt, no artigo com que saudou O Quinze, a 18 de agosto de 1930. E Schmidt estranhava que não houvesse nenhum derramamento, nenhum sentimentalismo, nesse romance sobre a seca, escrito por uma jovem. Simplicidade, eis a sua virtude básica. Sim, livro de pessoa “simples, grave e forte, para quem a vida existe”, concluía Schmidt. Toda a obra posterior de Rachel está em O Quinze. Nele, há duas ações paralelas – o retirante com o seu drama e a comunicação impossível entre Ceição e Vicente. Livro no fundo amargo, porque é o livro do amor irrealizado. C.f QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. [S. l.]: José Olympio, 1930. Disponível em: [ArteRef – O quinze \(PDF\)](#). Acesso em: 8 maio 2026.

¹⁴² Em *A Invenção do Nordeste e outras artes*, Durval Muniz de Albuquerque Jr narra a criação e consolidação da ideia de região Nordeste ao longo do século XX, um processo que incluiu a gestação de discursos literários e políticos, se estendendo também para a música e as artes plásticas. *A Invenção do Nordeste* foi originalmente apresentado como tese de doutorado em História na Unicamp (1994). Em 1996, ganhou o concurso Nelson Chaves, de teses sobre o Norte e Nordeste, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco. Foi publicado em 1999 e teve sua terceira edição lançada em 2006. Uma interessante mescla de estudos culturais, história cultural e crítica literária, o livro busca mostrar o processo através do qual a região Nordeste surge no imaginário brasileiro como uma criação sociopolítica e cultural. C. f CASTRO, Alex. *A invenção do Nordeste, de Durval Muniz de Albuquerque Jr*. Substack, 6 dez. 2021. Disponível em: [Substack Alex Castro](#). Acesso em: 26 maio 2026.

¹⁴³ CASTRO, Alex. *A invenção do Nordeste, de Durval Muniz de Albuquerque Jr*. Substack, 6 dez. 2021. Disponível em: [Substack Alex Castro](#). Acesso em: 26 maio 2026.

Figura 46 – Capa do cordel A Escrava ISAURA [19º do quadro]



Fonte: SILVA, João José da. *A escrava Isaura*. n. ed. Ed. Propr. João José da Silva, 1985. 17 p.

O cordel de Silva igualmente constitui em uma releitura do romance escrito por Bernardo Guimarães, e desta vez explicita uma prática de tortura bastante conhecida durante a escravização brasileira: a amarração no tronco, que contava com chicotadas infligidas no escravizado (a). Neste caso que estamos analisando, aparentemente a escravizada torturada baseia-se em Isaura, enquanto o torturador provavelmente constitui na figura do personagem Leôncio. Em relação aos instrumentos coercitivos, a capa está repleta deles: há o conjunto do tronco, chicote e as correntes, que prendem a cativa ao tronco.

É notória a alteração mais radical das representações explicitadas nas duas capas aqui já mencionadas: a primeira constitui um teor mais leve e romantizado, apenas demonstrando o que parece ser um abraço entre Isaura e Álvaro. Contudo, a segunda capa do cordel não possui romantização: é, realmente, um destaque para a violência sofrida pelas (os) escravizadas (os) durante o regime escravista, no Brasil.

Então, a pergunta que não quer calar é: o que acontecia no Nordeste, na década de 80? Há alguma relação entre o lançamento desta releitura em cordel – sua capa mais realista em relação às narrativas de violência enfrentadas na escravização – e o momento histórico vivenciado pelos nordestinos? Sobre isso, conferimos as notícias relacionadas à década em questão:

(...) em 14 de agosto de 1983, uma multidão de oito mil flagelados da seca invadia o armazém da Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal), em Canindé, Ceará, em busca de comida. A ação evidenciava o ponto crítico de uma grave crise humanitária no Nordeste do Brasil. Entre 1979 e 1984, a região foi atingida pela pior seca do século 20. Conivente com os interesses das oligarquias regionais, a ditadura militar (1964-1985) nada fez para auxiliar os mais de 10 milhões de flagelados... No Nordeste, a seca cumpriu

o papel de consolidar de forma ainda mais evidente a lógica social moldada pelo latifúndio — e a divisão da sociedade em “casa grande” e “senzala”. E a fome, associada à seca, adquiriu o status de característica ingênita, de fenômeno natural e inevitável — como se fosse um elemento da paisagem que sempre esteve lá.¹⁴⁴

Observamos permanências dentro destes movimentos históricos. Permanecem o processo de regionalismo demarcado pela hegemonia das oligarquias e interesse pelo controle por parte das elites sobre as regiões subalternizadas, as desigualdades socioeconômicas e as tragédias geradas pela seca como a fome, miséria e morte. Compreensível o lançamento da segunda versão atualizada em cordel de *A Escrava Isaura*, já que o romance constitui uma forma de narrar — sem Guimarães criticar de maneira aprofundada — os abusos vividos pelos escravizados. Além disso, novamente enquanto o literato e sua escrita que aponta os acontecimentos do período escravista inspira a escritores da literatura em cordel, a capa aqui destrinchada constitui em uma forma de denúncia.

A Isaura representada, não transmite a ideia de uma moça limitada à obediência, doçura e vulnerabilidade, como aparentava ser ao longo das páginas do livro. A Isaura desta capa não parece ter apenas se entregado ao destino doloroso por parte de seu predador, Leôncio. Nesse sentido, é a expressão facial da personagem que entrega estas interpretações e leituras visuais aqui realizadas. A cativa *encara Leôncio de volta*, com olhos arredondados e arregalados. Assim, é possível que este olhar afrontoso consistiria em uma maneira de escancarar a revolta sentida pelos nordestinos, perante tamanha desigualdade em suas terras. Afinal, não há (apenas) doçura e fraqueza naqueles que enfrentam a violência física e psicológica, como foi o caso dos moradores do Nordeste na década de 80, que enfrentaram a mencionada “grave crise humanitária”.

Por fim, a terceira releitura em cordel do romance, lançada em 2011, no Brasil:

¹⁴⁴ SILVA, Estevam. *Um genocídio esquecido: a crise famélica de 1979-1984 no Nordeste*. Opera Mundi, São Paulo, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/pensar-a-historia/um-genocidio-esquecido-a-crise-famelica-de-1979-1984-no-nordeste/>. Acesso em: 31 mar. 2026.

Figura 47 - Capa do cordel A ESCRAVA ISAURA [54º do quadro]



Fonte: Adaptação de Varneck Nascimento. Ilustrações de Valdério Costa. [S.l.]: Nova Alexandria, [s.d.].

No ano do lançamento desta edição ocorreram, novamente, alguns desastres naturais/climáticos, conforme vemos em uma notícia produzida pela plataforma:

Em nota oficial distribuída nesta sexta-feira (4), a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) afirma que o apagão que deixou oito Estados do Nordeste sem energia elétrica durante a madrugada ocorreu em razão de um defeito considerado raro pela companhia.¹⁴⁵

Nesse sentido, infelizmente vemos que a região em destaque também enfrentou períodos de altas inundações:

O governador da Paraíba, Ricardo Coutinho (PSB), visitou as cidades atingidas pelas chuvas nesta quinta-feira e decretou, no início da noite, situação de emergência em 12 municípios: Arara, Areia, Barra de Santana, Bayeux, Campina Grande, Ingá, Mogeiro, Itabaiana, Natuba, Pilar, Salgado de São Félix e Santa Rita. João Pessoa já tinha situação de emergência decretada. Segundo nota oficial do governo, 1,4 milhão de pessoas estão nas áreas afetadas. Relatório da Gerência da Defesa Civil Estadual aponta que a Paraíba tem 2.310 pessoas desalojadas e 955 desabrigadas. Ao todo, 513 casas foram destruídas ou danificadas, afetando mais de 3.800 pessoas.¹⁴⁶

As catástrofes vividas pelo povo nordestino em 2011, como as evidências acima que mencionam a situação de emergência em vários estados, acarretadas pelas intensas chuvas,

¹⁴⁵ UOL NOTÍCIAS. *Apagão que afetou oito Estados do Nordeste foi evento 'raro', diz Chesf*. Cotidiano, São Paulo, 4 fev. 2011, 17h03. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/02/04/apagao-que-afetou-oito-estados-do-nordeste-foi-evento-raro-diz-superintendente-da-chesf.htm>. Acesso em: 8 maio 2026.

¹⁴⁶ GAMA, Aliny; MADEIRO, Carlos. *Mais 15 municípios decretam emergência pela chuva no Nordeste; boato de enchente leva pânico ao Recife*. UOL Notícias, Cotidiano, Maceió, 5 maio 2011, 22h11. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/05/05/mais-15-municipios-decretam-emergencia-pela-chuva-no-nordeste-boato-de-enchente-leva-panico-ao-recife.htm>. Acesso em: 8 maio 2026.

podem complementar o porquê de lançarem a adaptação em cordel referente ao romance *A Escrava Isaura*. O apagão noticiado em fevereiro do ano em questão, somado às inundações previstas devido ao fenômeno climático *La Niña*, configuram em situações adversas que provocam o acentuamento das desigualdades socioeconômicas na região: intensifica-se o índice de pessoas desabrigadas e em condições de vulnerabilidade.

Contudo, para além das condições físicas da região, em 2011 contamos com a intensificação do movimento cultural que incentivava, justamente, a literatura em cordel. Por isso, não surpreende quando lemos que:

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) realiza o II Encontro com Poetas Populares e Rodas de Cantoria nos dias 17 e 18 de março, no auditório do Museu de Folclore Edison Carneiro. A iniciativa é promovida em parceria com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), unidade especial do Iphan, com o patrocínio da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro.¹⁴⁷

Além disso, esse movimento cultural ocupou o âmbito nacional, já que até o meio audiovisual foi impactado: a rede Globo lançou, em 2011, a aclamada novela *Cordel Encantado*, protagonizada por Bianca Bin e Cauã Reymond. Inclusive, vale salientar que esta novela foi reproduzida no horário de 18 horas: significa que abrangia o público brasileiro, podendo contar com telespectadores menores de idade. Podemos interpretar, assim, uma valorização das tradições culturais nordestinas frente ao território brasileiro, já que a popularização do cordel foi destacada nas televisões da população, também. Então, não é aleatória a releitura, em forma de cordel, de um clássico como *A Escrava Isaura*.

Já em relação às técnicas artísticas empregadas nas três capas evocadas acima, vemos que todas repercutem a xilografia (ou xilogravura), uma forma de imprimir feita a partir de um desenho disposto em um bloco de madeira a fim de criar uma matriz¹⁴⁸. Ou seja: a xilografia parte do pressuposto que se faça um entalhe que atua como um grande carimbo, capaz de transferir a impressão em imagens para o papel. Dessa forma, cultiva-se uma identidade cultural a partir da releitura em cordel: quando batemos o olho nestas capas, já associamos ao nordeste e sua cultura ancestral, como explicado em:

A vinda da Família Real ao Brasil, em 1808, trouxe contribuições significativas ao país na arte, cultura e também na arquitetura, por exemplo. E foi nesse período que a xilogravura chegou nas terras brasileiras...A identificação da xilogravura com a literatura de cordel não aconteceu à toa.

¹⁴⁷ ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL promove encontro no Museu de Folclore Edison Carneiro. [IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional](#), Rio de Janeiro, 15 mar. 2011. Disponível em: [Portal IPHAN](#). Acesso em: 8 maio 2026.

¹⁴⁸ IMAGINÁRIO BRASILEIRO. *O que é xilogravura e qual sua ligação com o cordel nordestino?* [S. l.], 12 abr. 2022. Disponível em: [Imaginário Brasileiro](#). Acesso em: 8 maio 2026.

Já entendemos que durante os primeiros passos da xilogravura, sua popularidade aconteceu por conta do seu método acessível. A dificuldade para encontrar recursos gráficos que ilustrassem as obras dos cordelistas fez da xilogravura o método e a identidade visual perfeita que caracteriza a essência da literatura de cordel. Com traços e símbolos extremamente nordestinos, o processo de junção da xilogravura e o cordel se tornou um marco cultural do Brasil. Hoje, é impossível desassociar a imagem do cordel à xilogravura. A maioria dos xilógrafos mais importantes estão no Nordeste...¹⁴⁹

k) Piano como objeto-símbolo recorrente nas capas

Dentre os objetivos-símbolos recorrentes, nas capas estão o piano, o crucifixo e instrumentos coercitivos. O piano aparece em capas desde 1920 até 2018. O instrumento musical correspondente ao piano, é frequentemente associado a padrões eruditos que remetem a indivíduos com condições abastadas como seus portadores. Então, pesquisamos se não seria uma verossimilhança Isaura ter acesso ao piano, e encontramos a informação de que a segunda metade do século XIX contou com várias importações do instrumento em questão.¹⁵⁰ O Rio de Janeiro, naquela época, buscava um estilo de vida europeizado, à moda Belle Époque. Assim, estando Isaura em uma fazenda em Campos dos Goytacazes, era plausível de contar com a presença de piano na Casa Grande do fazendeiro e escravocrata Leôncio. Além disso, ao estar na condição de mucama, Isaura teria maior acesso às propriedades privadas de seus senhores e, devido à pele branqueada, a personagem contou com maior empatia por parte da esposa do Comendador, que lhe conferiu refinada educação.

As capas de *A Escrava Isaura* insistiram na representação do piano ao longo do tempo, passando a configurar como um padrão. Este fator é visível quando acompanhamos as edições ao longo do tempo e vemos que a segunda capa encontrada (1920) já aparece com o piano, assim como uma das capas mais recentes (2018). Além disso, em 1964 a editora Porto lança a versão portuguesa do romance, representando Isaura tocando piano; em 2003 a Coração Brasil também representa uma cena similar e em 2013 temos a edição da Scipione.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ Uma virada na música e nas danças imperiais sucede nos anos 1850 com o aumento das importações de pianos. Como se viu, o Rio de Janeiro recebe nessa época carradas de bens de consumo. O surto de febre amarela havia deixado os importadores preocupados com uma possível queda no comércio da corte. Não foi o que aconteceu, explicava um diplomata francês, num despacho para o governo parisiense: “Não houve nada disso, e as reuniões entre estrangeiros e nacionais, os bailes e as festas de todo o tipo sucederam-se com entusiasmo”. A mercadoria-fetichismo dessa fase econômica e cultural será o piano. C. f. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida privada e ordem privada no Império*. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional* (vol. 2) [recurso eletrônico]. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019, p. 38.

Figura 48 – Capa de *A Escrava Isaura* (1920) [2ª capa do quadro]



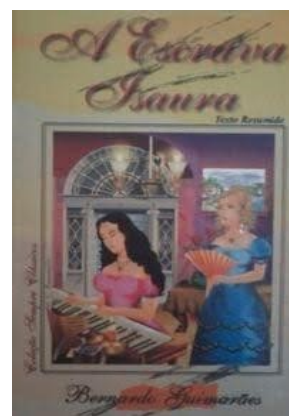
Fonte: Acervo Biblioteca Peck Pinheiro

Figura 49 – Capa de *A Escrava Isaura* [9ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Porto: Livraria Civilização, 1964. 213 p.

Figura 50 – Capa de *A Escrava Isaura* [42ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Coração Brasil, 2003. (Coleção Sempre Clássicos, n. 2).

Figura 51 – Capa de *A Escrava Isaura* [57ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Scipione, 2013. 88 p. (Série Reencontro).

Figura 52 – Capa de *A Escrava Isaura* [65ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Belo Horizonte: Autêntica Infantil e Juvenil, 2018.

O fenômeno da recorrência do piano e do ato de Isaura ter afinidade com tal instrumento, é intrigante quando nos atentamos para o contexto histórico da reprodução. A ocorrência está mais concentrada no século XXI, ou seja, na contemporaneidade. Já tendo em

vista a ascensão dos movimentos decoloniais e valorização do negro na sociedade brasileira, não é de se estranhar a escolha de representarem Isaura não apenas com pele indubitavelmente branca, mas também tocando um instrumento repercutido pela elite brasileira oitocentista? E, não se contentando com a representação desta forma de erudição, estas editoras também optaram por figurinos igualmente notáveis no sentido de refinados. Há apenas vestidos e saias longas e a maioria apresenta uma Isaura com penteados contando até mesmo com adornos em seus cabelos ondulados.

Entretanto, a edição mais recente da Autêntica (2018) realiza uma arte intrigante. Vemos uma Isaura com sua imagem refletida no espelho. A arte ilustra que se retirar os elementos sociais (como o próprio símbolo do piano e as vestes refinadas) e hereditários (quando pensamos na cor branca da personagem, rastros do sangue português), resta a escravidão refletida em Isaura. Configura uma forma de pensar no indivíduo sem a “armadura”, no que seria dele sem a casca. Assim, Isaura encara sua verdade e sua condição, sem romantizações em seu interior sofrido.

l) Crucifixo como elemento recorrente

A presença do crucifixo como colar de Isaura acompanha várias edições ao longo dos anos. Inclusive, Bernardo Guimarães escreve em sua obra que, realmente, “uma pequena cruz de azeviche presa ao pescoço por uma fita preta constituía o seu único ornamento.”¹⁵¹ Sendo assim, este elemento condiz com a Isaura do livro. Contudo, porque o crucifixo permanece representado em dez edições (em 1954 pela editora EBAL, 1970 pela Ática, 1976 pela EBAL, 1985 pela Jiangsu People, 1991 pelas publicações Europa América, 2000 pela Base, 2005 pela Tupynanquim, 2011 pela Nova Alexandria, 2014 pela DCL e 2023 pela Vermelho Marinho)? Haverá alguma influência da novela, já que Lucélia Santos é acompanhada de um colar com a cruz como parte da caracterização de sua personagem? A capa das publicações Europa América [26º capa do quadro], repercutida em 1991, evidencia a presença do colar em uma Isaura à moda de Santos. Depois desta edição, este artefato foi representado em mais cinco versões (cinquenta por cento desta amostragem) encontradas de Isaura.

A escolha de representar este elemento pode fazer referência às tentativas de catequizar Isaura, realçando possíveis ideais católicos na figura da personagem. Assim, estas capas negam uma ancestralidade negra não apenas através da cor da pele de Isaura, mas de sua religião

¹⁵¹ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 8. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>.

também. É uma forma de assegurar aos leitores, que o conteúdo da obra não está relacionado às religiões de matriz africana. O crucifixo é uma recordação e símbolo latente do cristianismo, configurando em uma devoção religiosa. Até mesmo a edição de 2023, em que Vermelho Marinho opta por ilustrar uma Isaura nitidamente mestiça, segue representando o crucifixo. Aparenta se tratar de uma forma de deixar subentendido que Isaura pode ser mestiça, pode ter “a gota do sangue africano”, mas pelo menos é católica ou seguidora do cristianismo. Seria, então, a forma de demonstrar um racismo religioso, subentendido pela representação de símbolos católicos? Lembrando que tal discriminação acompanha a história de Guimarães desde os primórdios, já que antes mesmo de seu lançamento na versão literária, os capítulos disponibilizados em folhetins foram alvo de alvoroço e censura por parte do jornal *O Apóstolo* (para relembrar esta discussão, retorne à página 29 deste trabalho).

m) Instrumentos coercitivos como objeto-símbolo ao longo das edições

O último elemento recorrente que aqui será analisado, configura nos instrumentos coercitivos sobre a figura de Isaura – principalmente as correntes e o tronco de chibatadas. Estes artefatos estão presentes em dezesseis edições de capas do romance. A edição de 1976 (Nova Aguilar), a de 1985 (Ed. Propr. João José da Silva), 1997 (Klick), 1998 (Ática), 1999 (ABC Editora), 2000 (Rideel), 2000 (Mcgraw - Hill do Brasil, Lta), 2000 (Abril), 2012 (Ática), 2014 (DCL), 2014 (Obliq), 2021 (Guerra & Paz), 2024 (InVerso Editora) e por último, a de 2024 pela ilustradora Denise Alves em um projeto de Design, a de 2018 (Autêntica) e em uma edição disponível no Acervo Biblioteca Peck Pinheiro.

Estas edições trilham dois caminhos: ou representam Isaura acorrentada ou a ponto de ser punida com chibatadas no tronco, ou representam a brutalidade da escravidão sendo sentida por figuras “aleatórias”, compondo um retrato e cena genéricos do regime escravista. Não é possível estabelecer um padrão quanto às vestimentas ou fatores fenotípicos da protagonista, já que estes variam ao longo das edições. Contudo, a demonstração dos elementos coercitivos está presente em um recorte temporal amplo, desde 1976 até 2024. É o símbolo mais duradouro.

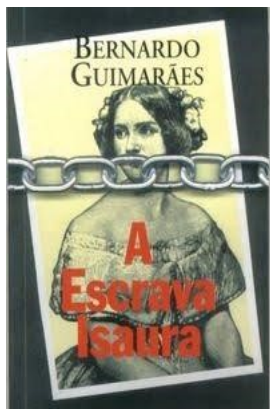
As correntes e os troncos são formas de simbolizar a violência e um teor de seriedade presente na história de Guimarães. É uma forma de evidenciar os horrores e o sofrimento infligidos pela escravidão àqueles de sangue africano. Assim, Isaura é representada neste cenário, mesmo que não esteja acorrentada ou sendo castigada em todas estas capas citadas acima. Estas edições promovem uma forma, também, de recordarem a realidade histórica do Brasil oitocentista, que neste contexto escravista castigava o corpo negro:

O castigo era um componente inerente à escravidão negra, das mais variadas e violentas torturas praticadas contra seres humanos até hoje. Elementos de ferro compunham o arsenal de objetos que serviam para castigar àqueles escravizados que desobedeciam. Mesmo porque, à época, a tortura fazia parte do conceito jurídico dos suplícios...Açoites, degredos, trabalhos forçados com correntes, barão e pregão, penas de morte ou simplesmente detenção. Essas eram as punições sofridas por escravos, libertos e homens livres pobres na Corte. Enquanto na Europa já se discutia a superação das penas dirigidas aos corpos dos condenados e as alternativas a esse modelo, no Brasil houve uma intensificação das penas corporais, especialmente sobre os escravos (ARAÚJO, 2004, p. 95).¹⁵²

São muitas capas que representam estes elementos coercitivos, como as capas entre as páginas 52 e 58. Contudo, algumas ilustrações foram alvo de maior atenção, pela sua simbologia, sua força simbólica. Considerando que símbolo consiste em um artifício/mecanismo que evoca outro, então, nestes casos, o que vemos os elementos coercitivos evocarem? A capa realizada pela editora Klick transmite a ideia do silêncio, ou melhor, do silenciamento sofrido por uma escravizada (como, vale lembrar, é o caso de Isaura). Enquanto isso, a capa da editora DCL traz a simbologia da cegueira, como se uma escravizada não fosse merecedora de ter ciência do que lhe acontece, muito menos escolha do que vê pela frente. Já a capa da editora Ática, que representa o tronco, podemos associar à prisão dos escravizados, ao cerceamento e inexistência do direito de ir e vir. A capa ilustrada por Denise Alves, demonstra um determinado padrão de beleza, sintonizando com a capa da Ática ao trazer uma Isaura trajando vestidos pomposos com decotes tomara-que-caia.

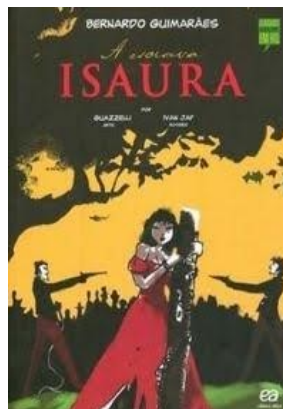
¹⁵² CARVALHO, Luiza Sousa de. *Condenados ao tronco, ao ferro e à prisão*. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020, p. 47–48.

Figura 53 – Capa de *A Escrava Isaura* [31ª capa do quadro]



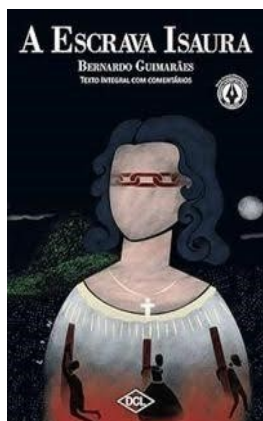
Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Klick, 1997. 187 p.

Figura 54 – Capa de *A Escrava Isaura* [55ª capa do quadro]



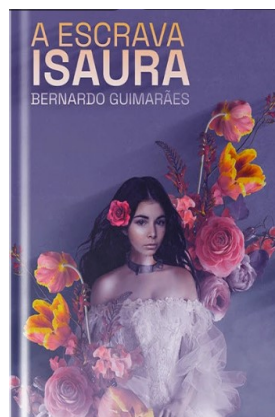
Fonte: GUIMARÃES, Bernardo; GUAZZELLI, Eloar. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 2012. 72 p. (Clássicos Brasileiros em HQ).

Figura 55 – Capa de *A Escrava Isaura* [58ª capa do quadro]



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 2. ed. São Paulo: DCL – Difusão Cultural do Livro, 2014. 120 p.

Figura 56 – Capa de *A Escrava Isaura* [72ª capa do quadro]



Fonte: Denise Alves. Projeto de Design. 2024.

Já discutindo sobre os objetos-símbolos, temos a disposição das correntes no corpo de Isaura. É interessante, já que a edição de 1997 dispõe este elemento na região da boca da personagem, deixando para interpretação que o motivo desta escolha poderia significar que

Isaura é cerceada de seu direito de fala ao ocupar uma posição de escravizada, mulher e mestiça em uma sociedade escravocrata e patriarcal. Já a edição de 2014 opta por dispor a corrente na região dos olhos da protagonista, talvez porque prisão e punição configurariam em tudo o que a personagem vê em seu entorno e em seu possível destino: como se fosse marcada e estivesse fadada a sofrer. A capa de 2024 ilustra uma corrente no pescoço de Isaura, podendo ser interpretada como uma forma de cercear seu direito de fala, também. Esta corrente se assemelha ao que conhecemos como coleira, como se a protagonista tivesse dono (Leôncio), enfatizando sua condição de subserviente. Em contrapartida, a versão de 2012 escolhe centralizar o elemento do tronco – onde se davam as chibatadas nos momentos de castigos – e a figura de Isaura, presa a este. A personagem traja um vestido vermelho sangue, como se sangrasse perante tanto sofrimento carnal e emocional. Inclusive, outro detalhe interessante é a presença da cor vermelha (sangue, escarlate) em várias capas que demonstram instrumentos coercitivos, como se para chocar o leitor acerca da violência infligida.

n) Padrões visuais recorrentes

Até aqui, a análise do conjunto descrito permite identificar os seguintes padrões visuais que atravessam diferentes períodos e editoras:

Dentre esses padrões, o mais relevante para a análise literária e cultural é o embranquecimento progressivo de Isaura nas capas. Enquanto o romance descreve explicitamente uma personagem mestiça, “quase branca” pela descendência, mas marcada pela escravidão, as capas construíram, ao longo de décadas, uma protagonista inequivocamente branca, europeia e burguesa, especialmente pelo recurso às pinturas oitocentistas a partir dos anos 1990.

Esse processo não é exclusivo de *A Escrava Isaura*, está documentado em outros clássicos da literatura brasileira oitocentista, mas nesta obra adquire especial relevância dado o papel central que a raça e a miscigenação desempenham na estrutura narrativa do texto.

Visto como totalidade, o conjunto de capas de *A Escrava Isaura* é um arquivo visual da história das representações raciais e de gênero no Brasil. Ao longo de quase cem anos, a mesma protagonista foi imaginada como: a figura indígena/exótica (na edição portuguesa do ano 1944), a heroína de melodrama sentimental (nas décadas de 1950 e 1960), a mulher da telenovela (nas décadas de 1970, 1980 e início de 1990 com Lucélia Santos como referência), a dama europeia oitocentista (na hegemonia da pintura europeia dos anos 1990 – 2010) e a mulher mestiça de pele amarronzada (nas edições mais recentes, especialmente a de 2023).

Cada capa é, ao mesmo tempo, um projeto gráfico e uma tomada de posição consciente ou não sobre quem é Isaura, quem pode ser escravizada e como o Brasil se vê a si mesmo. O conjunto revela que a história editorial de uma obra literária não é apenas uma história comercial, mas também uma história das mentalidades, dos preconceitos e das transformações culturais de uma sociedade.

A história das capas aponta para uma conclusão paradoxal: quanto mais o Brasil avançou no debate sobre raça e representatividade, mais as edições populares do romance, especialmente as escolares e didáticas, insistiam em produzir uma Isaura branca. Somente nas edições mais recentes, a partir dos anos 2020 (mas 1971, 1999, 2002 e 2014 apresentam eventuais versões de uma Isaura com traços mestiços), a representação visual começa a se aproximar da complexidade racial que o texto de Bernardo Guimarães já continha em 1875.

Entretanto, é ressaltado o fato de que ao dividir as Isauras das capas, encaramos suas diferentes representações étnicas, as quais convergem para um ponto em comum: o mito das três raças. No acervo aqui realizado, percebemos uma versão orientalizada de Isaura na capa de 1944. Temos, também, versões europeizadas da personagem em tantas capas que é até difícil contabilizar. Apesar de mais escassas do que gostaríamos, encontramos capas africanizadas da protagonista. Logo, conclui-se para uma referência direta em relação à teoria das três raças¹⁵³, largamente difundida por estudiosos como Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro:

Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro apresentam como base para a formação do povo brasileiro o mito das três raças, cuja base é o senso comum e afirmam que tanto a cultura como a sociedade brasileira foram constituídas pelas influências dos europeus, africanos e indígenas. Importante notar que, com a chegada do europeu, as primeiras tentativas de escravizar os índios, principalmente pela “cunhadagem” (brancos que se casavam com as índias), não resultou como o esperado. Dessa forma, a vinda dos africanos, para suprirem as necessidades.¹⁵⁴

¹⁵³ “No Brasil, de índios e negros, a obra colonial de Portugal foi também radical. Seu produto verdadeiro não foram os ouros afanosamente buscados e achados, nem as mercadorias produzidas e exportadas. Nem mesmo o que tantas riquezas permitiram erguer no Velho Mundo. Seu produto real foi um povoação, aqui plasmado principalmente pela mestiçagem, que se multiplica prodigiosamente como uma morena humanidade em flor, à espera do seu destino. Claro destino, singelo, de simplesmente ser, entre os povos, e de existir para si mesmos” (p.68, grifo nosso). C. f GEROLDO, Nanci. *Macunaíma, o mito das três raças e a sociedade brasileira. Brasil Para Todos-Revista Internacional*, v. 7, n. 1, p. 35-41, 2019.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 32.

2.2 Quadro comparativo: romance em perspectiva crítica

É impossível realizar uma pesquisa centralizada em uma figura feminina que compõem uma imagem poética/artística através das capas e um possível símbolo do branqueamento que explora uma dimensão ideológica muito reveladora acerca dos ideais de Guimarães, como consiste Isaura, sem abordar as relações de gênero na sociedade em que vivemos. Dessa forma, com o fito de compreender os motivos por trás das formas pelas quais Isaura é imaginada, é necessário perpassar pelo conhecimento que se tem acerca da mentalidade construída sobre o feminino para contextualizar o que será analisado neste capítulo, aos olhos da História e seus respectivos processos. Assim, a mentalidade analisada implica na dimensão ideológica, nos valores idealizados por Guimarães ao longo de suas páginas no romance e nos valores imaginados – conectados às representações literárias – que proporcionaram a criação das capas.

Assim, os estudos da história da mulher são extremamente pertinentes para analisar as representações, o imaginário (as imagens poéticas e artísticas visualizadas pelas capas) e seus significados sobre a figura da protagonista escrita por Guimarães. A voz *disciplinada*, expressão aqui traçada para interpretar o processo que o literato tenta demonstrar através da personagem que dá nome ao romance, pode ser explicada historicamente. Para além da história elaborada em torno de Isaura, com sua voz melodiosa, suave e aparência de deusa, o significado de voz disciplinada está conectado aos processos sobre o feminino ao longo do tempo.

A leitura do romance promove uma interpretação de uma protagonista aparentemente muito amável para ser rebelde no contexto escravista, como se pudesse ser domada facilmente. Nesse contexto, a ideia de corpo dócil e, conseqüentemente, mulher frágil, pode ser associada a ideais repercutidos desde o medievo:

Era essencial para o sistema capitalista que estava sendo forjado no seio mesmo do feudalismo um controle estrito sobre o corpo e a sexualidade, conforme constata a obra de Michel Foucault, *História da Sexualidade*. Começa a se construir ali o corpo dócil do futuro trabalhador que vai ser alienado do seu trabalho e não se rebelará. A partir do século XVII, os controles atingem profundidade e obsessividade, tais que os menores, os mínimos detalhes e gestos são normatizados... Foi pela sexualidade que o homem pecou e, portanto, a sexualidade é o ponto mais vulnerável de todos os homens. E como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, elas se tornam as agentes por excelência do demônio (as feiticeiras). E as mulheres têm mais convivência com o demônio “porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher pode ser reta”¹⁵⁵

¹⁵⁵ MURARO, Rose Marie. Introdução histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991, p. 14-15.

À luz desta citação, relaciono o romance escrito na segunda metade do século XIX, por um escritor nascido no interior de Minas Gerais e os ideais difundidos por Michel Foucault durante a Europa medieval. História, gênero e literatura alinham-se intimamente, como explicitado em:

As mulheres, representadas pelas personagens das obras literárias, ficaram prisioneiras às imagens de submissão e aterrorizadas com o castigo masculino por um longo período histórico. A mulher negra, escrava, então, assumia um estereótipo negativo; eram obrigadas a estarem prontamente a realizar os desejos dos homens, seus senhores, em todos os sentidos, mais veemente, na questão sexual. Percebe-se, aí, uma imposição, que caracteriza discriminação e preconceito. O romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, exemplifica essa situação quando se refere ao amor de Leôncio por Isaura...¹⁵⁶

Seria Isaura uma mulher passível de ser associada a características que compõem o estigma de mulher-feiticeira, como foi na Idade Média? E, assim como a igreja perseguia as mulheres-feiticeiras, a cativa foi igualmente perseguida pelos homens que portavam uma certa posição de autoridade, como o proprietário Leôncio? Leôncio tinha uma certa obsessão pela escrava, uma necessidade de possuí-la e dominá-la, aproveitando-se de sua noção e posição de proprietário de escravos para impor um laço com a protagonista. Laço do corpo e da carne.

Isaura era propriedade sua, e quando nenhum outro meio fosse eficaz, restava-lhe o emprego da violência. Leôncio era um digno herdeiro de todos os maus instintos e da brutal devassidão do comendador. Pelo caminho, como sua mente andava sempre cheia da imagem de Isaura, Leôncio conversara longamente com seu cunhado a respeito dela, exaltando-lhe a beleza, e deixando transluzir com revoltante cinismo as lascivas intenções que abrigava no coração.¹⁵⁷

Esta Isaura representada com características que antes definiam as feiticeiras¹⁵⁸ seria a explicação por trás do destino de perseguição, vivido pela menina? Poderíamos *interpretar*

¹⁵⁶ SANTIAGO, Werrianny. *Damas “negras”: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza, a construção da personagem feminina*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018, p. 27-28. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3223>. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹⁵⁷ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 25. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

¹⁵⁸ Para melhor compreender acerca dos estigmas associados à figura da mulher-feiticeira, personagem que inclusive participa de parte da História do cotidiano do Brasil Colonial (considerando as vastas práticas de “bruxaria” que permeavam o Brasil colonial e que eram associadas às mulheres, consideradas pelo imaginário coletivo construído, como agentes de Satã), conferir em: SANTOS, Katiusce Aparecida Silva. *A feiticeira Maria de Freitas em A estranha nação de Rafael Mendes, de Moacyr Scliar*. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37674>. Acesso em: 11 ago. 2026. Para conhecer sobre como o Brasil Colonial passa a integrar o imaginário europeu no que tange as superstições e ao papel da mulher neste contexto, propõe-se a leitura de: SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Isaura como uma personagem feminina associada a Eva, perdição dos homens, capaz de enfeitiçar e seduzir Leôncio, consequentemente abalando seu casamento com Malvina? Neste ponto, é importante explorar a dimensão e representação da mulher como sedutora. Para isso, perpassamos pelos discursos e teorias liberais fomentados durante o século XIX, que defendiam o homem como portador da razão, ligado ao cérebro – naturalmente, o masculino teria a lógica racional e iluminista, uma superioridade intelectual¹⁵⁹. Em contrapartida, a mulher, colocada na conhecida posição de alteridade, representaria o oposto: o fomento do coração e dos sentimentos.

Então, simplificando as explicações, a mulher seria o ser passional. Logo, entendemos que fomentaria a instabilidade: assim como os sentimentos são passageiros, e a mulher, movida por eles, se tornaria o auge do descontrole. Assim, estando a sedução relacionada aos sentimentos passionais, não causa espanto quando vemos que:

A construção da imagem feminina a partir da natureza e das suas leis implicaria em qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce etc. Aquelas que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Entretanto, muitas qualidades negativas – como a perfídia e a amoralidade – eram também entendidos como atributos naturais da mulher, o que conduzia a uma visão profundamente ambígua do ser feminino. No século XIX ocidental, a velha crença de que a mulher era um ser ambíguo e contraditório, misterioso e imprevisível, sintetizando por natureza o bem e o mal, a virtude e a degradação, o princípio e o fim, ganharia uma nova dimensão, um sentido renovado e, portanto, específico. Amplamente disseminada, a imagem da mulher como ser naturalmente ambíguo adquiria, através dos pincéis manuseados por poetas, romancistas, médicos, higienistas, psiquiatras e, mais tarde, psicanalistas, os contornos de verdade cientificamente comprovada a partir dos avanços da medicina e dos saberes afins. Vista como uma soma desarrazada de atributos positivos e negativos, cujo resultado nem mesmo os recursos científicos cada vez mais sofisticados poderiam prever, a mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social de esposa e mãe; o que garantiria a vitória do bem sobre o mal, de Maria sobre Eva.¹⁶⁰

Agora, seguindo com a analogia realizada acima, seria uma possível explicação para as constantes agressões e assédios verbais/sexuais que a protagonista enfrentava, principalmente por parte dos homens, pelo simples fato de ser uma mulher?

Casara-se por especulação, e como sua mulher era moça e bonita, sentira apenas por ela paixão, que se ceava no gozo dos prazeres sensuais, e com eles se extingue. Estava reservado à infeliz Isaura fazer vibrar profunda e

¹⁵⁹ DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Coordenação de textos: Carla Bassanezi. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/07/del-priore-historia-das-mulheres-no-brasil.pdf>. Acesso em: 27 maio 2026. p. 278.

¹⁶⁰ *Ibidem*.

violentamente naquele coração as fibras que ainda não estavam de todo estragadas pelo atrito da devassidão.¹⁶¹

Guimarães estaria tentando escancarar e sensibilizar em sua escrita, os escrutínios vistos – e que eram vividos pelas mulheres – durante o contexto em que viveu, em uma sociedade patriarcal e escravagista? Sobre isso, confirmamos em:

(...) o autor limita-se a apontar o problema e a deixar o leitor consternado por meio da exploração da emoção. Não há na obra *A escrava Isaura* nenhuma crítica exacerbada a respeito da situação deplorável em que viviam os escravos em solo brasileiro, nem à absurdez do regime escravocrata. Há a constatação do fato histórico, mas Bernardo Guimarães utiliza-se da linguagem muito mais para fazer um retrato idealizado de Isaura, de Álvaro e do amor, bem em acordo com ideais da concepção romântica.¹⁶²

Contudo, vale ressaltar que esta representação de voz disciplinada e corpo dócil, também configura uma conjectura influenciada pela posição social de Isaura no contexto oitocentista, a de ser uma escravizada e mucama.

A escrava Isaura e *O cortiço* e, ainda, referindo-se àquelas acima mencionadas, observa-se que as figuras de diferentes mulheres fazem-nos entrever indícios da opressão vivenciada historicamente no cotidiano feminino. Os autores revelam os modos como transparecem os efeitos da dominação masculina e da sociedade como um todo sobre a mulher em todos os tempos.¹⁶³

Podemos ver na escrita do literato, lembrando aqui de que foi estudante de direito, algumas possíveis soluções mescladas com lições em relação a escravidão (compõem os aspectos ideológicos das imagens e do imaginário sobre Isaura no contexto escravista), permeadas em suas páginas. Então, nesse contexto, o casamento formularia uma delas, até porque sendo a mulher colocada em posição de alteridade, sua salvação só poderia ser vinda de um homem. Para tanto, confirmamos esta lição da literatura, que se resume também em mais uma verdade histórica:

A liberdade tinha o limite do casamento. Significava sair da sujeição senhorial e entrar para um lar, organizado segundo as vontades de um marido/amante que carregaria a lembrança da gratidão. Ex-escravas ou mulheres nascidas livres precisavam ter ser corpos contidos pelo casamento, de acordo com a narrativa proposta por Bernardo Guimarães. Os dois homens brancos que vão disputar com mais persistência a mocinha Isaura serão Leôncio e Álvaro.

¹⁶¹ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 24. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

¹⁶² SANTIAGO, Werrianny. *Damas “negras”: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza, a construção da personagem feminina*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018, p. 34. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3223>. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 15.

Leôncio é o grande vilão da história. Era casado com Malvina e senhor de Isaura. Pretendia manter Isaura na escravidão, porque acreditava que a liberdade a levaria para longe dele.¹⁶⁴

Assim, é interessante pensar no uso da expressão *corpos contidos*. Isto não remete a histórias anteriores? Corpo disciplinado, dócil e contido, não apenas pela figura do homem, mas também pelos serviços prestados, que limitavam e moldavam, mas que ainda não podemos chamar de trabalho, conforme veremos a seguir:

O casamento impunha-se como ferramenta de controle para as mulheres livres e também para as escravas, especialmente às domésticas... ao longo da narrativa as personagens femininas, especialmente as escravas, aparecem cuidando de vários afazeres domésticos, embora tais atividades não fossem reconhecidas como trabalho. Além disso, as atividades praticadas fora do lar eram vistas como forma de castigo. O trabalho doméstico era qualificado como serviços “levianos e dedicados”. Até mesmo a tarefa de tecer o algodão não era vista como uma forma de trabalho.¹⁶⁵

A discussão sobre o corpo da mulher negra na época oitocentista, nos é extremamente relevante. Não se restringe a este trabalho dissecar sobre a posição do corpo feminino no século XIX, e muito menos à literatura ficcional. O corpo da mulher negra foi dissertado em documentos históricos, como relatos de viajantes europeus e até em anúncios: “(...) sua descrição esteja presente tanto na fala de curiosos senhores e viajantes europeus quanto em ricas e detalhadas narrativas de médicos, juristas, policiais, figurando também nos anúncios de compra, venda e fuga de escravas”¹⁶⁶

Para além de Isaura como mulher e uma escravizada-mucama, passamos a analisar esta personagem como a representação feita por Guimarães sobre a mestiçagem. Dessa forma, vale destacar a presença dos ideais de embranquecimento da população brasileira que poderia ser alcançado através das misturas entre as “raças”, difundidos durante o século XIX. Assim, Isaura compõe um estereótipo que se resume na soma da menina doce, bela – mestiça:

Entretanto, a moça "bela" e dona de "nobre figura" é ninguém menos que a famosa escrava Isaura. Entre as tipologias da mulher de cor, talvez a mais habilmente construída seja esta: a da mestiça virtuosa, pois, ao menos à primeira vista, seu caráter e sua beleza representam o sucesso da fusão entre as raças branca e negra: "És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano [...]" . Em suma, o corpo da escrava materializa debates sobre um Brasil em construção. Não por

¹⁶⁴ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. “*É bonita demais para mucama*”: casamento e trabalho feminino em Bernardo Guimarães, p. 3.

¹⁶⁵ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. “*É bonita demais para mucama*”: casamento e trabalho feminino em Bernardo Guimarães, p. 3-4.

¹⁶⁶ XAVIER, Giovana. *Entre personagens, tipologias e rótulos da ‘diferença’: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX*. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012. p. 67.

acaso o jovem Henrique, pasmo com tão bela criatura, ressalta que ela "é uma perfeita brasileira [...] superior a tudo quanto há" (p. 21).¹⁶⁷

O percurso histórico traçado serve como uma contextualização no que tange a elaboração de análises acerca da forma como Isaura é representada pela iconografia, ou seja, pelas capas das diversas edições encontradas. É importante (re)conhecer Isaura como mulher, escrava e mucama, para proporcionar um vislumbre crítico de sua figura ao longo dos anos. Nesse sentido, nos importa e muito a vida de Isaura descrita no livro, já que estas discussões colaboram para conhecer e analisar a forma como a personagem foi desenvolvida no imaginário brasileiro. Para além de escravizada, pensar em Isaura estando na condição de mulher, é pertinente para uma análise histórica completa sobre sua figura, que foi largamente assediada e perseguida pelos homens do romance:

Isaura, por ter características de uma moça de fino trato, é julgada somente pela condição de escrava, mas não por sua condição étnica. Isaura passa por dois momentos distintos no romance: enquanto é conhecida apenas pelos seus dotes, ela é muito admirada, porém ao saberem de sua condição de cativa, passam a desconsiderar suas qualidades. A teoria de Sant'Anna pode ser aplicada para podermos compreender a variação de óticas sobre a personagem. Isaura passa a ser vista como mulher-caça, visto que vivia sendo assediada por Leôncio na fazenda onde morava. Em primeiro lugar, encontrava-se presa, sem liberdade para poder sair de tal situação. Em segundo lugar, era perseguida por Leôncio, como uma caça. É possível verificar na narrativa que Isaura constantemente precisava fugir dos braços de seu senhor. O objetivo dessa perseguição possuía realmente fins relativos à caça, como dominar a presa e sexualmente devorá-la.¹⁶⁸

O estudo de Carlos Alberto Vecchi, sobre a presente obra literária, é essencial, já que dialoga fortemente com as interpretações que aqui foram pontuadas e analisadas, conforme:

Começo pelo escravo nobre, que vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação. É o caso da escrava Isaura, do livro do mesmo nome, escrito por Bernardo Guimarães...essa nobreza identifica-se claramente com a aceitação da submissão, apesar da bandeira abolicionista que o primeiro pretende empunhar e da denúncia do preconceito assumida pelo segundo. A fala de Isaura deixa clara a posição...¹⁶⁹

Como o próprio título explicita, Isaura trata-se de uma escravizada, subentendendo-se que apresenta características físicas afrodescendentes. Contudo, após minuciosa revisão de

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 78-79.

¹⁶⁸ FURLAN, Pricila Kátia et al. *Personagens femininas na ordem patriarcal nos romances de Bernardo Guimarães: Rosaura, A enjeitada, A escrava Isaura e O seminarista*. 2018. p. 32. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

¹⁶⁹ PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira. Estudos avançados*, v. 18, p. 162, 2004.

algumas capas produzidas e repercutidas pelas editoras nacionais, pelo recorte temporal de 1920 a 2024, destaca-se a minoria de uma protagonista com demarcados traços africanos. Além disso, vale enfatizar que a maioria das capas da obra possuem a figura de Isaura representada por características físicas de mulheres brancas e reforçam um caráter sexualizado sobre a mulher brasileira, assim como as imagens construídas através das cenas literárias e de folhetins sobre a obra em questão.

CAPÍTULO 3 PROPOSTA PEDAGÓGICA: OFICINA DE LEITURA DE IMAGENS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

A educação, que hoje constitue o segundo ramo de importancia da humanidade, muito tem progredido com o desenvolvimento da litteratura (Maranguapense, 1875, p. 2)

3.1 Pesquisa-ação e ensino de História na Licenciatura

Não demorou que pesquisa também se tornasse uma atividade de ensino e extensão corresponde à possibilidade de compartilhar no ensino básico o que foi estudado e pesquisado na universidade. É uma forma de entregar um refresco vindo da perspectiva universitária, com os questionamentos da juventude. A realização de um ciclo, mesmo que curto, de oficinas que contemplem a obra *A Escrava Isaura*, foi uma oportunidade de oferecer uma ponte interdisciplinar, afinal, foi possível aprender História através da literatura e do campo iconográfico!

A oficina exigiu a análise da obra de Guimarães e apresentação de suas capas ao longo de diversas edições brasileiras e contando com exemplares até mesmo internacionais. O ciclo ocorreu no campo do ensino básico, especificamente ensino médio, na Escola Estadual Messias Pedreiro (localizada no bairro Cazeca) que iniciou suas atividades em 1976, tendo seu prédio construído através de uma parceria entre a prefeitura municipal da cidade de Uberlândia e um empresário desta região que doou recursos para a construção da escola e foi homenageado ao ter seu sobrenome como parte do nome da instituição: Pedreiro.¹⁷⁰

A escolha da instituição não foi aleatória, já que ocupo a posição de pibidiana neste espaço há mais de um ano. A escola abriga um grupo pertencente ao núcleo de PIBID - História/UFU, estando sob supervisão da professora e atual doutoranda desta mesma universidade, Katiusce Silva. Como parte das atividades, a docente solicitou ao grupo que planejasse e executasse ciclos de oficinas ao longo do mês de junho, podendo estender-se até julho.

Os dois primeiros dias de junho contaram com um curto ciclo de oficinas, para turmas de terceiros anos, sobre a representação da rainha egípcia Cleópatra, construída no filme *César e Cleópatra* (1945). Nesse momento, pude compartilhar o desenvolvimento do capítulo de um livro que minha turma da disciplina de Estágio II, na graduação de História, escreveu. A

¹⁷⁰ ESCOLA ESTADUAL MESSIAS PEDREIRO. *Projeto político-pedagógico da Escola Estadual Messias Pedreiro*. Uberlândia, MG, 2024.

professora especialista em História Antiga, Semíramis Corsi, orientou a elaboração e escrita do livro *Cleópatra vai à escola*, disponibilizado na plataforma da Edupe.¹⁷¹ Seguindo as orientações da supervisora Katiusce, foram planejadas outras temáticas para oficinas posteriores durante reuniões do grupo, na escola.

No final deste mês de junho, finalmente pude elaborar e compartilhar a temática desta pesquisa. Três turmas de terceiros anos foram escolhidas para participarem das atividades. A escolha pelo último ano do ensino médio, se deve principalmente devido à maior aproximação dos alunos frente ao ingresso na universidade, ou seja, possuem mais maturidade para receberem esta temática, sem falar que o estudo de um romance abolicionista, pode servir como repertório de redação do ENEM ou de vestibulares. Inclusive, neste ano de 2026, ocorreu um ciclo de oficinas que o grupo de PIBID ministrou sobre os processos seletivos para entrada em faculdades, para estas turmas de terceiros. As turmas que participaram da oficina tiveram aulas de História com a professora supervisora da atividade, em dois dias seguidos. Tal fato foi determinante para a seleção de apenas três.

A prática de ensino e extensão aqui constatada, teve sua execução facilitada através da participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Esta iniciativa a qual participo desde fevereiro de 2025, possibilitou um acompanhamento semanal na escola. Assim, o diálogo e a oportunidade de conhecer previamente os alunos, foi de extrema importância para o sucesso da atividade. Ter contato com seus interesses, gostos e necessidades, funcionou como uma espécie de guia para a elaboração das oficinas. Percebemos uma certa defasagem de informações, por parte dos estudantes do terceiro ano, acerca dos editais dos processos seletivos para ingresso nas universidades. Além disso, a professora relatou dificuldades também na escrita de redações que seguem a estrutura solicitada por estes processos. Então, percebemos o quanto seria fundamental as oficinas sobre ENEM e vestibulares, além de programas como Fies e ProUni.

As oficinas que abarcam a temática das representações, como a de Cleópatra e de Isaura, visam não apenas formularem mais uma possibilidade de repertório para as redações. Configuram uma forma de instigar o pensamento crítico por parte dos alunos, de oferecer uma oportunidade de enxergarem seus respectivos papéis na sociedade como sujeitos históricos e

¹⁷¹ A Editora Universidade de Pernambuco publicou o livro “Cleópatra vai à escola”. A coletânea analisa como a antiga rainha Cleópatra tem sua imagem na Modernidade envolta em complexos debates que interseccionam gênero, identidade, nacionalismos e racialização. Foi percebendo esta possibilidade de trabalhar com uma amplidão de temas nas aulas de História que se propôs o livro em formato de três capítulos, compostos por um texto de introdução à proposta didática, um plano das aulas e um material didático. O material é de acesso aberto e está disponível no site da EDUPE: www.edupe.upe.br.

como sujeitos que percebem a História e suas implicações em diversos temas globais – seja sobre a rainha Cleópatra através das lentes britânicas em uma produção cinematográfica, seja a Isaura presente na obra de Bernardo Guimarães ou nas diversas capas (inter)nacionais, que nos acompanham desde o início do século XX. Estes assuntos são possibilidades, para o ensino de História, de trabalhar com fontes que são queridas, ou ao menos conhecidas, por parte dos alunos – como é o caso do filme internacional e livro brasileiro, que possibilitou a ascensão das novelas de *A Escrava Isaura*, que teve uma de suas versões (a de 2004), reprisada no ano passado.

Iniciamos o trabalho com a turma com a introdução à obra literária em questão, uma forma de apresentar o contexto histórico abolicionista, já que o livro teve seu lançamento em 1875, e em 1888 tivemos a vitória deste movimento. Assim, apesar de utilizar elementos ficcionais, abordamos que o literato dialoga com a verossimilhança e realidade histórica. Há, também, alguns ideais fomentados pelo autor ao longo da história, como a própria mestiçagem. Interrogar esta protagonista branqueada, fruto de uma mescla, é aprofundar e contar história sobre a maior parcela da sociedade brasileira – este fato é comprovado até mesmo pelas características fenotípicas dos estudantes da Escola Estadual Messias Pedreiro.

Expusemos que a história de Isaura teve sua repercussão inicialmente através da imprensa, em 1874. Destacamos que a obra foi alvo de divergências nos jornais, as quais igualmente foram apresentadas para os estudantes a fim de entenderem os (pre)conceitos que orientaram a produção literária e acompanharam a bagagem histórica da protagonista. Após aprofundar na relação entre História e literatura, a iconografia foi outro (e ousou dizer o principal) campo analisado. As representações visuais de Isaura, presentes nas capas entre 1916 a 2024, foram explicitadas. Além disso, buscou-se traçar padrões capazes de agrupar as capas, que são muitas, presentes sobre a protagonista e os elementos (objetos-símbolos) que a acompanham.

A oficina intitulada ‘‘Julgando o livro pela capa: iconografia, (pre)conceitos e ensino de História a partir de *A Escrava Isaura*’’, foi realizada ao longo de duas aulas (50 minutos cada) para cada turma. Em um primeiro momento, houve a apresentação da obra e uma associação desta temática à oficina sobre Cleópatra, já que ambas abordam o campo das representações e o imaginário. Além disso, a biblioteca da escola teve um papel importante ao disponibilizar vinte exemplares do livro. A fim de conhecer o imaginário dos estudantes sobre *A Escrava Isaura* e seu respectivo contexto escravista no Brasil oitocentista, este trabalho contou com uma inversão da ordem das atividades: primeiro foi entregue o roteiro/avaliação para que respondessem em grupo, para depois haver uma aula teórico-dialogada.

A separação das salas, em grupos, ocorreu logo após a apresentação da obra e de seu autor, Bernardo Guimarães – pontuando que se trata de um literato mineiro. A conhecida “sala multimídia”, recentemente organizada na escola, auxiliou neste processo de atividade em grupo ao disponibilizar mesas redondas e cadeiras já distribuídas ao redor. Uma vez em grupos, as salas puderam compartilhar ideias e trocar conhecimentos para o preenchimento da atividade formativa (disponibilizada em anexo). O roteiro exigiu a análise, pelos estudantes, de algumas capas que foram previamente selecionadas de acordo com os interesses das questões propostas. Sendo assim, após retomar e revisar brevemente a história de Isaura, dispõe de um mural de capas e questões abaixo que visam instigar os alunos à análise e olhar crítico-perceptivo.

A primeira questão elaborada, teve o intuito de levar os estudantes a atentar às referências europeias representadas pelas capas de Isaura, além de seus respectivos objetos-símbolos (como é o caso do piano) que complementam estas influências. Seguindo com esta iniciativa, há outra questão que visava levar os estudantes a perceberem as referências afrobrasileiras nas imagens, além de conectá-las aos movimentos negros do Brasil (principalmente o ascendente na década de 1970 e o da contemporaneidade, fortemente repercutido a partir de 2020). Há, também, uma questão específica para que buscassem perceber capa(s) que apresente(m) referências a outros grupos étnicos – como indígenas.

O roteiro também apresentava questões cujas respostas cabiam somente às opiniões dos alunos: queríamos saber o que eles achavam das capas de *A Escrava Isaura*, haja vista o contexto histórico e a própria história do romance, aspectos que foram explicados. O contato com a obra física foi primordial, contemplado por uma questão que busca uma comparação feita pelos estudantes entre a Isaura delineada por Guimarães e suas versões ilustradas: quais capas se aproximam mais das cenas literárias?

Para concluir, questionamos acerca do conhecimento prévio dos alunos: eles conheciam Isaura, antes da atividade? Acham que a personagem existiu? Afinal: quem é Isaura? Isaura da novela? Isaura da obra literária? Isaura de Leôncio? Isaura de Álvaro? Isaura, a escrava branca? São tantas questões que valem a pena serem aprofundadas, a fim de viajarmos pelo imaginário da juventude brasileira.

Perpassando o formato de avaliação via atividade formativa impressa, finalizamos a primeira etapa deste ciclo de oficina. Então a segunda aula, efetuada no dia seguinte, foi introduzida com a leitura de alguns fragmentos selecionados que abordam a Isaura escrita por Guimarães. Tendo isso em vista, foi apresentada uma sequência de *slides* – a sala multimídia dispõe de um projetor e a supervisora oferece seu computador para a apresentação – que mostram excertos da história publicados no jornal da época, como é o caso de *O Globo* (1874).

A repercussão na imprensa faz parte da formulação dos preconceitos em torno da obra e dos ideais fomentados por seu criador. A metade da aula foi separada para vislumbrar e analisar sucintamente as capas inventariadas (foram apresentados setenta e dois exemplares).

Posteriormente, pude compartilhar parte dos resultados desta pesquisa aqui apresentada. Assim, elaborei agrupamentos em conforme com as questões solicitadas pelo roteiro na aula anterior. As capas que apresentam referências europeias e afro-brasileiras, foram mostradas separadamente. Além disso, buscou-se instigar o questionamento promovido pela edição portuguesa de 1944 (em que temos uma Isaura indígena), a fim de que os alunos refletissem sobre a forma como os portugueses enxergam os brasileiros. Ao longo da elaboração do roteiro formativo, as questões apontaram em direção ao mito das três raças: destacam-se as divisões dos grupos étnico-raciais que Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro tanto comentaram.

As adaptações em cordel foram igualmente destacadas e dialogam com o contexto de lançamento na região nordestina e seus respectivos movimentos culturais ascendentes – cabendo a realização de uma interpretação que associa uma das capas (a de 2011) à novela *Cordel Encantado*, produzida e lançada pela rede Globo.

A influência da novela (1976) nas capas, também foi abordada, assim como sua repercussão internacional. O público de fora teve contato com a obra literária principalmente através da novela, como ocorreu na China, que elaborou as bandas de Isaura, e na Alemanha – em que vemos uma Isaura à moda princesa da Disney. Haja vista esta era da modernidade, em que vemos e vivemos uma coabitação entre humano e máquina, foi apresentada aos alunos a leitura pós-moderna da personagem. A Inteligência Artificial, seguindo as instruções baseadas em trechos da obra *A Escrava Isaura* que descrevem a protagonista¹⁷², a fim de produzir uma imagem fiel a estes fragmentos literários, realizou uma arte deveras intrigante:

¹⁷² A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza ouvia-se distintamente o arpejo de um piano casando-se a uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada, e do timbre o mais puro e fresco que se pode imaginar (GUIMARÃES, 2013, p. 5). [...] Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. [...] A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não saberei dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada (GUIMARÃES, 2013, p. 7). [...] Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos [...] (GUIMARÃES, 2013, p. 8). [...] Isaura era filha de uma linda mulata, que fora por muito tempo a mucama favorita e a criada fiel da esposa do comendador (GUIMARÃES, 2013, p. 17). [...] O que porém mais era de admirar na interessante menina [...] era sempre alegre e boa com os escravos, dócil e submissa com os senhores (GUIMARÃES, 2013, p. 20). [...] Ninguém diria que era uma escrava [...] Parecia a garça-real [...] (GUIMARÃES, 2013, p. 71). [...] — Se não fosse aquela pinta negra, que tem na face, seria mais suportável... (GUIMARÃES, 2013, p. 114). C.f. GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

Figura 57 – Representação de Isaura elaborada a partir da descrição presente no romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, gerada por inteligência artificial.



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio do Gemini, 2026¹⁷³.

Então, buscou-se fomentar a reflexão entre os estudantes, para que percebam as nuances presentes nas cenas literárias – afinal, Isaura, mesmo mestiça, realmente foi descrita como portadora de *pele alva*, fator comprovado pela IA. Os alunos ficaram admirados com a “beleza” da personagem e, mais ainda, com seu embranquecimento.

A conclusão desta segunda e última aula da oficina, apresentou uma síntese dos resultados encontrados ao longo da pesquisa sobre as representações e o imaginário em torno de Isaura. Os acontecimentos vigentes nos anos de lançamento das edições, possuem papel ativo nas representações visuais da personagem. Este pensamento corrobora para a presente

¹⁷³ Comando: “Elabore uma imagem a partir da seguinte descrição da obra de GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura* (versão original). [S.l.]: Luso Livros, 2013. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026: Trechos: “A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza ouvia-se distintamente o arpejo de um piano casando-se a uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada, e do timbre o mais puro e fresco que se pode imaginar. (2013, p. 5) Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenhavam-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. (2013, p. 7) Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na fronte calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; (2013, p. 8) Isaura era filha de uma linda mulata, que fora por muito tempo a mucama favorita e a criada fiel da esposa do comendador. (2013, p. 17) O que porém mais era de admirar na interessante menina, é que aquela predileção e extremosa solicitude de que era objeto, não a tornava impertinente, vaidosa ou arrogante nem mesmo para com seus parceiros de cativeiro. O mimo, com que era tratada, em nada lhe alterava a natural bondade e candura do coração. Era sempre alegre e boa com os escravos, dócil e submissa com os senhores. (2013, p. 20) Ninguém diria que era uma escrava, que trabalhava entre as companheiras, e a tomaria antes por uma senhora moça, que, por desenfado, fiava entre as escravas. Parecia a garça-real, alçando o colo garboso e altaneiro, entre uma chusma de pássaros vulgares. As outras escravas a contemplavam todas com certo interesse e comiseração, porque de todas era querida, menos de Rosa, que lhe tinha inveja e aversão mortal. (2013, p. 71) — Se não fosse aquela pinta negra, que tem na face, seria mais suportável... (2013, p. 114)

tentativa de incentivar a apuração de um senso crítico em meio à posição do aluno neste papel de sujeito histórico, já que as imagens:

De fato, as imagens merecem um lugar de destaque na pesquisa social, porém acredito que o seu registro não é nada restrito, uma vez que elas, em muitos casos, podem representar fielmente as ideias apresentadas no discurso verbal ou ir além dele, sendo autoexplicativas e, assim, colaborar eficazmente no entendimento do discurso multimodal. Como afirmam Kress e van Leeuwen ([1996], 2006), as imagens são muito mais que simples ilustrações e reproduções, elas produzem significados, haja vista as várias formas de uso da imagem para expressar diversos sentidos, como a ironia, a crítica, a frustração, o sarcasmo¹⁷⁴

A oficina contou com maior participação dos alunos, por abordar uma obra regional que obteve um alcance (inter)nacional, principalmente devido a repercussão das novelas. Grande parte dos alunos conheciam Isaura através das reprises da produção de 2004, por exemplo.

3.2 Descrição da oficina: relato de uma experiência como pibidiana

A primeira etapa da oficina, ou seja, a primeira aula em que o romance literário foi apresentado, juntamente com seu autor, contou com a compreensão dos alunos. As turmas de terceiros anos ouviram atentamente a contextualização prévia do tema, mesmo sem estarem cientes de que logo depois haveria a entrega de uma atividade formativa. Dessa forma, pude compartilhar acerca da história de Isaura e as lições que Guimarães provavelmente pretendia agregar à sociedade oitocentista brasileira, em um contexto permeado pelos movimentos abolicionistas. Então, compartilhei o interesse do literato pela área do direito e seus ideais incrustrados ao longo de sua obra literária, como o casamento (possível solução para o controle dos corpos feminino) para as mulheres da época e a mescla entre as raças como forma de seguir em uma realidade pós-escravidão.¹⁷⁵

A estrutura da sala facilitou a separação dos alunos em grupos, então não perdemos tempo com esta organização. Após a contextualização da obra e de seu autor, o roteiro de

¹⁷⁴ TRAJANO, I. *A imagem como agente de representação social e ideológica no discurso multimodal*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 28 jun. 2026.

¹⁷⁵ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. As lições de Bernardo Guimarães em *A Escrava Isaura*: escravidão e literatura na segunda metade do século XIX. *Temporalidades – Revista de História*, v. 9, n. 3, ed. 25, set./dez. 2017. ISSN 1984-6150.

atividades foi entregue: uma cópia, impressa, para cada grupo. A aula foi cedida para a elaboração das questões, e pude estar entre os alunos a fim de saciar eventuais dúvidas e acrescentar informações pertinentes para o preenchimento das perguntas solicitadas.

Os alunos pareceram interessados pelo tema, folhearam o roteiro e analisaram as capas, apontando para elas e discutindo entre colegas acerca de seus respectivos elementos e contextos históricos. Inclusive, a biblioteca disponibilizou exemplares de *A Escrava Isaura*, os quais foram distribuídos entre as mesas, novamente dispondo de um por grupo. Assim, os alunos tiveram contato direto não somente com a atividade formativa, mas com o livro físico, ou seja, com as representações visual e literária de Isaura.

Durante a realização da atividade proposta, pude ter contato direto com edições de Isaura que conheci apenas pelas plataformas digitais. Ao folhear estas versões, encontrei mais informações sobre as edições e seus respectivos ilustradores. Recebemos, da escola, dez exemplares da edição de 1985 (editora Ática), que teve como ilustradora da capa a artista Terezinha Bissoto, conhecida por criar a arte de outras capas de clássicos brasileiros da editora Ática, como *Éramos Seis* (Maria José Dupré. Editora Ática. Coleção Vaga-Lume. 33ª edição) e *Iracema* (José de Alencar, editora Ática). Ademais, contamos com treze edições de uma capa de 2003 que reutiliza a arte da versão de 1998, tendo Marco Cena como responsável pela capa.

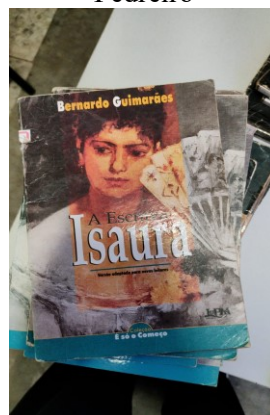
Esta edição da L&PM Editores contou com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que configura em uma agência especializada da ONU. Sendo assim, paira o questionamento acerca da escolha de uma representação visual que indica referências europeias como vemos pela escolha do penteado, o leque, vestido aparentemente rendado e pomposo e a luva acetinada para ilustrar Isaura (conforme abordado na página 82 deste documento). Estaria esta organização sediada na Europa, a par dos (pre)conceitos que podemos interpretar através de uma “singela” capa?

Figura 58 - Capa de A Escrava Isaura (33ª capa do quadro)



Fonte: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Figura 59 - Capa de A Escrava Isaura disponibilizada no acervo da E. E. Messias Pedreiro



Fonte: L&PM Editores (2003).

Dispomos, também, da versão de 2013, da editora Scipione, tinha o “rótulo” de *Livro do Professor: venda proibida*. Trata de uma adaptação de Guila Azevedo, com ilustrações de Cristina Burger¹⁷⁶ ao longo de todo o livro, não apenas na capa. As ilustrações, distribuídas nos capítulos, são em preto e branco e seguem o ritmo da história. Azevedo não enfatiza a brancura da pele de Isaura, quando comparamos com a versão original de Guimarães¹⁷⁷, conforme verificamos em:

Se alguém entrasse naquele momento na vasta sala, luxuosamente mobiliada, encontraria sentada ao piano uma moça muito bonita, de pele branca, cabelos pretos e ondulados, soltos sobre os ombros, e um olhar perdido. Tinha o porte de uma nobre, mas seu vestido de chita azul indicava certa pobreza. O único

¹⁷⁶ Cris Burger, pseudônimo artístico de Maria Cristina Burger, nasceu em Porto Alegre em 1948. Formou-se em arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Iniciou-se em ilustração em 1975. Juntamente com Cláudio Ferlauto, montou o estúdio Qu4tro Design em 1982, onde desenvolve trabalhos de ilustração e design gráfico. Frequentou o atelier de Rubens Matuck, em 1997, desenvolvendo trabalhos em aquarela. Em agosto de 2000, finalizou o curso de pós-graduação em Artes Plásticas na Faculdade Santa Marcelina, SP. C.f MASSARANI, Emanuel von Lauenstein. *Nas aquarelas imaginárias ou figurativas, Cris Burger libera da cor uma eloquência poética*. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, São Paulo, 30 ago. 2004. Disponível em: [Portal da ALESP](http://portal.da.ALESP). Acesso em: 29 jun. 2026.

¹⁷⁷ A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzídios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na fronte calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; Cf. GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. p. 8. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>.

enfeite que usava era uma pequena cruz presa ao pescoço por uma fita preta.¹⁷⁸

Já sobre as dúvidas dos alunos perante as questões, percebi algumas recorrências entre os grupos. A maioria deles teve dificuldade em compreender a questão 3 - b) (para leitura do enunciado, acompanhe em anexo), julgo que devido à necessidade de leitura dos textos motivadores para elaboração de uma resposta. Além disso, muitos desconheciam discussões acerca das ondas do movimento negro no Brasil, que embora estivesse presente ao longo de toda nossa história, teve seus momentos de maior repercussão e eventual popularização, principalmente quando tange o movimento na década de 1970, que dialoga com a capa de 1971 (edições Saraiva). Inclusive, esta questão sobre o movimento negro dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual propõe como um objeto de conhecimento na área de História, para alunos do nono ano: “Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações”.¹⁷⁹

Diante da dificuldade, passei pela maioria dos grupos a fim de esclarecer e incentivá-los à leitura dos textos disponibilizados. Grande foi minha surpresa, após perceber as dúvidas sobre uma mesma questão, quando passei por um grupo e um aluno associou as edições de 2022 e 2023 ao movimento *Black Lives Matter*. Nesse sentido, também fiquei intrigada quando outro estudante associou a edição de 1971 à pintura de Portinari, *Os retirantes* (1944). Associações que eu havia feito anteriormente, mas que eles não sabiam.

Seguindo com os questionamentos realizados pelos estudantes acerca da atividade, notei que muitos identificavam a Isaura orientalizada (uma versão indígena da personagem) disposta na capa portuguesa de 1944 (edições Ultramar), como parte do grupo étnico afro-brasileiro (quando tentavam responder à questão 3 -a). Sendo assim, várias vezes foi necessário ressaltar que os povos indígenas pertencem a uma etnia diferente dos povos africanos: há diversidade e certa pluralidade nas representações de Isaura. Seria a relação pertinente, como fizeram os portugueses e os estudantes, algo que tenha escapado aos meus olhos? Mais uma vez fui confrontada com a complexidade dos processos de heteroidentificação étnica brasileira que, não raro, causam polêmica nos processos de seleção de cotas.¹⁸⁰

¹⁷⁸ AZEVEDO, Guila. *A Escrava Isaura*. AZEVEDO, Guila. *A Escrava Isaura*. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2013. p. 5.

¹⁷⁹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 428. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

¹⁸⁰ ELÍSIO, Régis Rodrigues. *Comissões de heteroidentificação: discursos, práticas e perspectivas das cotas raciais no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

A tentativa de aproximar os jovens à leitura de obras brasileiras, foi bem-sucedida: uma aluna nem esperou a finalização da aula para começar a ler um dos exemplares e me perguntar acerca da contextualização das personagens do romance. Ademais, captar o interesse dos alunos foi gratificante para uma professora em vias de concluir sua formação. Recebi uma salva de palmas por parte de uma das turmas após a primeira aula.

A professora supervisora demonstrou interesse pela temática da oficina, disponibilizando mais uma de suas turmas de terceiros anos para que a oficina fosse entregue. A docente alegou que poderia apresentar a temática aos alunos desta turma, entregar e explicar a atividade formativa, já que ela poderia ministrar a segunda aula ao longo dessa semana. Além disso, também se dispôs a solicitar aos estudantes a elaboração das representações de Isaura, ou seja, cada aluno teve que desenhar sua própria versão e interpretação da personagem, após as duas etapas da oficina. Ao final, os desenhos foram entregues – já que valeram quatro pontos, então garantimos a produção por parte dos estudantes – e dispostos em um mural de Isaura acessível para toda a comunidade escolar:

Figura 60 - Mural dos desenhos de Isaura, disponibilizado na E. E. Messias Pedreiro



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 61 - Registro de Oficina ocorrida na E. E. Messias Pedreiro, através do PIBID



Fonte: Acervo Pessoal

A segunda aula da oficina ocorreu no dia seguinte, então os alunos estavam com as ideias “frescas” na cabeça. Vemos o quanto a habilidade de se adaptar e adequar às situações diversas, deve ser desenvolvida pelo campo docente. Tendo em vista que a atividade preparada contemplava sete questões, infelizmente não foi possível disponibilizar tempo suficiente para a finalização das respostas, por parte dos alunos. Como a maioria dos grupos respondeu até a questão três, neste segundo momento pedi apenas para que apurasse os dados focando nas informações quantitativas da última questão.

Entre um espaço amostral de cento e onze alunos que entregaram a atividade em grupo, cinquenta e nove alegaram conhecer a história de Isaura através da novela. Em contrapartida, vinte e três nunca ouviram falar nem mesmo sobre a novela. Em relação ao livro, quatro pessoas disseram conhecer e apenas uma respondeu já ter lido a obra. Estes dados podem soar alarmantes para os defensores da leitura escolar das obras canônicas da literatura brasileira, mas pode sobretudo servir como incentivo a trabalharmos com a obra, como historiadores,

aliados à literatura e suas possibilidades para o ensino de História, como demonstrou o trabalho com as capas.

Então, neste último encontro foi apresentada uma sequência de *slides* que perpassam pela temática desenvolvida ao longo da atividade entregue na aula anterior. O significado de iconografia foi explicitado, assim como a origem do questionamento em torno da representação de Isaura nas capas do romance (fiquei intrigada com a capa de 1998, da editora Ática). Nesse sentido, realizei a leitura para os alunos contemplando as cenas literárias de Guimarães que descrevem a protagonista, a fim de que conhecessem sua versão no livro. Também foi abordado acerca da repercussão dos três primeiros capítulos da história, na imprensa explicitando as polêmicas entre o jornal *O Globo* e *O Apóstolo*.

Os resultados encontrados, as setenta e seis capas, foram disponibilizados e comentados brevemente em um balanço geral. Para dialogar com o roteiro formativo, tomei a liberdade de focar nas capas que foram dispostas no mural impresso. Então, focamos principalmente nas representações que dialogam com o mito das três raças, ou seja, as capas que podem ser identificadas referências à cultura europeia, afro-brasileira e indígena. Para concluir a sequência de *slides*, exibi a leitura pós-humana de Isaura.

Penso que o ideal para a oficina seria a disposição do conteúdo ao longo de quatro aulas: duas para elaboração da atividade formativa, uma para exposição dos resultados da pesquisa aqui esmiuçada e a última como um momento para desenharem suas versões de Isaura, somada à uma roda de conversa e debate sobre as respostas encontradas, desenhos realizados e suas respectivas implicações.

Concluindo o relato desta iniciativa extensionista, pude perceber o quanto os estudantes ficaram extasiados com a possibilidade de analisarem as imagens. Os alunos apontavam as capas e trocavam ideias com seus colegas de grupo, justificavam suas opiniões e se sentiam confortáveis para solicitar ajuda quando necessário. Além disso, prestaram atenção ao longo de minha explicação ao longo das duas aulas, e muitos conheceram a história pela primeira vez. Para finalizar, um aluno alegou que achava que Isaura realmente tinha existido, e lhe respondi que Isaura esteve à cor e semelhança de muitas mulheres brasileiras de ontem e de hoje?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem interdisciplinar entre História e literatura provou-se, ao longo deste trabalho, deveras proveitosa. Contudo, se adicionarmos o campo das imagens, os resultados são ainda mais surpreendentes. Infelizmente, vale dizer que a historiografia carece de produções em que se valorize o que conhecemos como paratexto: focamos tanto nas questões do próprio texto, que deixamos de lado elementos como as próprias capas.

É importante cultivar e manter a capacidade de espanto, já que está nos possibilita percorrer caminhos até então ocultos – como aqueles promovidos pelo estudo dos paratextos. Menciono isto, pois, afinal: o que seria o ato de julgar o livro pela capa além de uma forma de manifestação do próprio espanto? Este trabalho se deu graças a uma indignação humana perante a avaliação de um exemplar de *A Escrava Isaura*. Então, a partir desta reação procurei compreender e estudar, como aspirante a historiadora, e professora de história em formação inicial, os (pre)conceitos norteadores das escolhas utilizadas para a composição das capas.

Através de uma viagem em torno do imaginário construído sobre Isaura, pude pessoalmente me identificar com suas variadas representações, já que também sou mais uma dessas mulheres brasileiras. A empreitada promovida pelo estudo da literatura romântica brasileira está longe de acabar e este aspecto foi provado após o desenvolvimento da oficina para as turmas de terceiros anos de uma escola pública: a maioria dos alunos não tiveram acesso ao livro, mas não significa que não possam aprender com suas histórias e questões. Além disso, trabalhar e ensinar História junto ao campo iconográfico compõe uma parceria bem quista pelos jovens, já que também podem exercer a capacidade de espanto, que originou todo o estudo em torno das capas!

Conhecer e estudar o campo imagético em torno da protagonista de Guimarães, possibilitou o acesso aos já comentados *tipos sociais*, ou seja, parte do que é socialmente mais aceito. Com isso, vimos nas edições de *A Escrava Isaura*, uma negação imposta sobre o corpo negro. Inclusive, sugiro que rumem ao apêndice logo abaixo e pratiquem este exercício: há capas que apresentem notoriamente uma Isaura com traços fenotípicos africanos demarcados por toda sua extensão corporal? Sinto em lhes informar, queridos leitores, mas quando realizei este questionamento e me interessei em averiguar, minha visão nada pôde encontrar.

Por que, então, mesmo cento e cinquenta e um anos depois do lançamento da versão literária da história de Isaura, continuamos a praticar a negação do corpo negro? Seria porque, mesmo em eras vanguardistas, seguimos orientados pelos mesmos (pre)conceitos? Julgo que a

resposta seja afirmativa. Porém, como professores e interessados pelo campo histórico e social, devemos caminhar lado-a-lado à área da pesquisa, capaz de nutrir nossos espantos e provocar indagações referentes às discriminações socioculturais.

Nesse sentido, este trabalho não se encerra, é um ponto de partida a anunciar outros passos urgentes: podemos procurar sobre a forma como os manuais de literatura brasileira se referiam a Bernardo Guimarães: será que encontraremos mais ideologias raciais por trás de suas palavras? Além disso, porque não escrever uma versão adaptada de *A Escrava Isaura*, com notas de rodapé capazes de instigar aos leitores o que aqui foi dissertado? Julgar o livro pela capa prova-se, mais uma vez, um caminho sem volta: além de fomentar um possível hábito, pode ampliar-se por toda a configuração dos paratextos. Então, notas de rodapé, prefácios e posfácios, constituem um novo quadro de possibilidades para compreender o romance de Guimarães e as questões que ele mobiliza. Não apenas no sentido de ler aqueles já existentes, mas de escrever novos textos com as ideias desenvolvidas através da análise de suas capas!

Ademais, no que tange a discussão sobre a análise das capas, pode-se destacar a caracterização das roupas trajadas pela figura feminina, por exemplo, que nitidamente detém inspiração na moda europeia. Se não era representada com a cor da pele branca, suas representações visuais, à exemplo dos objetos-símbolos escolhidos, assim como vestuário, foram embranquecidas. Nesse sentido, esta os resultados desta pesquisa convidam a analisar historicamente a literatura, o mercado editorial e imprensa, tendo em vista que estes padrões racistas persistem em nossa contemporaneidade, assim como perpetuam formas de interpretações sexualizadas sobre as brasileiras (alcançando níveis internacionais através da repercussão deste livro, de sua versão em folhetins e produções áudio-televisivas). Para isso, porque não começar com a elaboração de encartes didáticos que alimentem estes questionamentos na população brasileira, desde os jovens? Embora este trabalho ambicione encerrar um percurso inicial de formação, de fato ele nos convida a continuar. Vamos ao trabalho!

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Bernardo Guimarães: biografia*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/bernardo-guimaraes/biografia>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida privada e ordem privada no Império*. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional* (vol. 2) [recurso eletrônico]. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019, pp. 10-82.
- ALMEIDA, Marilene Oliveira; DE FREITAS VENEROSO, Maria do Carmo; DE FREITAS CAMPOS, Regina Helena. *Circulação, recepção e apropriação do método de ensino do desenho de Louise Artus-Perrelet: educação estética e modernismo na formação de professores primários no início do século XX*. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM, v. 10, n. 20, p. 181-215, 2020.
- ARTES E LETRAS (Lisboa), ano 1875, ed. 00001, p. 752. Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em: 13 jun. 2026.
- AYUB, Mônica. *Anos dourados: moda e comportamento anos 50*. Ecolé Brasil, 4 dez. 2018. Disponível em: [Ecolé Brasil – Anos Dourados: moda e comportamento anos 50](#). Acesso em: 3 jun. 2026.
- BARJA, Paulo Roberto; LEMES, Claudia Regina. *PULP FICTION: uma leitura das capas. Linha Mestra*, v. 16, n. 46, p. 40-52, jan./abr. 2022. DOI: 10.34112/1980-9026a2022n46p40-52.
- BATISTA, Francisco das Chagas. *A escrava Isaura*. n. ed. Gráfica e Editora GED, 1930. 24 p.
- BARROS, Victor. *Estado novo e as comemorações do duplo centenário nas colônias*. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, v. 39, p. 141-173, 2021. DOI: 10.14195/2183-8925_39_6. Disponível em: [Revista de História das Ideias](#). Acesso em: 3 jun. 2026.
- BRAVO, Natália. *Berthe Morisot, única mulher entre os Impressionistas. Conexão Paris*. Disponível em: <https://www.conexaoparis.com.br/berthe-morisot-impressionismo/>. Acesso em: 13 jun. 2026.
- BITTENCOURT, Mariany Alves. *Por que a transição capilar é um assunto de toda a sociedade? Archtrends Portobello*, 6 out. 2023. Disponível em: [Archtrends Portobello](#). Acesso em: 21 jun. 2026.
- CADENA, Nelson. *A escrava Isaura*. Correio 24 Horas, Salvador, 7 maio 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/so-se-ve-no-correio/a-escrava-isaura-0520>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- CAMPBELL, Adina. *O que é o movimento Black Lives Matter e quais são seus objetivos? BBC News Brasil*, 12 jun. 2021. Disponível em: [BBC News Brasil](#). Acesso em: 21 jun. 2026.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 243.
- CASTRO, Alex. *A invenção do Nordeste, de Durval Muniz de Albuquerque Jr.* Substack, 6 dez. 2021. Disponível em: [Substack Alex Castro](#). Acesso em: 26 maio 2026.
- CAVALCANTI, Tatiana. *Com "Escrava Isaura", Gilberto Braga levou as novelas brasileiras para o mundo. F5/Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 out. 2021. Disponível em: [F5/Folha de S.Paulo](#). Acesso em: 13 jun. 2026.
- CELESNAH, Xavana. *Expressionismo: características, obras, O Grito, Van Gogh, artistas*. Casa do Saber, [s.d.]. Disponível em: [Casa do Saber](#). Acesso em: 3 jun. 2026.

- COLAB PUC MINAS. *Qual o peso do complexo de vira-lata na cultura nacional? Colab PUC Minas*, Belo Horizonte, 10 jul. 2025. Disponível em: [Colab PUC Minas](#). Acesso em: 21 jun. 2026.
- DE AGUIAR VIEIRA, Sophia; MARQUES, Rodrigo Moreno. DESINFORMAÇÃO E NEGAÇÃO DO RACISMO: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA RACISTA DA DITADURA NO BRASIL E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL. *Enancib*, v. 4, n. 1, 2025.
- DE CARVALHO, Francismar Alex Lopes. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.
- DE CARVALHO, LUIZA SOUSA. *CONDENADOS AO TRONCO, AO FERRO E À PRISÃO*. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.
- ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. Escravos brancos no Brasil oitocentista: tráfico interno, distinções raciais e significados de ser branco durante a escravidão. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 64, p. 51-94, 2021. DOI: 10.9771/aa.v0i64.42469. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/42469>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Coordenação de textos: Carla Bassanezi. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/07/del-priore-histe3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf>. Acesso em: 27 maio 2026.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 77.
- DE SOUSA ALMEIDA MENDES, L. . BLACK LIVES MATTER: GÊNESE E ADAPTAÇÕES DO MOVIMENTO. REPOSITÓRIO DE ANAIS DA ANPUH-GO, [S. l.], p. 148/157, 2022. Disponível em: <https://anpuhgoias.com.br/periodicos/index.php/caliandra/article/view/38>. Acesso em: 22 jun. 2026.
- EDIURO EDUCAÇÃO. *Ediouro Educação*. Rio de Janeiro: Grupo Ediouro, [s.d.]. Disponível em: [Ediouro Educação](#). Acesso em: 13 jun. 2026.
- ELÍSIO, Régis Rodrigues. *Comissões de heteroidentificação: discursos, práticas e perspectivas das cotas raciais no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.
- FELIPE, Delton Aparecido. A educação da população negra na formação do Estado moderno brasileiro. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 7, n. 17, p. 322-342, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/84>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. In: _____. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2015.
- FURLAN, Pricila Kátia. *Personagens femininas na ordem patriarcal nos romances de Bernardo Guimarães: Rosaura, A enjeitada, A escrava Isaura e O seminarista*. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.
- FONTANINI, Khyara. Historiografia e imagem: Uma perspectiva historiográfica sobre a adesão das fontes visuais na História internacional e nacionalmente. *Oficina do Historiador*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. e37432, 2021. DOI: 10.15448/2178-3748.2021.1.37432. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/oficinadohistoriador/article/view/37432>. Acesso em: 28 abr. 2026.
- GAMA, Aliny; MADEIRO, Carlos. “Mais 15 municípios decretam emergência pela chuva no Nordeste; boato de enchente leva pânico ao Recife”. *UOL Notícias*, Cotidiano, Maceió, 5

- maio 2011, 22h11. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/05/05/mais-15-municipios-decretam-emergencia-pela-chuva-no-nordeste-boato-de-enchente-leva-panico-ao-recife.htm>. Acesso em: 8 maio 2026.
- GEROLDO, Nanci. Macunaíma, o mito das três raças e a sociedade brasileira. *Brasil Para Todos-Revista Internacional*, v. 7, n. 1, p. 35-41, 2019.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura (versão original)*. [S.l.]: Luso Livros, 2013. Disponível em: <https://archive.org/details/guimaraes-bernardo-a-escrava-isaura-lusolivros/A-Escrava-Isaura/>. Acesso em: 12 fev. 2026.
- GUIMARÃES CAMINHA NETO, José. *A escrava Isaura: uma visão multidimensional*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7933>. Acesso em: 12 fev. 2026.
- GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1978.
- HU, Zhihua; ROBERTO, Maria Teresa. A Introdução e Recepção da “A Escrava Isaura” na China. *Gláuks-Revista de Letras e Artes*, v. 20, n. 2, p. 99-123, 2020.
- IMPRESA INDUSTRIAL. *Bibliographia*. Rio de Janeiro, ano 1877, n. 2, p. 247, 25 fev. 1877. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em: 3 fev. 2026.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78p.
- JEAN LOUIS DAVID. Os penteados dos anos 50. *Jean Louis David Portugal*, 3 out. 2021. Disponível em: <https://jeanlouisdavid.pt/blogs/blog/os-penteados-dos-anos-50>. Acesso em: 3 jun. 2026.
- JORNAL DO COMMERCIO*. Rio de Janeiro, 23 jan. 1858. Anúncio de venda de escravizada saber “ler, escrever, tocar piano, bordar”, p. 3. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- KRAEMER, Lena. *Judging a book by its cover: reader responses to paratexts in English and German translations of Chinese banned books*. 2020. Tese de Doutorado. Newcastle University.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LIMA, Hudson. *Colhendo a liberdade: mobilidade social de músicos entre os séculos XIX e XX a partir da investigação de músicos escravizados em fazendas de café*. *Orfeu*, Florianópolis, v. 9, n. 1, e0206, 2024. DOI: 10.5965/2525530409012024e0206. Disponível em: [Revista Orfeu](#). Acesso em: 9 jun. 2026.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 40.
- LIMA, Wanderleyber da Silva. "Impressões do Nordeste": hegemonia, intelectuais e imprensa no debate regional nos anos 1920 e 1930. 2024. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2024. doi:10.11606/D.8.2024.tde-05112024-095504. Acesso em: 2026-04-13.
- MADEIRO, Carlos. “2011 deve ser marcado por eventos climáticos extremos, diz especialista”. *Notícias UFAL*, Maceió, 13 jan. 2011, 08h53. Disponível em: <https://noticias.ufal.br/ufal/noticias/2011/01/2011-deve-ser-marcado-por-eventos-climaticos-extremos-diz-especialista>. Acesso em: 8 maio 2026.
- MACHADO, Letícia Teixeira. *O projeto da branquitude através da miscigenação: a idealização racial em A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. p. 15. Disponível em: [Pantheon UFRJ](#). Acesso em: 27 maio 2026.
- MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue: história do pensamento racial*. São Paulo: Contexto, 2009.

- MARANGUAPENSE: jornal literário, commercial e noticioso. *Literatura – Bibliographia: A escrava Isaura*. Maranguape, CE, ano 1875, n. 42, 1875. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em: 3 fev. 2026.
- MATTOS, Margareth Silva de; RIBEIRO, Patricia Ferreira Neves; VIANNA, Sabrina. Capas e contracapas de livros ilustrados: espaços privilegiados de estratégias discursivas. *Cadernos de Letras da UFF Dossiê: A crise da leitura ea formação do leitor*, v. 52, p. 349-372, 2016.
- MASSARANI, Emanuel von Lauenstein. Nas aquarelas imaginárias ou figurativas, Cris Burger libera da cor uma eloquência poética. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, São Paulo, 30 ago. 2004. Disponível em: [Portal da ALESP](https://portal.da.alesp). Acesso em: 29 jun. 2026.
- MELO, Cássio Santos; ALBERTI, Luiz Antônio. A nova história e as histórias culturais: o conceito de apropriação em Roger Chartier, Carlo Ginzburg e E. P. Thompson. *OPSIS*, Catalão, v. 22, n. 2, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/Opsis/article/view/74876>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- MEPHISTOPHELES. *Recados a Penna*. Rio de Janeiro, ano 1874, n. 49, p. 2, 1874. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em: 3 fev. 2026.
- MERLO, Hugo R. A mestiçagem como conceito histórico: uma descrição teórica. *Revista de teoria da história*, v. 26, n. 1, p. 100-119, 2023.
- MONTEIRO, José Luís Cavaco. *Federalismo, regionalismo e municipalismo em Portugal (1920-1922)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.
- MOURA, Robert. Uma educadora republicana: a face desconhecida de Maria Lacerda de Moura. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2021. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/cxdgg/pdf/moura-9786586832617.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- MURARO, Rose Marie. Introdução histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- NAGAYAMA, Laís. Livro mostra inéditos e outro lado de Bernardo Guimarães nos 200 anos do autor de *A escrava Isaura*. *Estadão*, São Paulo, 18 ago. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/livro-mostra-ineditos-e-outro-lado-de-bernardo-guimaraes-nos-200-anos-do-autor-de-a-escrava-isaura/>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- NA LIVRARIA mais bonita do mundo. *Ciência Hoje das Crianças*, Rio de Janeiro, 1 dez. 2025. Disponível em: [Ciência Hoje das Crianças – Na livraria mais bonita do mundo](https://cienciahoje.org.br/na-livraria-mais-bonita-do-mundo). Acesso em: 13 jun. 2026.
- NUNES, Meire Aparecida Lôde; OLIVEIRA, Terezinha. Imagem e educação: um estudo sobre a potencialidade educativa das imagens por meio da compreensão de *imagem* e sua influência no exercício do pensar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 1-14, 2020, p. 3. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2020.e65854>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- O APÓSTOLO. Rio de Janeiro, ano X, n. 99, 2 jun. 1875. Publicação periódica. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- O ESPÍRITO SANTENSE. *Bibliographia*. Espírito Santo, ano 1875, n. 72, 1875. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em: 3 fev. 2026.
- PEREIRA, Amílcar Araújo. Movimento negro brasileiro: aspectos da luta por educação e pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil” ao longo do século XX. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH, 2011.
- PORTINARI, Candido. *Retirantes*. 1944. Óleo sobre tela, 190 × 180 × 2,5 cm. Acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Disponível em: [MASP – Retirantes](https://museu.artsp.org.br/retirantes). Acesso em: 9 jun. 2026.

- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. Estudos avançados, v. 18, p. 161-193, 2004.
- RAMPINELLI, Waldir José. Salazar: uma longa ditadura derrotada pelo colonialismo. Lutas Sociais, v. 18, n. 32, p. 119-132, 2014.
- RIBEIRO, Ana Elisa; KARAM, Sérgio. Coleções de livros de bolso no Brasil: notas sobre a Biblioteca Universal Popular. *Palavra Chave (La Plata)*, La Plata, v. 9, n. 2, e084, 2020. DOI: 10.24215/18539912e084. Disponível em: [Memoria Académica \(PDF\)](#). Acesso em: 13 jun. 2026.
- RIBEIRO, Graziela Escocard. Muito além da ficção: “A escrava Isaura” de livro se transformou em novela, virou lenda e até assombração. Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes, 2009.
- SABER CULTURAL. Hayez, Francesco. São Paulo: Saber Cultural, jan. 2011. Disponível em: [Saber Cultural – Hayez, Francesco](#). Acesso em: 14 jun. 2026.
- SAID, Tabita. *Mentes e corações: como a imprensa católica militante atuou na política brasileira*. Jornal da USP – Ciências, São Paulo, 15 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/mentes-e-coracoes-como-a-imprensa-catolica-militante-atuou-na-politica-brasileira/>. Acesso em: 4 fev. 2026.
- SANTIAGO, Werrianny. *Damas “negras”: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza, a construção da personagem feminina*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3223>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- SANTOS, Katiusce Aparecida Silva. *A feitiçeira Maria de Freitas em A estranha nação de Rafael Mendes, de Moacyr Scliar*. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37674>. Acesso em: 11 ago. 2026.
- SESSIONS, Debbie. Victorian hairstyles 1840s, 1850s, 1860s, 1870s, 1880s, 1890s. Vintage Dancer, 17 jan. 2022. Disponível em: [Vintage Dancer](#). Acesso em: 13 jun. 2026.
- SILVA, Estevam. Um genocídio esquecido: a crise famélica de 1979-1984 no Nordeste. *Opera Mundi*, São Paulo, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/pensar-a-historia/um-genocidio-esquecido-a-crise-famelica-de-1979-1984-no-nordeste/>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- SILVEIRA, Daniela Magalhães da. As lições de Bernardo Guimarães em *A Escrava Isaura*: escravidão e literatura na segunda metade do século XIX. *Temporalidades – Revista de História*, v. 9, n. 3, ed. 25, set./dez. 2017. ISSN 1984-6150.
- SOUSA, Fernando de. Os portugueses: de colonos a imigrantes. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade; FERLINI, Vera Lucia Amaral; MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de (orgs.). *De colonos a imigrantes: (E)migração portuguesa para o Brasil*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 21-36.
- SOUZA, Ildemberg Leite de. *A capa do livro como interface entre o design, o mercado e a cultura: um estudo multicaso de dois selos do grupo Companhia das Letras*. 2022. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/46428>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- TRAJANO, I. *A imagem como agente de representação social e ideológica no discurso multimodal*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 28 jun. 2026.
- UOL NOTÍCIAS. “Apagão que afetou oito Estados do Nordeste foi evento ‘raro’, diz Chesf”. *Cotidiano*, São Paulo, 4 fev. 2011, 17h03. Disponível em:

- <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/02/04/apagao-que-afetou-oito-estados-do-nordeste-foi-evento-raro-diz-superintendente-da-chesf.htm>. Acesso em: 8 maio 2026.
- VANDERSCHANTZ, Nicholas; TIMPANY, Claire. Who says you can't judge a book by it's cover?. 2013.
- VIEIRA, Thainá Nunes. Aproximações estéticas da obra “Retirantes” de Portinari com questões da xilogravura expressionista brasileira das décadas de 1940-1950. 2020. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- XAVIER, Giovana. “Entre personagens, tipologias e rótulos da ‘diferença’: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX”. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio dos Santos (org.). Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2012. p. 67.
- ZANDONÁ, Clara Damasceno; DOS SANTOS MENEZES, Marizilda; SOMMER, Gabriele Justino. Investigação e análise das obras de Alphonse Mucha: Art Nouveau e a moda. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, Florianópolis, v. 2, 2025.
- ZIN, Rafael Balseiro et al. Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão. 2022.

Apêndice A: A Escrava Isaura como material didático [material da oficina]

PLANO DE ENSINO – EDUCAÇÃO BÁSICA

PLANO DE CURSO DE HISTÓRIA - 3º ANO DO ENSINO MÉDIO - 2026

Escola Estadual Messias Pedreiro

Série/Ano: Ensino Médio/3º ano

Disciplina: História

Professor(a): Eduarda Toscano de Abreu

Ano de competência: 2026

Supervisor(a) da atividade: Katiusce Aparecida Silva Santos

Orientador: Gilberto César de Noronha

I. Apresentação e/ou Justificativa:

A obra *A Escrava Isaura* aborda literariamente uma interpretação do cotidiano do Brasil oitocentista, sendo um romance em torno do amor, pureza e perfeição do ideal feminino brasileiro, fatores enviesados até mesmo através das capas da obra. Trata-se de uma visão do mundo romântico da literatura, perpassando por ideais da classe privilegiada branca, além de suaves conexões com o movimento abolicionista ascendente na época.

Como o próprio título explicita, Isaura é uma escravizada, subentendendo-se que apresenta características físicas afrodescendentes. Contudo, após minuciosa revisão de algumas capas produzidas e repercutidas pelas editoras nacionais, pelo recorte temporal de 1884 a 2024, destaca-se a minoria de uma protagonista com demarcados traços africanos. Além disso, vale enfatizar que a maioria das capas da obra possuem a figura de Isaura representada por características físicas de mulheres brancas e reforçam um caráter sexualizado sobre a mulher brasileira, assim como as imagens construídas através das cenas literárias e de folhetins sobre a obra em questão. Assim, a intenção deste ciclo de oficinas é a de investigar sobre como tem sido representada Isaura, principalmente nas capas da obra e nas cenas literárias escritas por Guimarães.

A iniciativa envolve a análise das representações da personagem através das capas do romance, dialogando com a obra de Guimarães em sua versão de folhetim e de livro, problematizando historicamente os (pre)conceitos que orientam a composição destas produções editoriais e de imprensa. Para tanto, busca-se investigar as referências histórico-culturais e quais interpretações essas

construções imagéticas (seja através de cenas literárias, cenas mentais ou das capas) repercutem sobre a figura da mulher afrodescendente, remetendo ao Brasil oitocentista e comparando com a atualidade.

Ademais, a proposta visa atender algumas habilidades previstas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), tais quais:

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica. (BNCC, p. 525)

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos. (BNCC, p. 525)

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura. (BNCC, p. 525)

II. Objetivos:

2.1 – Objetivo Geral:

Compreender obras significativas da literatura brasileira, contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção, tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico. (BNCC, p. 524)

2.2: Objetivos Específicos:

Conhecer a obra *A Escrava Isaura* e seu respectivo contexto histórico;
Analisar as representações visuais de Isaura nas capas de diversas edições do romance;

Identificar, através da análise das capas, as referências culturais europeias, afrobrasileiras e indígenas;

Estabelecer um quadro comparativo entre verdade histórica e verossimilhança.

III. Conteúdo Programático:

Unidade 1: Podemos julgar um livro pela capa? Conhecendo as representações de Isaura, de Bernardo Guimarães

1.1 – O autor e a obra;

1.2 – Referências europeias nas capas;

1.3 – Referências afrobrasileiras nas capas e suas relações com as ondas do movimento negro no Brasil;

1.4 – Referências indígenas nas capas;

1.5 – Contato com a obra *A Escrava Isaura* a fim de conhecer a Isaura descrita por Guimarães.

Unidade 2: Análise histórica das representações visuais de Isaura

2.1 – Quem é Isaura para Guimarães? Leitura de fragmentos da obra que delineiam a personagem, a fim de reforçar e retomar sua versão literária;

2.2 – Repercussão de *A Escrava Isaura* na imprensa, apresentando fragmentos do jornal *O Globo* (1874);

2.3 – Apresentação das capas encontradas entre 1916 a 2024;

2.4 – Agrupamento das capas como resultado da pesquisa, realizando uma associação à atividade feita em grupo, pelos alunos. Discussão sobre as capas e seus respectivos contextos da época de lançamento. Identificação das referências europeias, afrobrasileiras e indígenas, presentes nas diversas representações de Isaura;

2.5 – Apresentação das capas da obra adaptadas pela literatura em cordel. Discussão sobre a influência da novela (1974) inspirada pelo romance, nas capas e em outros países. Exibição das capas do livro em países como China e Alemanha, a fim de enfatizar a repercussão internacional da obra;

2.6 – Reflexão sobre a leitura pós-humana de Isaura, apresentando arte realizada pela Inteligência Artificial, de acordo com as cenas literárias de Guimarães, que descrevem Isaura.

IV. Recursos e Metodologia:

5.1 – Metodologia

A primeira oficina seria para contextualizar os alunos em relação ao tema, abordando informações sobre a obra literária *A Escrava Isaura*, perpassando por seu escritor Bernardo Guimarães e finalizando com a divisão das salas em grupos para entrega de um roteiro formativo a ser realizado durante a aula (o qual inclui a

necessária leitura de fragmentos da obra discutida). O segundo momento seria uma espécie de “estudo de caso” para estabelecer as semelhanças e distanciamentos entre os fatos históricos e os aspectos presentes na literatura de Guimarães. Assim, será abordado acerca das representações realizadas em torno da personagem Isaura (principalmente através das capas). Então, será disponibilizada uma apresentação das capas do livro em questão, através de *slides*, contando com uma troca de saberes – diálogo aberto – com os estudantes, promovendo análises das múltiplas imagens de Isaura.

5.2. Recursos didáticos:

Voz e giz;
Notebook;
Projektor;
Slides;
Folhas de papel;
Exemplares de *A Escrava Isaura*.

V. Avaliação:

Ao final da primeira oficina, a proposta é que respondam, em grupo, o roteiro formativo que será entregue impresso. O importante não é avaliar a estrutura das respostas, mas as análises feitas pelos estudantes em relação às formas como as imagens de Isaura foram desenvolvidas pelo literato e pelas capas das diversas edições.

Ao final do segundo dia, analisar a capa da obra disponível na biblioteca.

VI. Bibliografia Básica:

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009. 64 p. ISBN 978-85-254-1286-7.

VII. Bibliografia Complementar:

CAMPBELL, Adina. **O que é o movimento Black Lives Matter e quais são seus objetivos?** *BBC News Brasil*, 12 jun. 2021. Disponível em: [BBC News Brasil](#). Acesso em: 21 jun. 2026.

Bernardo Guimarães. **A escrava Isaura**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875. Edição original digitalizada. Disponível em: [Biblioteca Nacional Digital](#). Acesso em: 31 mar. 2026.

PEREIRA, Amílcar Araújo. Movimento negro brasileiro: aspectos da luta por educação e pela "reavaliação do papel do negro na história do Brasil" ao longo do século XX. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH*, 2011.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. As lições de Bernardo Guimarães em *A Escrava Isaura*: escravidão e literatura na segunda metade do século XIX. *Temporalidades – Revista de História*, v. 9, n. 3, ed. 25, set./dez. 2017. ISSN 1984-6150.

N. da aula	Data	Tema da aula [do conteúdo programático] Bibliografia ou fontes utilizadas, quando for o caso.	Objetivo a ser alcançado	Metodologia	Avaliação [Instrumento]
01	29/06	Apresentação de <i>A Escrava Isaura</i> e informações sobre o autor, Bernardo Guimarães. Introdução às diversas capas do romance. Serão distribuídos, entre os grupos, diversos exemplares da obra literária, disponibilizados no acervo da escola.	Conhecer a obra <i>A Escrava Isaura</i> e seu respectivo contexto histórico; Analisar as representações visuais de Isaura nas capas de diversas edições do romance; Identificar, através da análise das capas, as referências culturais europeias, afrobrasileiras e indígenas.	Contextualizar os alunos em relação ao tema, abordando informações sobre a obra literária <i>A Escrava Isaura</i> , perpassando por seu escritor Bernardo Guimarães e finalizando com a divisão das salas em grupos para entrega de um roteiro formativo a ser realizado durante a aula (o qual inclui a necessária leitura de fragmentos da obra discutida).	Roteiro impresso a ser respondido em grupo.
02	30/06	Análise das representações visuais realizadas pelas diversas edições do romance, conectando aos contextos históricos de seus anos de lançamento.	Analisar as representações visuais de Isaura nas capas de diversas edições do romance; Identificar, através da análise das capas, as referências	"Estudo de caso" para estabelecer as semelhanças e distanciamentos entre os fatos	Participação dos alunos ao longo da aula.

PODEMOS JULGAR O LIVRO PELA CAPA?

Nomes:

Ano/turma:

É possível aprender História através da análise de imagens? E se as imagens pudessem nos ajudar a entender visões de mundo e nosso passado-presente? Podemos julgar o livro pela capa?

A OBRA

A *Escrava Isaura* é considerado um **romance abolicionista escrito e publicado em forma de livro em 1875**, por Bernardo Guimarães, um literato mineiro nascido em Ouro Preto.

Escrava de pele branca, a linda e doce Isaura foi criada e educada como filha na família a que pertencia, em uma fazenda **localizada em Campos dos Goytacazes (RJ)**. Durante muito tempo, foi protegida da matriarca, que prometeu que, após sua morte, a moça seria libertada. Entretanto, esse desejo não foi atendido pelo filho e herdeiro da família, e Isaura se tornou propriedade de Leôncio, um jovem sem caráter que, mesmo casado, se interessava obsessivamente por ela.

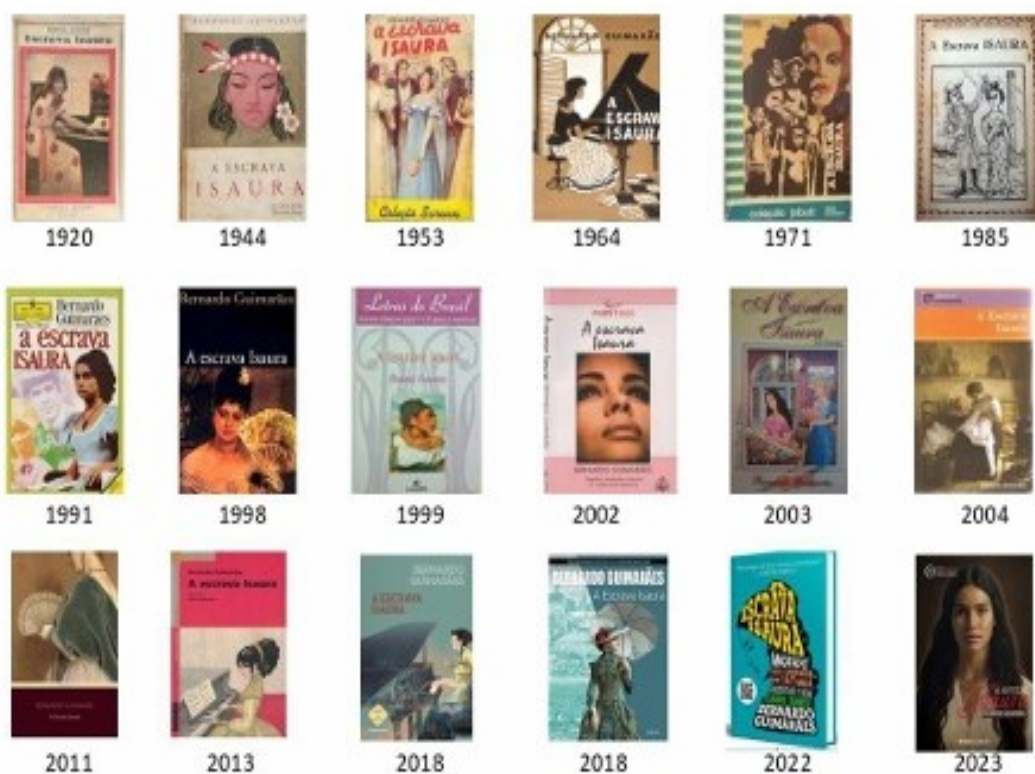
Para afastá-la do assédio de Leôncio e de outros homens da fazenda, o pai da moça, Miguel, um homem livre, tenta comprar a filha, mas não consegue. Decide então fugir com a moça para o nordeste do país. Os dois se instalam em Recife e adotam novos nomes. Lá, Isaura conhece Álvaro, rapaz rico, estudante, por quem se apaixona e é correspondida. Ele fica sabendo que ela é uma escrava fugida, mas não deixa de amá-la.

Tendo sido descoberta e recapturada, Isaura volta para a fazenda de Leôncio, que a submete a castigos e humilhações porque não cede a suas investidas. Enquanto isso, Álvaro, que não desiste de sua amada, vai fazer de tudo para ficarem juntos.

A PROPOSTA DE ANÁLISE:

Esta proposta possui o intuito de promover uma análise das capas do romance de Bernardo Guimarães, "A escrava Isaura". O objetivo da oficina de análise de capas é levar os estudantes a aprenderem História através da leitura de imagens, conhecendo as diversas representações/interpretações de Isaura.

"O romantismo ficcional em A Escrava Isaura poder-se-ia dizer que se caracteriza fundamentalmente na preocupação nacionalista da época de "criar um romance nacional". Seguindo a onda literária abolicionista de então, o autor cria uma personagem inverossímil, mas com força suficiente para cativar o leitor, e tenta ainda pintar quadros da sociedade rural escravocrata e da aristocracia urbana e mundana. Tendo em vista que a história se passa na segunda metade do século XIX", responda:



ENUMERE AS CAPAS ACIMA (DE 1 A 18) E RESPONDA AS QUESTÕES:

OBJETIVO DA ATIVIDADE 1: [LEVAR OS ESTUDANTES A RECONHECEREM AS REFERÊNCIAS DA CULTURA EUROPÉIA PRESENTE NAS CAPAS]

Questão 01: Observe as capas acima e selecione aquelas que estão associadas às camadas privilegiadas do Brasil do século XIX que viviam influenciadas pela cultura européia.

OBJETIVO DA ATIVIDADE 2: [LEVAR OS ESTUDANTES A IDENTIFICAREM OS OBJETOS-SÍMBOLOS QUE FAZEM REFERÊNCIA À CULTURA EUROPEIA]

Questão 02: Observe os objetos presentes nas capas. Quais que você identificou, fazem referência à cultura européia do século XIX? Enumere-os e justifique sua resposta

OBJETIVO DA ATIVIDADE 3: [LEVAR OS ESTUDANTES A PERCEBEREM AS REFERÊNCIAS AFRO BRASILEIRAS NAS CAPAS, ALÉM DE ASSOCIÁ-LAS AOS MOVIMENTOS DE LUTAS ANTIRRACIAIS QUE OCORRERAM NO BRASIL NA DÉCADA DE 1970 E OS QUE OCORREM NA CONTEMPORANEIDADE]

Questão 03: Leia o texto e responda às questões abaixo:

A tradição de luta contra o racismo, que contou com diferentes tipos de organizações políticas e culturais em vários setores da população negra brasileira desde o final do século XIX, foi importante para o surgimento, em meio a um período de ditadura militar, do movimento negro contemporâneo no Brasil no início da década de 1970. No entanto, podemos encontrar várias características específicas nesse movimento contemporâneo, como por exemplo o fato de que, diferentemente de momentos anteriores, a oposição ao chamado "mito da democracia racial" e a construção de identidades político-culturais negras foram o fundamento a partir do qual se articularam as primeiras organizações. (Pereira, 2011)

Já existiam movimentos de enaltecimento do cabelo afro bem antes de surgir a internet. O *Black Is Beautiful*, da década de 1960, encorajou vários afro-americanos a valorizarem suas características físicas. Porém, foi a partir dos anos 2010 que o assunto ganhou holofote suficiente para atingir mesmo as pessoas que não faziam parte do combate direto ao racismo. Nas redes sociais, começaram

a surgir grupos e canais que disseminavam informações a respeito dos cabelos crespos e iniciavam um movimento que ultrapassava a temática capilar. Ao abandonar alisamentos, pessoas – em sua maioria, mulheres – começaram a trilhar uma jornada de autoconhecimento profundo. As ideias não ficaram somente no ambiente virtual. Logo, passeatas em prol da beleza negra ganharam as ruas; marcas de cosméticos se adaptaram à demanda que se espalhava em grupos de Facebook; salões específicos para cabelos não-lisos surgiram; pesquisas acadêmicas sobre o assunto começaram a ser produzidas em maior quantidade; o Dia do Orgulho Crespo foi decretado por lei no Brasil. (Bittencourt, 2023)

- a) Em quais capas você identifica referências afro-brasileiras? Em que ano foram publicadas?
- b) Disserte sobre possíveis relações entre as capas selecionadas, suas datas de lançamento e as lutas do movimento negro no Brasil.

OBJETIVO DA ATIVIDADE 4: [LEVAR OS ESTUDANTES A IDENTIFICAREM REFERÊNCIAS INDÍGENAS NAS CAPAS, OU DE OUTROS GRUPOS ÉTNICOS PARA ALÉM DO EUROPEU E AFRICANO]

Questão 04: Existem referências a outros grupos étnicos – que não ao europeu e afro brasileiro – nestas representações de Isaura, nas capas? Justifique sua resposta.

OBJETIVO DA ATIVIDADE 5: [COMPREENDER O ENTENDIMENTO DO ALUNO FRENTE O CONTEXTO DA OBRA LITERÁRIA E ÀS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE ISAURA]

Questão 05: Qual das capas te chamou mais atenção? Justifique sua resposta.

OBJETIVO DA ATIVIDADE 6: [INSTIGAR UM CONTATO ENTRE ESTUDANTE E LITERATURA ABOLICIONISTA BRASILEIRA]

Questão 06: Em sua opinião, qual capa representa melhor a Isaura delineada por Bernardo Guimarães? Para responder à esta pergunta, leia as páginas 9-10 do romance, disponível em: [A Escrava Isaura](#)

OBJETIVO DA ATIVIDADE 7: [CONSCIENTIZAR ACERCA DO CONHECIMENTO PRÉVIO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO À HISTÓRIA DE A ESCRAVA ISAURA]

Questão 07:

- a) Antes da oficina, você já conhecia a personagem Isaura? Se sim, através de qual suporte (filme, novela, série, vídeo, rede social, professores/aulas, leitura da obra)?
- b) Você já leu o livro A Escrava Isaura?
- c) Você recomendaria este livro para alguém? Se sim, por quais razões?